

DIÁLOGO



Volume 22 No. 1

PERU

**Contra-ataque ao
Sendero Luminoso no VRAE**

**Protegendo
a Amazônia**

**Comunidades
contra o crime**

**Acesso negado
aos terroristas**

Índice

CONTENTS



4



14



72

Reportagens

FEATURES

- 4** Proteger a Amazônia
Protecting the Amazon
- 14** Parcerias + ferramentas de intercâmbio = sucesso da missão
Partnerships + Tools of the Trade = Mission Success
- 24** A aviação do Exército brasileiro na Amazônia
Brazilian Army Aviation in the Amazon
- 28** Estratégia militar, um passo à frente
Military Strategy, One Step Ahead
- 34** Para erradicar a fraude de passaportes
Stamping Out Passport Fraud
- 44** Treinamento em direitos humanos
Training for Human Rights
- 50** Antigo inimigo, nova estratégia
Old Enemy, New Strategy
- 56** Nova tecnologia: aliado ou inimigo?
New Technology: Ally or Enemy?
- 66** Dever civil, responsabilidade compartilhada
A Civil Duty, A Shared Responsibility
- 72** Fuzileiros Navais em sincronia na região
Regional Marines in Sync

Em cada edição

IN EVERY ISSUE

10 Ponto de Vista

Entrevista com o Contra-Almirante da Marinha dos EUA Thomas L. Brown II, comandante do Comando de Operações Especiais do Sul

Viewpoint

Interview with U.S. Navy Rear Admiral Thomas L. Brown II, commander of Special Operations Command South

20 Panorama Regional

Regional Panorama

40 Segurança e Tecnologia

Security and Technology

60 Fazendo a Diferença

Making a Difference

76 Saber é Poder

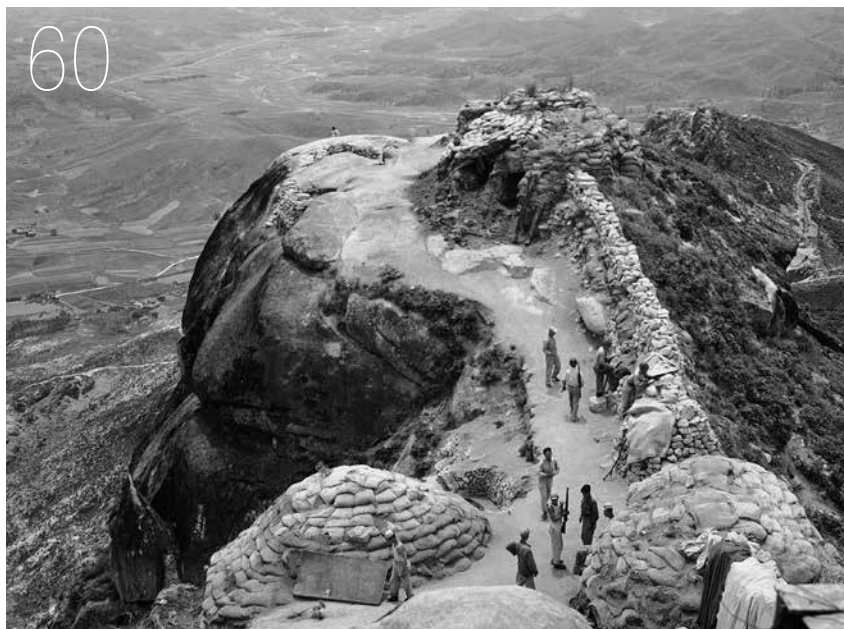
Knowledge is Power

80 Panorama Global

Global Panorama

83 Lembremos

Remembering



JAMIE REYES LEÓN

CAPA: Soldados peruanos destacados na remota região do Vale dos Rios Apurímac e Ene (VRAE) têm que se adaptar aos terrenos difíceis e montanhosos como também às densas florestas nas selvas.

ON THE COVER: Peruvian Soldiers stationed in the remote region of the Apurimac and Ene Rivers Valley (VRAE) have to adapt to rugged mountainous terrains and densely forested jungles. Home to nearly a third of the country's coca crops, the VRAE is the focal point for a counterinsurgency war being fought by the Peruvian Armed Forces against the Shining Path guerrilla group.

DIÁLOGO

Fórum das Américas
Forum of the Americas

Diálogo: O Fórum das Américas é uma revista militar profissional publicada trimestralmente pelo Comando do Sul dos Estados Unidos na forma de um fórum internacional para o contingente militar na América Latina. As opiniões expressas nesta revista não refletem necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando nem de qualquer outra agência governamental dos Estados Unidos. Os artigos são escritos pela equipe de funcionários de *Diálogo*, salvo indicação em contrário. O Secretário de Defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para a condução de negócios públicos, conforme requerimento judicial do Departamento de Defesa.

Diálogo: The Forum of the Americas is a professional military magazine published quarterly by the United States Southern Command as an international forum for military personnel in Latin America. The opinions expressed in this magazine do not necessarily represent the policies or points of view of this command nor of any other agency of the United States Government. All articles are written by *Diálogo's* staff, unless otherwise noted. The Secretary of Defense has determined that publication of this magazine is necessary for conducting public business as required of the Department of Defense by law.

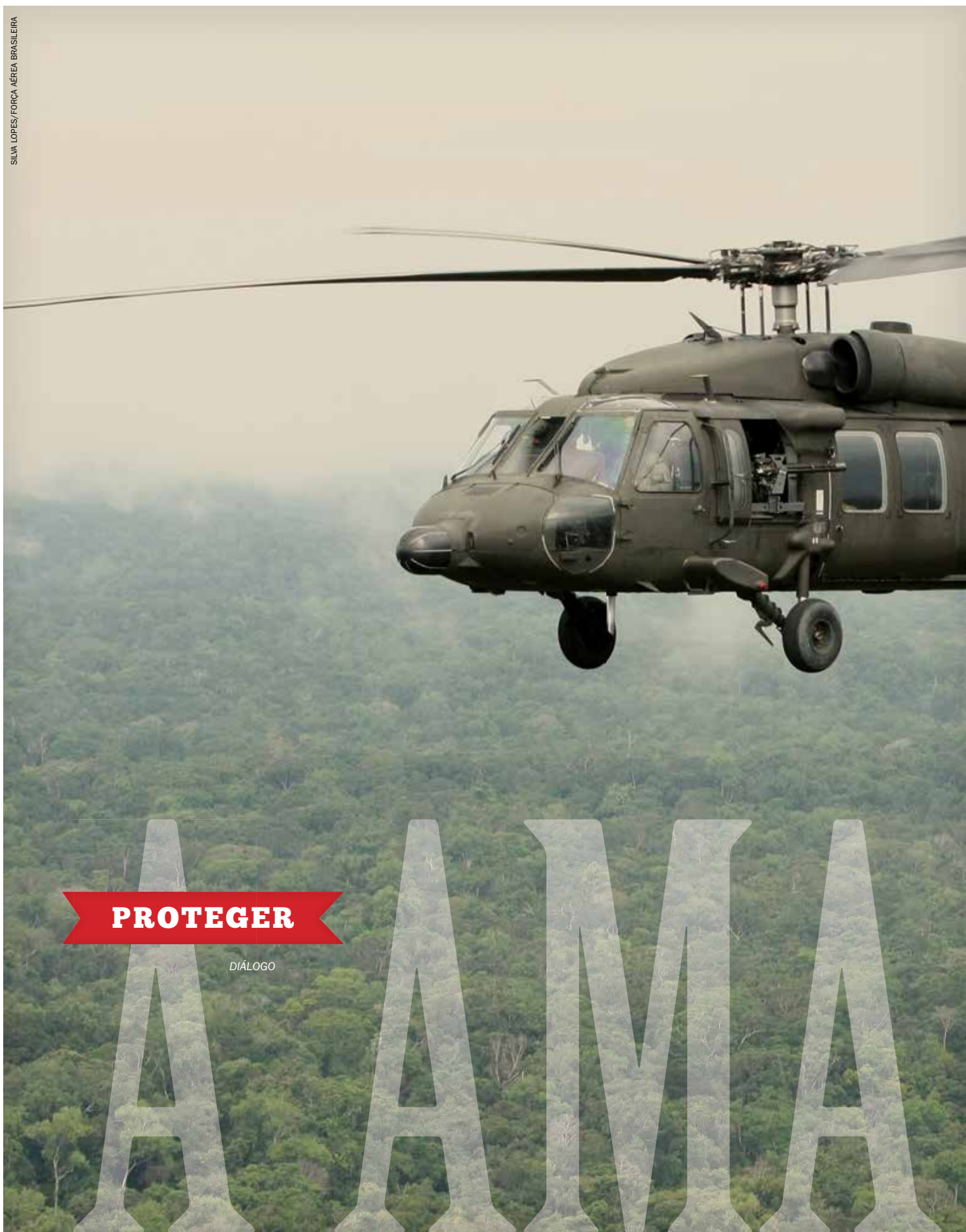
Contate-nos
Contact Us

dialogo@dialogo-americas.com

DIÁLOGO

9301 NW 33rd Street
Doral, FL 33172
USA

www.dialogo-americas.com



PROTEGER

DIÁLOGO

AMMA



**AS FORÇAS
ARMADAS DO
BRASIL E SEUS
PARCEIROS
REGIONAIS ESTÃO
TRABALHANDO
EM CONJUNTO
PARA COMBATER
O TRÁFICO ILÍCITO
NA REGIÃO DA
AMAZÔNIA
OCIDENTAL**

ZÔNIA



A Amazônia Ocidental é um importante ponto de tráfego para veículos ilegais e contrabandistas que trazem armas e drogas para o Brasil. Muitas vezes, as armas que circulam por essas áreas caem nas mãos de gangues violentas em favelas do Rio de Janeiro e São Paulo. Os criminosos também causam destruição ao meio ambiente e ameaçam comunidades indígenas, criando e protegendo novas rotas de tráfico através da selva. Em agosto de 2011, o Ministério da Defesa do Brasil realizou uma operação conjunta das

Forças Armadas brasileiras como parte do Plano de Fronteira Estratégica. Batizada de Ágata, a operação procurou combater crimes ambientais ao longo da fronteira da Amazônia Ocidental e contou com a participação das forças colombianas.

No mês seguinte, o Brasil iniciou a Operação Ágata 2. Sete mil soldados foram mobilizados ao longo de sua fronteira sul para combater o crime organizado, com apoio aéreo da Argentina, Paraguai e Uruguai. Juntas, as forças militares da região estão ajudando a impedir a utilização dessas áreas para fins ilícitos.



WELLINGTON SIMÕES/FORÇA AÉREA BRASILEIRA

3

1 As tropas foram apoiadas por helicópteros e aviões militares, e veículos blindados leves. The troops were supported by military helicopters, planes and light armored vehicles. **2** Os recursos da Força Aérea brasileira foram empregados em uma escala maior nas cidades de São Gabriel da Cachoeira e Tabatinga, aumentando a presença do governo ao longo da fronteira com a Colômbia. Brazilian Air Force resources were deployed on a larger scale to the cities of São Gabriel da Cachoeira and Tabatinga, increasing government presence along the border with Colombia. **3** Veículos aéreos não tripulados fabricados no Brasil foram utilizados durante a Operação Ágata. Brazilian-manufactured unmanned aerial vehicles were deployed during Operation Ágata.



4



5

4 Durante a Operação Ágata 2, o Brasil destacou 7.000 soldados ao longo da sua fronteira sul para combater o crime organizado. During Operation Ágata 2, Brazil deployed 7,000 troops along its southern border to combat organized crime. **5** A Operação Ágata estabeleceu postos de controle fixos e móveis em busca de drogas e armas que abastecem traficantes em São Paulo e Rio de Janeiro, atuando também no controle do tráfico ilegal de veículos na fronteira. Operation Ágata established fixed and mobile checkpoints in search of drugs and weapons that supply gangs in São Paulo and Rio de Janeiro. It also controlled the illegal traffic of vehicles across the border. **6** Membros do 8º Batalhão de Infantaria de Selva do Exército Brasileiro, com base localizada próxima à fronteira com a Colômbia, participaram da Operação Ágata. Members of the 8th Infantry Jungle Battalion of the Brazilian Army, based close to the border with Colombia, took part in Operation Ágata.



EXÉRCITO BRASILEIRO

6

PROTECTING THE AMAZON

DIÁLOGO STAFF

The Brazilian Armed Forces and their regional partners are working together to stop illicit trafficking through the pristine Western Amazon region

The Western Amazon region is a major transit point for illegal vehicles and smugglers bringing weapons and drugs into Brazil. Often, arms that transgress these areas fall into the hands of violent gangs in the shantytowns of Rio de Janeiro and São Paulo. The criminals also cause environmental destruction and threaten indigenous communities by creating and protecting new trafficking routes through the jungle.

In August 2011, the Brazilian Defense Ministry conducted a joint operation by the Brazilian Armed Forces as part of the

country's Strategic Border Plan. Code-named Ágata, the operation sought to combat environmental crimes along the border of the Western Amazon region. Colombian forces also participated.

The following month, Brazil initiated Operation Ágata 2. Seven thousand troops were deployed along its southern border to combat organized crime, with air support from Argentina, Paraguay and Uruguay. Together, the military forces of the region are helping to put a stop to the use of these pristine areas for illicit ends.



MAJ. EMANUEL ORTIZ/SOCSOUTH

O C Alte Thomas L. Brown II, à direita, e o CF Fernando José Afonso Ferreira de Sousa conversam durante a recente visita do comandante do SOCSOUTH ao Brasil.

RDML Thomas L. Brown II, right, and Cmdr. Fernando José Afonso Ferreira de Sousa talk during the SOCSOUTH commander's recent visit to Brazil.

Construir Parcerias

Entrevista com o Contra-Almirante da Marinha dos EUA
Thomas L. Brown II, comandante do Comando de Operações Especiais do Sul

DIÁLOGO

O Contra-Almirante Thomas L. Brown II já trabalhou na América Latina e estudou a região ao longo das últimas décadas. Aprendeu espanhol na década de 80, frequentou a Escola de Estudos Avançados Internacionais da Universidade Johns Hopkins e fez mestrado em Estudos Latino-Americanos, sendo em seguida designado para o Grupo de Assessoria Militar do Exército dos EUA em El Salvador. Mais tarde comandou a Unidade Quatro de Operações Navais Especiais (NSW, por sua sigla em inglês) em Porto Rico, que serve como o Componente NSW das Operações Especiais do Comando Sul

dos EUA (SOCSOUTH, por sua sigla em inglês).

Segundo suas próprias palavras, “a América Latina é um lugar fascinante” e agora, como comandante do SOCSOUTH em Homestead, Flórida, tem a oportunidade de trabalhar com os parceiros dos EUA no hemisfério para enfrentar problemas tais como o narcotráfico, a violência de grupos extremistas e demais desafios.

Na entrevista a seguir, concedida a *Diálogo*, o C Alte Brown fala sobre a missão do SOCSOUTH e a importância de se entender o idioma e a cultura da região.

DIÁLOGO: Qual é a missão do SOCSOUTH e sua relação com o SOUTHCOM?

Contra-Almirante Thomas L. Brown II: O SOCSOUTH é um quartel-general de operações especiais sob a responsabilidade do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Fraser [comandante do Comando Sul dos EUA]. O Ten Brig Fraser conta com um sub-comando para cada serviço, ou seja, Comando Sul da Marinha dos EUA, o Comando Sul das Forças de Fuzileiros Navais, e o SOCSOUTH, que representa seu elemento de comando das Forças de Operações Especiais (SOF, por sua sigla em inglês) para planejar e conduzir estes tipos de operações. Uma das diferenças entre o SOCSOUTH e os sub-comandos de serviço é que nós somos um comando conjunto sub-unificado, com membros de todos os serviços.

DIÁLOGO: Quais são as tarefas essenciais do SOCSOUTH?

C Alte Brown: A missão do Comando das Áreas de Operações Especiais é planejar e executar operações especiais, no nosso caso na América Latina e no Caribe. Isto abrange desde a realização de operações de Relações Civis [RC] até a possibilidade de operações especiais em apoio direto ou em parceria com nossos amigos da região, como fizemos com a Operação Willing Spirit, para libertar os reféns norte-americanos em poder das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia [2003-2008]. O que está sob as atribuições das operações especiais são, em geral, uma surpresa para as pessoas; estas as ferramentas de “poder sutil” que possuímos, desde Operações de Informações até as Relações Civis. O Comando de Operações Especiais dos EUA tem uma brigada de Relações Civis que fornece elementos de apoio civil-militar empregados pelo SOCSOUTH para ajudar nossas nações parceiras e suas equipes durante seus esforços na região. Empregamos rotineiramente nossas Forças Especiais do 7º e 20º Grupamentos de Forças Especiais, Combatentes de Operações Especiais e os SEALs, principalmente da Equipe de Embarcações Especiais 22 e Equipe SEAL 18, Comandos da Força Aérea e instrutores das Forças de Operações Especiais. Todo este potencial nos ajuda a capacitar nossos parceiros no combate aos perigosos agentes não-estatais, ou usando o termo citado por John Arquilla [um PhD em Relações Internacionais pela Universidade de Stanford que escreveu diversos artigos e livros sobre o futuro das guerras], as “redes obscuras”.

DIÁLOGO: O que as tropas dos EUA aprendem de sua participação nos exercícios multinacionais?

C Alte Brown: Um dos valores fundamentais das forças de operações especiais é que elas têm uma sintonia cultural, trabalham com equipes pequenas e se mantêm em missões por longos períodos longe de bases estabelecidas ou tradicionais, o que nos permite aprender e compreender o ambiente e as pessoas com quem trabalhamos. Através de nossos exercícios, adquirimos um conhecimento cultural mais elaborado, maior compreensão do potencial de nossas nações parceiras, e solidificamos os relacionamentos que nos permitem melhor sincronizar a capacidade e a eficiência de nossos parceiros contra o narcotráfico, os terroristas e outras ameaças afins. Relacionamentos são vitais nesse âmbito. Conhecer as pessoas e seus pontos de vista, e ao mesmo tempo compreender os poderes, fraquezas e necessidades de nossos parceiros nos auxilia a reforçar seu potencial e a ajudá-los a lidar com seus pontos fracos.

Building Partnerships

Interview with U.S. Navy Rear Admiral
Thomas L. Brown II, commander of
Special Operations Command South

DIÁLOGO STAFF

Rear Admiral Thomas L. Brown II has worked in and studied Latin America for the last few decades. He learned Spanish in the '80s, attended the Johns Hopkins University School of Advanced International Studies to pursue a master's degree in Latin American studies, and was subsequently assigned to the U.S. Military Advisory in El Salvador. Later, he commanded Naval Special Warfare (NSW) Unit Four in Puerto Rico, which serves as the Special Operations Command South (SOCSOUTH) NSW Component Command.

“Latin America is a fascinating place,” he observed. Now, as the commander of SOCSOUTH in Homestead, Florida, he has the opportunity to work with the U.S. hemispheric partners to tackle problems such as illicit trafficking, violent extremists and other irregular challenges.

In an interview with *Diálogo*, RDML Brown talks about the mission of SOCSOUTH, and the importance of understanding the language and the culture of the region.

DIÁLOGO: What is the mission of SOCSOUTH and how does it relate to U.S. Southern Command (SOUTHCOM)?

Rear Admiral Thomas L. Brown II: SOCSOUTH is a special operations headquarters assigned to General Fraser [SOUTHCOM Commander]. Gen. Fraser has a service component commander for each service, for example Commander U.S. Navy South, Commander Marine Forces South, and SOCSOUTH is his Special Operations Forces component command for planning and conducting special operations. One difference between SOCSOUTH and the service component commands is that we are a subunified joint command, with members in all services.

DIÁLOGO: What are the core tasks of SOCSOUTH?

RDML Brown: The mission of Theater Special Operations Command is to plan and execute special operations, in our case in Latin America and the Caribbean. So that means everything from conducting Civil Affairs [CA] operations to the possibility of special operations in direct support of or in partnership with our friends in the region, like we did with Operation Willing Spirit, the operation to rescue the U.S. hostages being held by the Revolutionary Armed Forces of Colombia [FARC] in Colombia [2003-2008]. What falls under the rubric of special operations is often a surprise to people, the “soft power” tools we possess, from Information Operations to Civil Affairs. The U.S. Special Operations Command [SOCOM] has a CA brigade that provides civil-military support elements that SOCSOUTH employs in



PETTY OFFICER 1ST CLASS ELISANDRO T. DIAZ/U.S. NAVY



PETTY OFFICER 1ST CLASS BRIAN A. GOYAK/U.S. NAVY

DIÁLOGO: Qual a importância de se conhecer a cultura e o idioma da região?

C Alte Brown: Pela minha experiência de ter trabalhado em diferentes partes do mundo, o SOUTHCOM tem um papel ímpar na América Latina, e nesta região se espera que os estrangeiros também falem o idioma. Por isso, para se chegar aos objetivos, é importante ter um certo nível de fluência no idioma e compreender as diferenças culturais. Algumas pessoas podem ter mais facilidade de comunicação do que outras, e podem se fazer entender ou aprender sem conhecer o idioma, mas aí é um desafio muito maior. Assim sendo, eu diria que saber o idioma e conhecer a cultura são essenciais para a missão aqui. A liderança do Comando de Operações Especiais dos EUA vem continuamente enfatizando a importância do domínio do idioma, bem como o conhecimento da região e da cultura como uma estratégia de investimento, e o SOUTHCOM se beneficia com a capacitação que as Forças de Operações Especiais trazem para a área de operações.

DIÁLOGO: Como as novas tecnologias utilizadas pelos narcotraficantes, como os semissubmersíveis, afetam sua missão?

C Alte Brown: Trabalhamos com afinco para nos mantermos atualizados quanto às novas tecnologias ou técnicas utilizadas pelos traficantes, pelas organizações criminosas transnacionais e os narcoterroristas como os membros das FARC, que costumam transportar as drogas e outras mercadorias ilícitas. Levamos isto em consideração na forma como treinamos e reforçamos nossas parcerias. Estamos sempre atentos a isto quando trabalhamos com as equipes norte-americanas, e em estreita colaboração com os países, para moldar nosso treinamento e demais esforços para aumentar o potencial contra as ameaças, sempre que estas “redes obscuras” adotam novas tecnologias de comunicações, transportes, e outras tecnologias.

DIÁLOGO: O senhor poderia falar sobre as Forças Especiais no SOCSOUTH?

C Alte Brown: O termo genérico para isto a que você se refere é Forças de Operações Especiais, ou SOF, o que inclui as Forças Especiais do Exército, os Combatentes de Operações Especiais da Marinha, as Equipes de Operações Especiais dos Fuzileiros Navais dos EUA e os pelotões SEAL, bem como as operações especiais da Força Aérea com o seu 6º Esquadrão de Operações Especiais para aumentar a capacidade de parceria na aviação, e a Equipe de Controle

de Combate e membros de paraquedistas de resgate. No entanto, temos uma gama muito mais abrangente de capacitações, diferentes das que acabei de mencionar, e que não são aquilo que as pessoas normalmente imaginam em relação às SOF pelo que é mostrado nos filmes. Tão importante quanto – se é que não mais importante – é o fato de que o SOCSOUTH está na vanguarda do emprego das Relações Civis, das Operações de Informações e da liderança intelectual acadêmica para solucionar os complexos problemas das operações ilegais. Nossos conhecimentos básicos sobre um determinado território giram em torno do comando e das influências das ações deste território. Mas é importante mencionar que contamos com as Relações Civis e Operações de Informações para reforçar o poder da ação direta, ou os ataques tradicionais de comando. Os combatentes e oficiais, os homens e mulheres que trabalham no SOCOM, devem ser aqueles que sabem como empregar todas estas ferramentas para solucionar problemas complexos. Esta é a tarefa número um nas guerras não tradicionais, onde temos uma vantagem competitiva sobre as forças militares tradicionais.

DIÁLOGO: Que tipo de participação tem o SOCSOUTH na Assistência Humanitária/Ajuda para Desastres (HA/DR, por sua sigla em inglês)?

C Alte Brown: Depois do terremoto no Haiti, as Forças de Operações Especiais estiveram entre as primeiras a chegar ao local. Ainda que não seja uma missão primordial das operações especiais, e não é no que minhas forças se enfocam todos os dias, podemos chegar com muita rapidez e operar com poucas pessoas em ambientes hostis, especialmente com nossas forças de Operações de Informações e Relações Civis, contribuindo significativamente com ajuda humanitária e assistência para desastres no caso de uma situação de crise.

DIÁLOGO: Seria uma boa solução se fosse criada uma organização transnacional para enviar tropas de Assistência Humanitária/Ajuda para Desastres?

C Alte Brown: É uma boa ideia, e da maneira como vejo o Ten Brig Fraser abordar o problema, acredito que isto esteja em sintonia com sua concepção de colaboração e formação de equipes na região. É melhor termos uma solução regional, um espaço onde possamos nos reunir e descobrir a melhor forma de ajudar em uma determinada situação de emergência.

support of our partner nations and country teams' efforts in the region. We routinely employ our Special Forces from 7th and 20th Special Forces Group, special warfare combat craft crewmen, and SEALs, principally from Special Boat Team 22 and SEAL Team 18, Air Force commandos and SOF aircrew instructors. All these capabilities help us build the capacity of our partners for combating dangerous nonstate actors, or using the term coined from John Arquilla [a Ph.D. in International Relations from Stanford who has written many articles and books on the future of warfare], "dark networks."

DIÁLOGO: What do U.S. troops take away from participating in multinational exercises?

RDML Brown: A fundamental value of special operation forces is that they're culturally attuned, work in small numbers, and deploy for extended periods of time outside fixed or traditional bases, which allows us to get to know and understand the environment and the people we work with. We bring back from our exercises an improved cultural knowledge, a better understanding of the capabilities of our partner nations, and solidify relationships that allow us to better synchronize the capabilities and effects of our partners against illicit trafficking, terrorists and other such threats. Relationships are vital in this business. Knowing people and their views, while understanding our partners' strengths, weaknesses and needs, assists us to reinforce their strengths and help out on their weaknesses.

DIÁLOGO: What is the importance of understanding the culture and language of the region?

RDML Brown: From my experience working in different parts of the world, SOUTHCOM is unique in that in working with Latin America, it's kind of expected that one speak the language. In order to achieve desired effects, it's important to have a degree of language capability and understanding of cultural nuances. Some people may have

more skills in communicating than others and may be able to communicate or learn without knowing the language, but it's a lot more challenging. So I'd say that language skills and cultural awareness are mission essential here. U.S. Special Operations Command's leadership has been consistent in emphasizing the importance of language competency as well as regional expertise and culture in its investment

strategy, and SOUTHCOM benefits from that in terms of the skills our Special Operations Forces bring to the theater.

DIÁLOGO: How does new technology used by narcotraffickers, such as semisubmersibles, affect your mission?

RDML Brown: We work hard to stay abreast of new technologies or techniques the traffickers and transnational criminal organizations, and narcoterrorists like the FARC use to move drugs and other illicit goods. We take this into account in the way we are training and building partnership capacity. We keep our eyes on it as we work with the U.S. country teams, and in close collaboration with the countries, to tailor our training and other capacity building efforts against the threat as these "dark networks" adopt new communications, transportation and other technology.

DIÁLOGO: Can you talk about Special Forces in SOCSOUTH?

RDML Brown: The generic term for what you are referring to is Special Operations Forces or SOF, which includes the Army Special Forces, Navy Special Warfare Combatant-craft Crewmen, U.S. Marine Special Operations Teams and SEAL platoons, as well as the Air Force special operations with its 6th SOS [Special Operations Squadron] for building partnership aviation capacity, Combat Control Team and Pararescue personnel. However, we have a much broader range of capabilities, different from those I just mentioned above and beyond the traditional understanding people have of SOF from the movies. Just as important, if not more so, is that SOCSOUTH is on the leading edge of employing Civil Affairs, Information Operations, and intellectual capital from academia to solve complex irregular warfare problems. Our core culture is built around the commando and the bias for action that comes with that territory. But, it is important to mention that we count on Civil Affairs and Information Operations to complement the hard power of direct action, or traditional commando raids, and the warriors and the officers, and the enlisted men and women at SOCOM have got to be those people that understand how to employ all those tools to solve complex problems. This is job No. 1 in irregular warfare, with which we have a competitive advantage over traditional military forces and capabilities.

DIÁLOGO: What kind of participation does SOCSOUTH have in Humanitarian Assistance/Disaster Relief (HA/DR)?

RDML Brown: After the earthquake in Haiti, Special Operations Forces were among the first on the ground. Even though it's not a primary special ops mission, and it's not the thing that I have my forces looking at every day, we can move very quickly to operate in small numbers in austere environments, particularly with our Information Operations and Civil Affairs forces to contribute significantly to HA/DR in the event of a crisis.

1 Militares de várias nações realizam um evento de treinamento de descida em corda rápida dos helicópteros MH-60L Black Hawk, durante o PANAMAX 2011.

Military members from several nations perform fast-rope training from MH-60L Black Hawk helicopters during 2011 PANAMAX.

2 A Marinheira Mestre-de-Armas Ashely Kuhl escolta uma mulher equatoriana até uma clínica médica durante a missão dos EUA, Promessa Contínua 2011, em Manta, no Equador.

Master-at-Arms Seaman Ashely Kuhl escorts an Ecuadorean woman to a medical clinic during the U.S. Continuing Promise 2011 mission in Manta, Ecuador.



PARCERIAS

+ FERRAMENTAS DE INTERCÂMBIO =

SUCESSO DA MISSÃO

DIÁLOGO

À MEDIDA QUE OS ADVERSÁRIOS DESENVOLVEM SEU POTENCIAL DE BATALHA, OS EQUIPAMENTOS MILITARES QUE DOMINAM O INIMIGO SE TORNAM MAIS CRÍTICOS

Militares em todo o mundo enfrentam uma série de responsabilidades desafiadoras. O combate a insurgências, a captação de recursos nacionais, a proteção das fronteiras e a realização de missões humanitárias são algumas de suas tarefas. Quando aliados confiáveis usam as mesmas ferramentas, os ganhos militares podem ser ampliados de forma exponencial.



Soldados afegãos e canadenses embarcam nos helicópteros Chinook CH-147 no Afeganistão em março de 2010, ao término da Operação SHER II.

Afghan and Canadian Soldiers board CH-147 Chinook helicopters in Afghanistan in March 2010 at the end of Operation SHER II.

FORÇAS ARMADAS DO CANADÁ

UMA FRENTE COMUM

Nos conflitos do Iraque, Afeganistão e Paquistão, os principais parceiros da coalizão foram bem sucedidos usando o mesmo equipamento, muitas vezes disponibilizado através de subsídios dos Estados Unidos:

■ **CANADÁ:** Modernizou sua capacidade de elevação com os helicópteros do Exército dos EUA, Chinook (CH-47D). A compra incluiu treinamento e apoio para ajudar na transição do Iraque para o Afeganistão em parceria com outras forças de coalizão.

■ **REINO UNIDO e AUSTRÁLIA:** Reforçaram seus programas de aviação com veículos aéreos não tripulados comprados dos EUA, bem como recursos de visão noturna. As forças da Austrália também aumentaram seus recursos terrestres para proteger suas tropas usando os principais tanques de batalha do Exército

dos EUA, os M1A1 Abrams. “Este recurso será cada vez mais importante, uma vez que a proliferação generalizada de armas antipessoais, antiblindados baratas, de alta tecnologia e letais poderia representar uma ameaça crescente em qualquer conflito futuro”, afirmou o ex-ministro da defesa da Austrália, Brendan Nelson.

Uma das maiores vantagens de se utilizar equipamentos similares entre as nações parceiras é a troca de conhecimentos entre as forças armadas. “Há um conhecimento comum no campo de batalha”, disse Keith Webster, vice-secretário assistente do Exército dos EUA para as exportações de defesa e cooperação, durante uma entrevista à *Diálogo*. “O envolvimento de militar para militar gera discussões sobre táticas de operações comuns no campo de batalha.”

Continua na página 19

“Há quase uma cultura inteira que utiliza esta atividade, FMS [vendas militares estrangeiras, por sua sigla em inglês], para criar interoperabilidade e um entendimento comum sobre o outro que vai além, unicamente, dos equipamentos - muito maior do que uma peça e da capacidade.”

– Keith Webster, vice-secretário assistente do Exército dos EUA para as exportações e cooperação de defesa



PARTNERSHIPS + TOOLS OF THE TRADE = MISSION SUCCESS

AS ADVERSARIES RAMP UP THEIR FIGHTING CAPABILITIES, MILITARY EQUIPMENT THAT OVERPOWERS THE ENEMY BECOMES MORE CRITICAL

DIÁLOGO STAFF

Militaries worldwide face a challenging array of responsibilities. Fighting insurgencies, securing national resources, protecting borders and carrying out humanitarian missions are some of the tasks they are charged with. When trusted allies use the same tools, military gains can be magnified exponentially.

A COMMON FRONT

In the fights in Iraq, Afghanistan and Pakistan, key coalition partners have found success by using the same equipment, often made available by grants from the United States:

■ **CANADA:** Modernized its lift capability with U.S. Army Chinook (CH-47D) helicopters. The purchase included training and support to help transition from Iraq to Afghanistan alongside other coalition forces.

■ **UNITED KINGDOM and AUSTRALIA:** Enhanced their aviation programs with unmanned aerial vehicles purchased from the U.S. as well as night vision capabilities. Australia's forces also boosted its ground capability to protect its troops by using U.S. Army M1A1 Abrams main battle tanks. "This capability will be increasingly important as widespread proliferation of cheap, high-tech and lethal anti-armor, anti-personnel weapons could pose an increasing threat in any future conflict," said Australia's former Defence Minister Brendan Nelson.

One of the biggest advantages to using similar equipment among partner nations is the exchange of knowledge between armed forces. "There is a common knowledge on the battlefield," said Keith Webster,

deputy assistant secretary of the U.S. Army for defense exports and cooperation, during an interview with *Diálogo*. "Military-to-military engagement leads to discussions about common operating tactics in the battlefield."

Beyond the Middle East battlegrounds, William J. McKeever, deputy chief for the Americas division, U.S. Air Force international affairs, also sees the use of similar equipment as a key component to military collaboration. "It is a very strong link from pilot to pilot and technician to technician, very important to security cooperation," McKeever told *Diálogo*. "Without common factors, how would we know their tactics, how would they know ours?"

The use of the same equipment during operations also leads to a common logistics capability. If a need arises during an operation, spare parts are easily accessible to borrow or buy from partner nations. "Equipment commonality is the cornerstone of cooperation," said McKeever. While McKeever underscored the importance of having common equipment, he also stressed the value of military-to-military interactions, such as military exercises and exchanges where the equipment is put into practice and relationships are fostered.

STATE SOVEREIGNTY AND DISASTER RELIEF

Containment of insurgent groups and the ability to carry out humanitarian missions can go hand in hand with modern military equipment. States can also fend off other criminal entities.

■ **NIGERIA:** Seeking to protect its natural resources, Nigeria strengthened its naval capabilities by acquiring four 54.86-meter buoy tenders from the U.S. Coast Guard (USCG) in the early 2000s. These vessels are used to patrol the Niger Delta and protect against oil theft. An additional 15 response boats were acquired to patrol the oil rigs off the coast. Most recently, the Nigerian Navy acquired Thunder, a 115.21-meter high-endurance cutter complete with a helicopter flight deck. The Nigerian Sailors received U.S.-based training prior to sailing the cutter back to Nigeria.

■ **SAUDI ARABIA:** The Military modernized its helicopter fleet with an investment in three helicopters from the U.S. Army. This will give its Military and National Guard a modern helicopter capability, with U.S. programs support, until the program is retired in the next 30 years.

■ **SINGAPORE:** Its current Military capability serves as a stabilizing force to support the autonomy of the state and for humanitarian purposes. A long-standing partnership and military base agreements



U.S. ARMY

1 Um tanque australiano Abrams do Exército dos EUA, o M1A1 Abrams

U.S. Army M1A1 Abrams tanks, part of the Australian force

2 O navio de guerra Samudura do Sri Lanka

Sri Lankan naval ship Samudura

3 Helicópteros Chinook (CH-47D) do Exército dos EUA, agora da força do Canadá

U.S. Army Chinook (CH-47D) helicopters, now part of the Canadian fleet

between Singapore and the U.S. allow for a portion of Singapore's CH-47 fleet to be stored in the state of Texas. After Hurricane Katrina in the U.S., Singapore assisted with evacuations in New Orleans by deploying its Chinook (CH-47) helicopters to the area.

m SRI LANKA: In 2004, the Military acquired a 64-meter medium-endurance cutter, the Samudura. The ship's size enabled the Sri Lankan Navy to extend its reach off the coast and stop the influx of weapons that the terrorist organization, the Liberation Tamil Tigers of Eelam, was bringing ashore. The ship also has been able to help stranded fishermen.

m UNITED ARAB EMIRATES: The country expanded its air missile defense capability through the Patriot Missile Program. The multibillion dollar program includes training, maintenance and assistance from U.S. forces in setting up the capability in a long-term military-to-military relationship.

m YEMEN: Its Coast Guard fleet was modernized to better patrol territorial waters. The USCG has supported the Yemen Coast Guard in advising, training and providing assets during the past decade. In 2011, the USCG transferred two 26.52-meter patrol boats to Yemen. Yemen Coast Guard crews received U.S.-based training on specific systems on the patrol boats and general training and sea trials in the state of Louisiana, where the newly acquired boats were built. **📍**

Sources: U.S. Air Force, U.S. Army, U.S. Coast Guard, www.news.com.au, Sri Lanka Navy

FERRAMENTAS PARA COMBATER AS AMEAÇAS MARÍTIMAS

Diálogo conversou com o Contra-almirante Joseph W. Rixey, diretor do Escritório de Programas Internacionais da Marinha dos Estados Unidos (IPO, por sua sigla em inglês), sobre como seu escritório apoia a região contra as ameaças marítimas comuns nas Américas.

DIÁLOGO: Quais são as ameaças marítimas compartilhadas nas Américas e como o IPO pode ajudar a resolver alguns desses problemas?

CONTRA-ALMIRANTE JOSEPH W. RIXEY: A maioria deles é óbvia: antinarcóticos e antiterrorismo, a liberdade dos mares, anti-pirataria, combate às atividades ilícitas, proteção da zona de atividade econômica, e o quinto, que gostamos de destacar, é a crise humanitária e os desastres naturais.

Nós as ajudamos [nações parceiras] na aquisição de qualquer equipamento e de formação e capacidades necessárias para enfrentar estas ameaças, facilitamos a capacidade parceira. Nós coordenamos com os comandos de aquisição da Marinha, do Corpo de Fuzileiros Navais e da Guarda Costeira para atender às exigências de nosso aliado.

DIÁLOGO: Quais são os fatores mais importantes das parcerias marítimas?

C ALTE RIXEY: A primeira coisa que se desenvolve é a confiança e o respeito mútuo pelas capacidades de cada um. Conhecemos as ameaças, e identificamos objetivos comuns. O que acaba acontecendo é que você chega a um projeto ou a uma capacidade que atende a esses objetivos, e é claro, o importante em relação às parcerias marítimas é a interoperabilidade. De modo que quando surge uma ameaça, qualquer situação emergente, eles podem contar com uma assistência imediata, e que esta assistência será eficiente e coordenada.

DIÁLOGO: Como a transferência de aviões e navios facilita a interoperabilidade com parceiros da América Latina e Caribe?

C ALTE RIXEY: O mecanismo funciona de forma que, se você comercializa produtos similares, se utiliza links de dados de comunicação semelhantes, a interoperabilidade pode ocorrer com equipamento militar comum. A interoperabilidade é associada principalmente à capacidade de comunicar e desenvolver táticas conjuntas interoperáveis, técnicas e procedimentos nas operações de coalizão. Um exemplo está na ajuda humanitária que vimos no Haiti, a capacidade de estabelecer comunicação, que é um mecanismo de interoperabilidade.

DIÁLOGO: O que significa “desenvolvimento cooperativo” nas Américas?

C ALTE RIXEY: Usamos um mecanismo chamado acordo de troca de informações mestres entre os países, e o que tais acordos permitem é uma troca bilateral de informações sobre pesquisas e desenvolvimento.

Então, o que fazemos é a troca de informações. Engenheiros e cientistas trocam programas e discussões básicas que levam às vezes ao desenvolvimento cooperativo de produtos.

Temos realizado muitas trocas de informações. [Por exemplo], um programa de cooperação com o Brasil, com energia verde, a maneira como eles criam a energia verde, a maneira como eles usam seus biocombustíveis e os fabricam, e queremos aprender com eles.

THE TOOLS TO COMBAT MARITIME THREATS

Diálogo spoke with Rear Admiral Joseph W. Rixey, director of the U.S. Navy International Programs Office (IPO), about how his office supports the region against the common maritime threats in the Americas.

DIÁLOGO: What are the shared maritime threats in the Americas and how does the Navy IPO help address some of those?

REAR ADMIRAL JOSEPH W. RIXEY: Most of them are obvious, counternarcotics and counterterrorism, freedom of the seas, counterpiracy, counter illicit activity, protection of the economic

activity zone, and the fifth, which we like to highlight, is the humanitarian crisis and natural disaster.

We assist them [partner nations] in acquiring whatever equipment and training and capabilities they need to address these threats; we facilitate partner capacity. We coordinate with the Navy, the Marine Corps and the Coast Guard acquisition commands to meet our ally requirements.

DIÁLOGO: What are the most important factors of maritime partnerships?

REAR ADM. RIXEY: The first thing you start with is trust, and mutual respect for each other's capabilities. We know the threats, and we identify common objectives. What ends up happening is that you come to a design or a capability that meets that, and of course,

U.S. COAST GUARD



Barcos de resposta da Nigéria
Response boats used by Nigeria

“There’s almost a whole culture that goes with this activity, FMS [foreign military sales], to create interoperability and to create a common understanding of each other that goes beyond just the equipment – far greater than the piece of equipment and the capability.”

– Keith Webster, deputy assistant secretary of the U.S. Army for defense exports and cooperation

what is important about maritime partnerships is interoperability. So that when a threat emerges, any emergent situation, they can expect assistance right away, and that assistance would be seamless and coordinated.

DIÁLOGO: How are aircraft and ship transfers facilitating interoperability with Latin American and Caribbean partners?

REAR ADM. RIXEY: The mechanism is that if you trade like products, if you use similar communications data links, interoperability can occur with common military equipment. Mostly, interoperability is associated with the ability to communicate and develop joint interoperable tactics, techniques and procedures in coalition operations. One such example is in humanitarian relief that we saw in Haiti, the ability to establish communications; that is an interoperability mechanism.

DIÁLOGO: Can you explain what “cooperative development” looks like in the Americas?

REAR ADM. RIXEY: We use a mechanism called a master information exchange agreement between the countries, and what these master information exchange information agreements permit is a reciprocal, or bilateral, exchange of research and development information.

So, what we do is exchange information, engineers and scientists exchange programs, and basic discussions which lead sometimes to cooperative development of products.

We have been doing a lot of information exchanges. [For example,] a cooperative program with Brazil, with green energy, the way that they do green energy, the way they use their biofuels and manufacture their biofuels and we want to learn from that.

Continuação da página 15

Uma das maiores vantagens de se utilizar equipamentos similares entre as nações parceiras é a troca de conhecimentos entre as forças armadas. “Há um conhecimento comum no campo de batalha”, disse Keith Webster, vice-secretário assistente do Exército dos EUA para as exportações de defesa e cooperação, durante uma entrevista à *Diálogo*. “O envolvimento de militar para militar gera discussões sobre táticas de operações comuns no campo de batalha.”

Além dos campos de batalha do Oriente Médio, William J. McKeever, vice-chefe da divisão Américas, assuntos internacionais da Força Aérea dos EUA, também considera o uso de equipamentos similares como um componente chave para a colaboração militar. “É uma ligação muito forte de piloto para piloto e de técnico para técnico, muito importante para a cooperação de segurança”, disse McKeever à *Diálogo*. “Sem fatores comuns, como conheceríamos suas táticas, como eles conheceriam as nossas?”

O uso do mesmo equipamento durante as operações também gera uma capacidade comum de logística. Na hipótese de surgir alguma necessidade durante uma operação, peças de reposição são facilmente acessíveis para serem compradas ou emprestadas das nações parceiras. “O compartilhamento de equipamentos é o ponto de referência da cooperação”, disse McKeever. Embora McKeever tenha ressaltado a importância de ter equipamentos comuns, também enfatizou o valor das interações de militar para militar, como exercícios militares e intercâmbios, quando o equipamento é colocado em uso e os relacionamentos são fomentados.

SOBERANIA DO ESTADO E AJUDA PARA DESASTRES

A contenção de grupos insurgentes e a capacidade de realizar missões humanitárias podem caminhar lado a lado com equipamentos militares modernos. Os estados também podem combater a ação de outras facções criminosas.

m NIGÉRIA: Buscando proteger seus recursos naturais, a Nigéria reforçou a sua capacidade naval através da aquisição de quatro navios-balizadores de 54,86 metros da Guarda Costeira dos EUA (USCG, por sua sigla em inglês) no início de 2000. Estas embarcações são usadas para patrulhar o Delta do Níger e proteger contra roubo de petróleo. Foram adquiridos 15 barcos de resposta adicionais para patrulhar as plataformas de petróleo ao largo da costa. Mais recentemente, a Marinha nigeriana adquiriu o Thunder, um barco patrulha de autonomia média de 115,21

metros completo com uma pista para helicópteros. Os marinheiros nigerianos receberam treinamento nos EUA antes da partida do barco patrulha de volta à Nigéria.

m ARÁBIA SAUDITA: Os militares modernizaram sua frota de helicópteros, com um investimento em três helicópteros do Exército dos EUA. Isso irá proporcionar à sua Guarda Militar e Nacional um potencial de helicópteros modernos, com o apoio dos programas norte-americanos, até que o programa seja aposentado nos próximos 30 anos.

m CINGAPURA: Sua capacidade militar atual serve como uma força estabilizadora para apoiar a autonomia do Estado e para fins humanitários. Uma parceria de longa data e acordos de base militar entre Cingapura e os EUA, que permitem que uma parte da frota CH-47 de Cingapura seja armazenada no estado do Texas. Após o furacão Katrina, nos EUA, Cingapura auxiliou nas evacuações em Nova Orleans, enviando seus helicópteros Chinook (CH-47) para a área.

m SRI LANKA: Em 2004, as Forças Militares adquiriram um barco patrulha de autonomia média de 64 metros, o Samudura. A extensão do navio permitiu que a Marinha do Sri Lanka estendesse o seu alcance da costa e interrompesse o fluxo de armas que a organização terrorista, The Liberation Tamil Tigers of Eelam, estava trazendo para o país. O navio também está possibilitando a ajuda aos pescadores à deriva.

m EMIRADOS ÁRABES UNIDOS: O país ampliou sua capacidade de defesa de mísseis aéreos através do Programa de Mísseis Patriot. O programa multibilionário inclui formação, manutenção e assistência de forças dos EUA na criação de capacidade em um relacionamento de longo prazo de militar para militar.

m IÊMEN: Sua frota da Guarda Costeira foi modernizada para melhorar o patrulhamento das águas territoriais. O USCG vem apoiando a Guarda Costeira do Iêmen no aconselhamento, treinamento e fornecimento de bens durante a última década. Em 2011, o USCG transferiu dois barcos de patrulha de 26,52 metros para o Iêmen. Equipes da Guarda Costeira do Iêmen receberam treinamento nos EUA sobre sistemas específicos de barcos de patrulha e treinamentos gerais e testes no mar do estado da Louisiana, onde os barcos recentemente adquiridos foram construídos. ⓘ

Fontes: Força Aérea dos EUA, Exército dos EUA, Guarda Costeira dos EUA, www.news.com.au, Marinha do Sri Lanka



AGENCE FRANCE-PRESSE

CHILE

PROTEGE FRONTEIRA AO NORTE

Embora o Chile não seja considerado um grande produtor de narcóticos ilegais, é um importante país de trânsito para carregamento de cocaína andina que parte em direção à Europa e aos Estados Unidos, segundo o Relatório de Estratégia de Controle Internacional de Narcóticos de 2011, do Departamento de Estado dos EUA.

A nação sul-americana prevê medidas para impedir a entrada e saída de drogas e o contrabando em seus portos e fronteiras. Em outubro de 2011, o ministro da Defesa Nacional, Andrés Allamand, e o ministro do Interior e da Segurança Pública, Rodrigo Hinzpeter, lideraram o lançamento da iniciativa Plano da Fronteira Norte que visa a combater o crime organizado nas regiões de Arica, Parinacota, Tarapacá e Antofagasta.

A implementação do plano irá incluir a aquisição de radares terrestres fixos, de uma unidade Coast Watcher, bem como de detectores de infra-vermelho e de sistemas de comando e controle, que custam mais de US\$ 5 bilhões (cerca de R\$ 9 bilhões).

Fontes: Ministério da Defesa do Chile, Departamento de Estado dos EUA

Chile Protects Northern Border

Although Chile is not considered a major producer of illegal narcotics, it is a significant transit country for Andean cocaine shipments headed for Europe and the United States, according to the 2011 International Narcotics Control Strategy Report of the U.S. Department of State.

The South American nation is taking steps to prevent the entry and exit of drugs and contraband through its ports and borders. In October 2011, Defense Minister Andrés Allamand and Interior and Public Security Minister Rodrigo Hinzpeter led the launch of the Northern Border Plan initiative that seeks to fight organized crime in the regions of Arica, Parinacota, Tarapacá and Antofagasta.

The implementation of the plan will include purchasing fixed ground radars, a Coast Watcher Unit, as well as thermographic detection and command and control systems costing more than \$5 billion.

Sources: Ministry of Defense of Chile, U.S. Department of State



Celso Amorim, ministro da Defesa do Brasil
Celso Amorim, Brazil's minister of defense

Segurança dupla entre Bolívia e Brasil

Os governos da Bolívia e do Brasil concordaram, em outubro de 2011, em conduzir operações militares conjuntas contra o tráfico de drogas ao longo de mais de 3.000 quilômetros entre suas fronteiras.

A Bolívia é o terceiro maior produtor de cocaína depois da Colômbia e Peru. Traficantes bolivianos exportam grande parte da droga para o território brasileiro. Os ministros da Defesa dos dois países, Celso Amorim, do Brasil, e Ruben Saavedra, da Bolívia, assinaram um memorando de entendimento para cooperação militar, em La Paz.

O Brasil tem conduzido operações de vigilância na fronteira com a Colômbia e o Peru, e está planejando operações similares com a Bolívia. Militares bolivianos serão convidados como observadores dos exercícios militares para que haja uma melhor preparação das práticas conjuntas brasileiras, previstas para o início de 2012.

Fontes: Infolatam, EFE

Bolivia and Brazil Double Security

The governments of Bolivia and Brazil agreed in October 2011 to carry out joint military operations against drug trafficking along their border of more than 3,000 kilometers.

Bolivia is the third largest producer of cocaine after Colombia and Peru. Bolivian traffickers export much of the drug to the Brazilian territory. The defense ministers from both nations, Celso Amorim of Brazil and Ruben Saavedra of Bolivia, signed a memorandum of understanding for military cooperation in La Paz.

Brazil has conducted surveillance operations on its borders with Colombia and Peru, and is planning similar operations with Bolivia. Bolivian military will be invited as observers to military exercises to better prepare Brazilian joint practices scheduled for early 2012.

Sources: Infolatam, EFE

Jamaica

COMBATE TRÁFICO DE PESSOAS

O Governo da Jamaica empregou aproximadamente US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 27 milhões), durante os anos fiscais de 2010 e 2011, no apoio a vítimas e aprovou leis adicionais de combate ao tráfico de pessoas.

O Relatório sobre o Tráfico de Pessoas de 2011, do Departamento dos EUA, observa que o país é origem, ponto de trânsito e destino de adultos e crianças vítimas de tráfico sexual e de trabalho forçado. O documento destaca progressos feitos no sistema de proteção às vítimas do tráfico durante o período analisado em relatório.

O ministro do Estado do Ministério da Segurança Nacional da Jamaica, St. Aubyn Bartlett, afirmou que embora a peça fundamental da legislação seja o Ato sobre Tráfico de Pessoas de 2007, o Governo continua a criar outras leis complementares. Apesar dos recursos serem limitados, serviços jurídicos, médicos e psicológicos são oferecidos gratuitamente às vítimas de tráfico de pessoas.

Fontes: Jamaica Observer, South Florida Caribbean News

Jamaica Combats Human Trafficking

The Government of Jamaica spent approximately \$15 million during the 2010 and 2011 fiscal years to support victims and pass more legislation to combat trafficking in people.

The U.S. Department of State's 2011 Trafficking in Persons Report notes that the country is a source, transit point, and destination for adults and children subjected to sex trafficking and forced labor. The document highlights the progress made in the protection of trafficking victims during the reporting period.

The minister of state in the Jamaica Ministry of National Security, St. Aubyn Bartlett, said that while the main piece of legislation already in effect is the Trafficking in Persons Act of 2007, the government continues to provide subsidiary laws. Despite limited resources, free legal, medical and psychological services are offered to victims of human trafficking.

Sources: Jamaica Observer, South Florida Caribbean News





AGENCE FRANCE-PRESSE

GANGUES BRASILEIRAS transferem-se para o Paraguai

O Paraguai tem crescido como posto avançado para organizações brasileiras de tráfico de drogas que procuram evitar prisões e conduzirem seus negócios com uma maior facilidade, de acordo com a polícia paraguaia.

O Primeiro Comando da Capital, o Comando Vermelho, e uma facção até então chamada de Amigos dos Amigos são algumas das organizações criminosas já identificadas pelas autoridades paraguaias.

Essa mudança nas operações ocorre porque os criminosos pretendem eliminar intermediários, em um esforço para deter o mercado e manter maior parte do lucro das drogas para eles mesmos. As gangues brasileiras lidam principalmente com cocaína que vem do sul da Bolívia e do Peru.

Fonte: InSightCrime.org

BRAZILIAN GANGS

Relocate to Paraguay

Paraguay is increasingly becoming an outpost for Brazilian drug trafficking organizations looking to avoid arrests and conduct their business more easily, according to Paraguayan Police.

Primeiro Comando da Capital (Capital Command), Comando Vermelho (Red Command), and a faction of the so-called Amigos dos Amigos (Friends of Friends), are some of the criminal organizations that authorities in that country have identified.

This shift in operations is due to criminals seeking to eliminate intermediaries in an effort to own the market and keep more of the drug profits for themselves.

The Brazilian gangs deal mainly with cocaine that comes south from Bolivia and Peru.

Source: InSightCrime.org

URUGUAI

Crimes cibernéticos atingem bancos latino-americanos

Bancos no Brasil, México e Argentina são os mais atingidos na América Latina por fraudes em transações on-line e roubo de dados confidenciais, uma prática conhecida como *phishing* (roubo de identidade). O total do prejuízo dos bancos da região chega a US\$ 93 bilhões (cerca de R\$ 172 bilhões) ao ano, identificou uma investigação conduzida pelo Proyecto Amparo, grupo com sede em Montevidéu que visa a fortalecer a capacidade regional na prevenção e resposta a incidentes de segurança cibernética na América Latina e Caribe.

O relatório explica que estas ameaças estão ficando cada vez mais complexas e sofisticadas. Um ataque cibernético custa em média US\$ 50 mil (cerca de R\$ 92 mil) para um banco, ou de US\$ 50 (R\$ 92) a US\$ 60 (R\$ 111) por conta afetada, o estudo acrescentou.

O escopo dos crimes cibernéticos na América Latina é preocupante, com cenários de alta probabilidade para ataques cibernéticos e consequências desagradáveis para a população, destacou o relatório.

Fonte: Agence France-Presse

Cyber Fraud Hits Latin American Banks

Banks in Brazil, Mexico and Argentina are the hardest hit in Latin America by fraud in online commerce and theft of confidential data, a practice known as phishing. The total bank losses in the region top \$93 billion a year, found an investigation conducted by Proyecto Amparo, a Montevideo-based group that aims to strengthen regional capacity for prevention and response to cyber security incidents in Latin America and the Caribbean.

The report explains that these threats are becoming more complex and more sophisticated. The average cost of a cyber attack is \$50,000 to a bank, or \$50 to \$60 per affected account, the study added.

The scope of cyber crime in Latin America is worrisome, with very likely scenarios of cyber attacks and distressing consequences for the population, the report said.

Source: Agence France-Presse



AGENCE FRANCE-PRESSE



HONDURAS

TECH. SGT. MATTHEW MCGOVERN/U.S. AIR FORCE

EQUIPES MÉDICAS TRABALHAM DE MÃOS DADAS

Cirurgiões hondurenhos e seus colegas estadunidenses têm, há anos, trabalhado lado a lado, levando assistência médica ao povo de Comayagua, em Honduras.

Em outubro de 2011, membros do Elemento Médico da Força Tarefa Conjunta-Bravo (JTF-Bravo) dos EUA e médicos cirurgiões hondurenhos realizaram cirurgias críticas em hospitais locais. Os seis integrantes da Equipe Cirúrgica Móvel Conjunta trabalharam juntos três vezes por semana, realizando uma média de duas a cinco cirurgias por dia.

“Temos feito isso há 18 anos e eu já participei de centenas de viagens como esta”, falou Wilmer Amador, oficial médico de ligação do Elemento Médico da JTF-Bravo. “Todos saem ganhando.”

Este Elemento também apoia missões militares e assistências humanitárias e provê acesso a recursos de cirurgia de salvamento na Base Aérea Soto Cano.

Fonte: Força Tarefa Conjunta-Bravo dos EUA

MEDICAL TEAMS WORK HAND IN HAND

Honduran surgeons and their U.S. counterparts have worked side by side for years bringing medical assistance to the people of Comayagua, Honduras.

In October 2011, Joint Task Force-Bravo Medical Element and Honduran surgeons completed highly needed surgeries in local hospitals. The six-person Joint Mobile Surgical Team worked together three times a week, averaging between two to five surgeries a day.

“We’ve been doing this for 18 years and I’ve been on hundreds of these trips,” said Dr. Wilmer Amador, Joint Task Force-Bravo medical liaison officer. “It’s a win-win for everybody.”

The JTF-Bravo Medical Element also supports military missions and humanitarian assistance and provides lifesaving surgical capability at Soto Cano Air Base.

Source: Joint Task Force-Bravo



A AVIAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO *na* AMAZÔNIA

KAISER KONRAD, JORNALISTA ESPECIALIZADO EM ASSUNTOS DE SEGURANÇA DO BRASIL



CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO (CCOMISEX)

O 4º BAvEx possui um efetivo de 300 militares, sendo 35 deles pilotos.

The 4th BAvEx has a roster of 300 military personnel, of whom 35 are pilots.

Em maio de 2004, a queda de um avião causou a morte de 33 pessoas em Manaus. Imediatamente após o acidente, um helicóptero de alerta se deslocou para o local. Equipado com óculos de visão noturna, a tripulação, parte do 4º Batalhão de Aviação do Exército, iniciou o resgate dos corpos na que seria a primeira missão de salvamento e resgate utilizando este tipo de equipamento na América do Sul.

O 4º Batalhão de Aviação de Exército (BAvEx) está localizado ao lado da base aérea de Manaus, numa área de relevo irregular e onde foi construído o primeiro hangar suspenso do Brasil. É a única unidade de helicópteros do Exército Brasileiro na Amazônia, e tem uma área de responsabilidade de quase metade do território nacional. Possui um efetivo de 300 militares, sendo 35 deles pilotos, e está subordinado diretamente ao Comando Militar da Amazônia (CMA).

Nasceu da crescente importância geopolítica da região amazônica. Sua origem remonta ao ano de 1991, quando uma força de helicópteros da então Brigada de Aviação do Exército deslocou-se de Taubaté, São Paulo, para participar de uma sigilosa operação militar na região de Tabatinga, no Amazonas, quando guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) atacaram um destacamento ribeirinho do Exército Brasileiro, no Rio Traíra, mataram militares e roubaram suas armas. A ação militar brasileira foi conduzida pelas Forças Especiais com o apoio da Aviação do Exército.

Participando ativamente de operações humanitárias internacionais, como as de resgate dos reféns das FARC em território colombiano, suas aeronaves voam sobre a imensa floresta com total segurança e elevado padrão operacional, conduzindo todas as operações aeromóveis no âmbito do Comando Militar da Amazônia, além de cumprir diversas missões em apoio a agências governamentais, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, a Fundação Nacional do Índio, a Polícia Federal e outros, nunca perdendo o foco de sua missão, que é dar aeromobilidade nos níveis tático e estratégico ao CMA.

AS MISSÕES

O 4º BAvEx está equipado com 11 helicópteros de manobra de três modelos diferentes, sendo 4 HM-2 Blackhawk (Sikorsky S70A), 3 HM-1 Pantera (Eurocopter AS 365), e 4 HM-3 Cougar (Eurocopter AS 532 UE). A aeromobilidade na selva amazônica está dividida em duas doutrinas operacionais: a Gama, de combate de resistência; e a Alfa, de combate convencional. Dentro destas duas doutrinas de emprego da



BRAZILIAN ARMY AVIATION *in the* AMAZON

KAISER KONRAD, A JOURNALIST SPECIALIZING IN SECURITY ISSUES IN BRAZIL

In May 2004, a plane crash killed 33 people in the northwest Brazilian city of Manaus. A surveillance helicopter immediately went to the location. The crew, part of the 4th Army Aviation Battalion, used night-vision goggles to recover the bodies in what would be the first search and rescue mission using this type of equipment in South America.

The 4th Army Aviation Battalion (BAvEx) is headquartered alongside Manaus Air Base, in an area of uneven terrain where the first suspension hangar in Brazil was built. It is the only Brazilian Army helicopter unit in the Amazon and covers nearly half the national territory. It has a roster of 300 military personnel, of whom 35 are pilots, and it reports directly to the Amazon Military Command (CMA, for its Portuguese acronym).

The CMA was created in 1991 to accommodate the growing geopolitical significance of the Amazon region. That year, a helicopter force from what was then the Army Aviation Brigade arrived from Taubate, São Paulo, to participate in a secret military operation in the region of Tabatinga, in the state of Amazonas. The Brazilian military action was led by Special Forces with support from Army Aviation. Guerrillas belonging to the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC) in the area had attacked a Brazilian Army river detachment along the Traíra River, killing service members and stealing their weapons.

BAvEx participates actively in international humanitarian operations, such as the rescue of FARC hostages in Colombian territory. Its aircraft fly above the immense forest in complete safety and with an elevated tempo of operations, conducting all air mobility operations within the jurisdiction of the CMA, in addition to carrying out a variety of missions in support of governmental agencies, such as the Brazilian Environmental Institute, the Indigenous National Foundation, the Federal Police and others, never losing sight of the main focus of their mission, which is to provide tactical and strategic air mobility to the CMA.



CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO (CCOMSEX)

força militar no teatro de operações da Amazônia, uma série de missões específicas pode ser realizada e estão divididas em:

- **Missões de apoio ao combate** - Comando e controle, e observação de tiro. São necessárias em ambiente de selva, tais como salvamento e resgate, reconhecimento, segurança, incursão, infiltração e exfiltração aeromóveis.
- **Missões de apoio logístico** - Suprimento das bases, destacamentos e pelotões especiais de fronteira, lançamento de paraquedistas e Forças Especiais, evacuação aeromédica e transporte.

No 4º BAvEx, todas as missões são reais. Por isso, o alto nível de operacionalidade de suas tripulações. Os helicópteros estão equipados com a metralhadora lateral Mag 7.62 e podem estar em operação em qualquer ponto da fronteira brasileira na área do CMA apenas 15 horas após o recebimento da missão.

Como a vastidão da floresta foge à autonomia de qualquer helicóptero disponível hoje no mercado, para cada desdobramento do batalhão, tanques de combustíveis de campanha, chamados plots, são transportados e distribuídos em zona segura para que, mesmo durante a ação, as aeronaves possam pousar, reabastecer e retornar ao combate.

Na Amazônia as condições meteorológicas são extremas e suas mudanças repentinas. Como as distâncias são muito grandes e os voos têm longa duração, o piloto que decola com uma condição

meteorológica favorável pode encontrar no meio do caminho uma mudança radical no tempo.

OPERAÇÕES MILITARES NA FAIXA DE FRONTEIRA

No Brasil, as Forças Armadas podem exercer poder de polícia em toda sua faixa de fronteira. Esta zona possui uma largura de 150 km, onde os militares podem realizar abordagens e revistas em veículos, embarcações e pessoas suspeitas de atividades ilícitas, como tráfico internacional de drogas e contrabando de armas e mercadorias. No caso da região Amazônica, com a grande extensão da faixa de fronteira, o apoio das aeronaves da Aviação do Exército é essencial para as atividades de vigilância, transporte e apoio logístico, seja dos próprios efetivos militares, seja das equipes da Polícia Federal e das agências governamentais que trabalham na região.

Em 2011 foram conduzidas na região a primeira e a segunda edições da Operação Ágata, deflagradas pelo ministério da Defesa brasileiro, como parte integrante do Plano Estratégico de Fronteiras, que foi lançado pela presidenta Dilma Rousseff em junho do mesmo ano. Dos 16 mil quilômetros da linha limítrofe, 9,5 mil são permeados por rios que nascem nos países vizinhos e descem em direção ao território nacional, servindo como rotas de atuação do crime organizado. Para enfrentar o problema, os ministérios da Defesa e da Justiça definiram 34 pontos de vulnerabilidade, que serão cobertos pelas Forças Armadas em sucessivas edições da Operação Ágata. ①



Helicópteros do 4° BAvEx podem chegar a qualquer ponto da fronteira brasileira em apenas 15 horas após o recebimento de uma missão.

The 4th BAvEx's helicopters can get to any point along the Brazilian border within 15 hours of receiving a mission.



CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO (CCOMSEX)

O 4° BAvEX foi criado em 1991 em resposta à crescente importância geopolítica da região amazônica. The 4th BAvEx was created in 1991 in response to the growing geopolitical significance of the Amazon region.

THE MISSIONS

The 4th BAvEx is equipped with 11 helicopters: four HM-2 Black Hawks (Sikorsky S-70A), three HM-1 Panthers (Eurocopter AS-365), and four HM-3 Cougars (Eurocopter AS-532 UE). Air mobility in the Amazon jungle is categorized in terms of two operational doctrines for military force: Gamma, for resistance combat, and Alpha, for conventional combat. Within these two doctrines, a series of specific missions may be carried out and classified as follows:

- **Combat support missions:** Command and control and artillery spotting. Missions such as search and rescue, reconnaissance, security, incursion, infiltration and extraction with air mobility are necessary in the jungle environment.
- **Logistical support missions:** Supplying bases, detachments and special border squads; dropping paratroopers and Special Forces; providing medical evacuation and transport by air.

For the 4th BAvEx, all missions are real. This is the reason for its crews' high level of operational readiness. The helicopters, equipped with MAG 7.62 mm lateral machine guns, can get to any point along the Brazilian border in the CMA area within 15 hours of receiving a mission.

Since the forest is too vast for the flight autonomy of any helicopter available in the market today, field fuel tanks, called "plots," are transported for each deployment by the battalion and stored in safe areas so the aircraft can land, refuel and return to combat.

The weather conditions in the Amazon are extreme, and they can change suddenly. Since the distances are very large, and the flights are long, a pilot who takes off in favorable weather may encounter a radical change along the way.

MILITARY OPERATIONS ALONG THE BORDER

In Brazil, the Armed Forces may exercise police powers throughout the border region. This area extends 150 kilometers from the border, within which military personnel may perform random stops and searches of vehicles, boats and people suspected of illicit activities, such as international drug trafficking and smuggling arms and goods. In the case of the Amazon region, with its very long border, support from Army Aviation aircraft is essential to surveillance, transportation and logistical support activities, whether conducted by military personnel or by teams from the Federal Police and the government agencies that work in the region.

Recently, the first edition of Operation Ágata was conducted in the region. The operation was initiated by the Brazilian Ministry of Defense as an integral part of the Strategic Border Plan launched by President Dilma Rousseff on June 8, 2011. Of the country's 16,000 kilometers of border, 9,500 are irrigated by rivers that originate in neighboring countries and flow downstream into the Brazilian national territory, serving as routes for organized-crime activities. To confront this problem, the Defense and Justice ministries defined 34 vulnerable points that will be covered by the Armed Forces in future editions of the operation. [D](#)




ESTRATÉGIA MILITAR, UM PASSO À FRENTE

Uma das estratégias das Forças Militares da Colômbia é operar em unidades menores para enfrentar operações das guerrilhas.

A strategy of the Colombian Armed Forces is to operate with smaller units to confront guerrilla operations.

AGENCE FRANCE PRESSE

A soldier in full camouflage gear, including a helmet with goggles, is walking towards the camera on a paved road. He is carrying a rifle. In the background, another soldier is visible further down the road. The setting is a lush, mountainous landscape with green hills and trees.

DAS MONTANHAS ÀS CIDADES, O GOVERNO DA COLÔMBIA ESTÁ NO ATAQUE COM NOVO PLANO DE SEGURANÇA QUE ESTÁ UM PASSO À FRENTE DAS GUERRILHAS, GRUPOS ILEGAIS ARMADOS E CRIMINOSOS COMUNS.

DÍALOGO

Estudantes com cabeças cobertas, para não serem identificados, bloquearam ruas em cidades da Colômbia, em setembro de 2011. O que havia começado como um protesto pacífico dos estudantes, transformou-se em um violento confronto com a polícia, quando jovens adultos atiraram pedras e explosivos. Em resposta, a polícia reagiu usando gás lacrimogêneo e potentes jatos de água. Poucos dias depois, o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, anunciou que as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) estavam por trás do protesto.

Uma onda de atividades similares fez parte da tática do grupo guerrilheiro para incitar protestos sociais e gerar violência. Quando a declaração do presidente Santos foi transmitida, o plano de contra-ataque do governo já estava sendo executado.

Em 7 de agosto de 2011, o presidente Santos anunciou que as Forças Militares da Colômbia irão fazer um ajuste na doutrina, operações e procedimentos utilizados para combater ataques guerrilheiros. Os militares já ocuparam áreas que antes eram controladas pelos rebeldes e mataram alguns dos importantes comandantes das guerrilhas. Estas ações obrigaram os guerrilheiros a reavaliarem suas táticas. Eles retiraram a camuflagem e se vestiram como civis para atacarem e se esconderem de forma mais fácil durante a execução de pequenas operações contra militares e civis.

Apesar de uma redução em 6 por cento no número de homicídios no país no primeiro ano de governo do presidente Santos (890 assassinatos a menos do que nos 12 meses anteriores), houve uma preocupação com o aumento de 8 por cento no número de sequestros com resgate (15 casos a mais). Também ocorreram extorsões em áreas rurais e os ataques das guerrilhas continuaram por todo o país. O uso de dispositivos explosivos improvisados (IEDs, por sua sigla em inglês) esteve em alta, ferindo ou matando civis e militares. Era hora de fortalecer a estratégia de controle territorial, o que exigiu uma melhor organização

das Forças Militares e uma distribuição adequada de funções e missões, segundo o presidente.

NOVAS TÁTICAS DAS FARC

Silke Pfeiffer, diretora de projetos para a Colômbia e região andina do International Crisis Group (Grupo Internacional de Crise, ou ICG por sua sigla em inglês), uma organização não-governamental, disse à *Diálogo* que as FARC estão conduzindo tática de guerrilha, ao contrário dos ataques ousados que antes utilizavam contra posições colombianas quando eram mais numerosos. Isto inclui táticas tais como movimentação em pequenas unidades, ataques a posições militares, destruição de infraestruturas e instalação de minas e artefatos explosivos. Pfeiffer disse que as táticas das FARC mudaram sob pressão da política de “segurança democrática” do ex-presidente Álvaro Uribe, que procurou recuperar o controle territorial ao implantar um aumento no número de tropas e unidades policiais em todo o país.

A Corporación Nuevo Arco Iris, uma organização não-governamental da Colômbia, indicou, em um relatório de 2011, que os ataques das FARC, aparentemente, não fazem mais parte de táticas aleatórias usadas por algumas unidades, e sim de uma estratégia maior e mais coordenada que envolve vários tipos de ações distintas em um curto espaço de tempo. Por exemplo, quando unidades do Exército colombiano respondem de imediato às ações de atiradores de elite dos rebeldes, indo em busca deles, caem em campos minados preparados pelos rebeldes. Em seguida, insurgentes armam uma emboscada para as tropas que sobreviveram ao campo minado. Para evitar serem vistos por aviões de reconhecimento e inteligência, as FARC suspenderam o uso de grandes concentrações de guerrilheiros em um único acampamento. Além disso, eles têm diminuído a comunicação através de celular e de telefones com serviço via



AGENCE FRANCE-PRESSE/MINISTÉRIO DA DEFESA

MILITARY STRATEGY, ONE STEP AHEAD

FROM THE MOUNTAINS TO THE CITIES, THE COLOMBIAN GOVERNMENT IS ON THE ATTACK WITH A NEW SECURITY PLAN THAT IS ONE STEP AHEAD OF GUERRILLAS, ILLEGAL ARMED GROUPS AND COMMON CRIMINALS.

DIÁLOGO STAFF

Students with their heads covered to hide their identities blocked streets in cities across Colombia in September 2011. What began as peaceful student protests turned into violent clashes with police as the young adults threw stones and explosive devices. Police in turn responded with tear gas and powerful jets of water. A few days later, Colombian President Juan Manuel Santos announced that the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC) were behind the protest.

A wave of similar activities was part of the guerrilla group's tactic to stimulate social protests and produce violence. By the time President Santos' statement aired, the government's plan to fight back was already in action.

On August 7, 2011, President Santos announced that the Colombian Armed Forces will make an adjustment to the doctrine, operations and procedures used to counter guerrilla attacks. The military already occupied areas once controlled by rebels and had killed several important guerrilla commanders. These actions forced the guerrillas to radically adapt their tactics. They put away their camouflage and dressed as civilians to make it easier to attack and hide when carrying out small operations against the military and civilians.

Despite a reduction of 6 percent in homicides in the country in his first year in office (890 murders fewer than the previous 12 months), there was concern about the 8 percent increase in kidnappings for ransom (15 more cases). Extortion also took place in rural areas and guerrilla attacks continued across the

country. The use of improvised explosive devices (IEDs) was on the rise, wounding or killing civilians and military personnel. It was time to strengthen the strategy of territorial control, which required better organization of the Armed Forces and an adequate distribution of roles and missions, according to the president.

FARC'S NEW TACTICS

Silke Pfeiffer, Colombia and Andes project director for the nongovernmental organization International Crisis Group, told *Diálogo* that the FARC is conducting guerrilla warfare, as opposed to the bold attacks that it once launched on Colombian positions when it had greater numbers. This includes tactics such as moving in small units, attacking military positions, damaging infrastructure, and planting mines and explosive devices. Pfeiffer said the FARC changed tactics under the pressure of former President Álvaro Uribe's Democratic Security Policy, which sought to regain territorial control by deploying an increased number of troops and police units across the country.

Corporación Nuevo Arco Iris, a nongovernmental organization in Colombia, indicated in a 2011 report that the FARC's attacks seem no longer a random tactic of some units but a larger, coordinated strategy. They involve several types of distinct actions in a short time. For example, when Colombian Army units respond with immediate pursuit to the actions of rebel snipers, they fall into minefields set by the rebels. Insurgents then ambush the troops who survive the minefield.



Página oposta: Ministro da Defesa da Colômbia, Juan Carlos Pinzón, à direita, discute detalhes sobre a nova estratégia militar com o comandante geral das Forças Militares, Gen Ex Alejandro Navas Ramos.

Opposite page: Colombian Defense Minister Juan Carlos Pinzón, right, discusses details on the new military strategy with the Armed Forces General Commander Alejandro Navas Ramos.

Policiais da tropa de choque são atingidos por uma improvisada bomba incendiária, em setembro de 2011, durante protesto em uma universidade de Bogotá contra a proposta de reforma da educação.

Riot policemen are hit with an improvised petrol bomb in September 2011 during a university protest in Bogotá against a proposed education reform.

rádio. Muitas frentes dividiram-se em pequenos grupos formados por, no máximo, três ou quatro rebeldes, sendo que alguns deles escondem-se entre os civis.

As FARC enfraquecidas têm respondido com atos de terrorismo, tais como o uso de IEDs e atiradores de elite. Em virtude da dificuldade de agir contra as tropas colombianas, os guerrilheiros estão usando planos secundários, tais como minas terrestres, atiradores de elite e política de guerra, disse o comandante geral das Forças Militares da Colômbia, General-de-Exército Alejandro Navas Ramos. Isso é diferente da “guerra de movimento”, abordagem utilizada no início da década de 90, a qual permitiu que as FARC atacassem com um grande número de homens, armas e artilharia pesada, informou o jornal eletrônico colombiano www.elnuevosiglo.com.co.

UMA RESPOSTA COORDENADA

O plano do presidente Santos fundamenta-se em cinco áreas: fortalecimento da inteligência militar, execução de operações militares usando unidades menores, colaboração com o sistema judiciário, implementação de uma política de consolidação e re-estruturação do princípio de ampla defesa aos militares. Com relação à inteligência militar, o presidente Santos disse que encontrar o inimigo é importante para que uma maior proteção possa ser dada à população, porque quando o inimigo se mistura com a população, disfarçando-

Plano de Ataque

A nova estratégia militar da Colômbia para combater ataques das guerrilhas é baseado nas seguintes diretrizes:

- 1) **Melhoria no serviço de inteligência militar**
- 2) **Unidades menores para executar operações militares**
- 3) **Colaboração com o sistema judiciário**
- 4) **Implementação de uma política de consolidação**
- 5) **Reestruturação do enquadramento jurídico para os membros das forças de segurança**

-se de civil, eles poderiam atirar com uma indiferença ainda maior. “É claro, quando o inimigo se faz invisível, porque não tem mais nenhuma outra opção para sobreviver, torna-se mais difícil encontrá-lo e isso nos obriga a rever e, onde é possível, unificar as nossas capacidades de inteligência para encontrá-lo”, disse o presidente Santos.

O plano também visa a operações militares desempenhadas por unidades menores e uma maior eficácia contra o inimigo oculto. Isto requer uma revisão da doutrina e do treinamento, assim como o fornecimento de equipamento e uma grande liderança. O terceiro elemento do plano é a colaboração com o sistema judiciário para desarmar os rebeldes e garantir o estado de direito. Além disso, o novo plano considera a implementação de uma política de consolidação, a qual inclui uma lei que reestabelece a posse de terra aos fazendeiros. O componente final é a própria proteção legal dos militares, garantindo-lhes assessoria jurídica e de que a presunção de inocência não seja violada. Tal proteção dá confiança para que as tropas realizem seu trabalho.

O plano não busca apenas atacar os principais grupos guerrilheiros FARC e Exército de Libertação Nacional (ELN), mas



também grupos criminosos como as bandas criminais (ou Bacrim, por sua sigla em espanhol), responsáveis por crimes comuns e tráfico de drogas. De acordo com o jornal eletrônico www.elnuevosiglo.com.co, a luta contra o tráfico de drogas é parte fundamental dessa estratégia.

Em fevereiro de 2011, o presidente Santos reconheceu oficialmente que os Bacrim, grupo inicialmente composto por ex-paramilitares, é a maior ameaça à segurança do país. Na realidade, os grupos guerrilheiros estão se alinhando com essas gangues para traficar drogas. “Eles [FARC] mantêm alianças com sucessivos grupos de paramilitares com os quais lutaram em outra época”, disse Pfeiffer. “Estas são alianças bem oportunistas que nada têm a ver com ideologia, pois são frentes com interesses pessoais.”

Ao celebrar o primeiro ano de governo, em agosto de 2011, o presidente Santos disse que durante todo este período, mais de 1.900 membros de grupos guerrilheiros foram desmobilizados, uma média de 40 por semana. Além disso, 8.800 pessoas que estavam participando de um programa de reintegração social começaram a trabalhar no setor formal, e mais de 20.000 matricularam-se em escolas. Espera-se que até o final de 2011, o estudo e a implementação das novas estratégias militares com base nessas diretrizes rendam frutos, disse ele. “Como governo, devemos ter a humildade de saber o que precisa ser corrigido, e é exatamente isso o que estamos fazendo”, disse Santos. ①

Fontes: International Crisis Group, Ministério da Defesa Nacional da Colômbia, www.elcolombiano.com, www.rcnradio.com



Engenheiros do Exército colombiano carregando detectores de desminagem marcham em direção a uma área perigosa para começar a limpar minas terrestres na Colômbia em abril de 2011.

Colombian Army engineers carrying demining detectors march toward a hazardous area to start clearing land mines in Colombia in April 2011.

AGENCE FRANCE-PRESSE

To avoid being seen by intelligence aircraft, the FARC has also banned large concentrations of guerrillas in a single camp. Additionally, they have minimized communication by mobile phones and radio telephones. Many fronts have also divided into small teams composed of no more than three to four rebels, with some of them hidden within the civilian population.

A weakened FARC has responded with acts of terrorism, such as the use of IEDs and snipers. Given the difficulty of acting against Colombian troops, the guerrillas are using subsidiary plans such as land mines, snipers, and war politics, said General Alejandro Navas Ramos, general commander of the Armed Forces of Colombia. This is different from the “war of movements” approach used in the early 1990s, which allowed the FARC to attack with a large number of men, weapons and heavy artillery, reported the Colombian newspaper site www.elnuevosiglo.com.co.

A COORDINATED RESPONSE

President Santos’ plan is based on five areas: strengthen intelligence schemes, run military operations in smaller units, collaborate with the justice system, implement a policy of consolidation, and restructure legal defense of the military. When referring to intelligence, President Santos said it was important to find the enemy in order to give better protection to the population because when the enemy mixes with the civilian population disguised as civilians, they hit with even

more indifference. “It is clear, when the enemy plays invisible because it has no other option for survival, it becomes harder to find and compels us to review and, where possible, to unify our intelligence capabilities to find them,” President Santos said.

The plan also aims for military operations in smaller units and higher effectiveness against the hidden enemy. This requires a revision of the doctrine and training as well as the provision of equipment and great leadership. The third element of the plan is collaboration with the justice system to dismantle the rebels and guarantee the rule of law. In addition, the new plan calls for the implementation of a policy of consolidation, which includes a law to restore land to farmers. The final component is proper legal protection for the military to ensure the rights to counsel and the presumption of innocence are not violated. Such protection gives troops the confidence to conduct their work.

The plan seeks not only to attack the main guerrilla groups, the FARC and the National Liberation Army (ELN), but also criminal bands (known by their Spanish acronym Bacrim) responsible for common crime and drug trafficking. The fight against drug trafficking is a key part of this strategy, according to www.elnuevosiglo.com.co.


In February 2011, President Santos officially recognized Bacrim, primarily made up of former paramilitary members, as

Plan of Attack

Colombia’s new military strategy to counter guerrilla attacks is based on the following guidelines:

- 1) **Improve intelligence**
- 2) **Run military operations with smaller units**
- 3) **Collaborate with the justice system**
- 4) **Implement a policy of consolidation**
- 5) **Restructure legal framework for security forces members**

the biggest threat to security in the country. In fact, the guerrilla groups are aligning with these gangs to traffic drugs. “They [the FARC] maintain alliances with paramilitary successor groups which they fought at the time,” Pfeiffer said. “They are very opportunistic alliances that have nothing to do with ideology, but are individual fronts.”

Upon celebrating his first year in office in August 2011, President Santos said that during this period more than 1,900 members of guerrilla groups demobilized, almost 40 per week. In addition, 8,800 people who were participating in a reintegration program had begun to work in the formal sector, and more than 20,000 enrolled in school. The study and implementation of the new military strategies based on these guidelines were expected to bear fruit by the end of 2011, he said. “As a government, we must have the humility to know what needs to be corrected, and that is exactly what we are doing,” President Santos said. 

Sources: International Crisis Group, Ministerio de Defensa Nacional de la República de Colombia, www.elcolombiano.com, www.rcnradio.com

PARA ERRADICAR A FRAUDE DE PASSAPORTES



THINKSTOCK

DIÁLOGO

Para terroristas, documentos de viagem falsos são tão importantes quanto armas, e segundo a Interpol, o uso deles é a “a maior ameaça que o mundo enfrenta”. Através da cooperação internacional, no entanto, os países do continente americano estão aperfeiçoando a detecção de fraude em passaportes e em outros documentos de identificação (IDs). Os países estão compartilhando informações através do banco de dados de passaporte perdidos e roubados da Interpol, e também por intermédio de bancos de dados de suspeitos de terrorismo. Além disso, países como o Brasil, por exemplo, estão atualizando seus documentos de viagem com indicadores biométricos, tornando as falsificações uma coisa do passado. Alguns países iniciaram efetivamente o combate à corrupção do governo, um passo importante já que os oficiais encarregados da inspeção de documentos nos pontos de entrada formam a primeira barreira de defesa a impedir a circulação de terroristas e evitar o contrabando de seres humanos, drogas, dinheiro ilícito e armas.

BRAZIL

Como um país que tradicionalmente desempenha um papel importante nos esforços de segurança coletiva no hemisfério, o Brasil começou a emitir passaportes biométricos em novembro de 2010, armazenando dados em chip de identificação por radiofrequência (RFID). O novo passaporte atende aos padrões da Organização da Aviação Civil Internacional (OACI) para documentos de viagem de leitura óptica, bem como às diretrizes do Mercosul. O país também reforçou a segurança para a emissão de carteiras de identidade e certidões de casamento, nascimento e morte, dificultando ainda mais a falsificação de documentos que podem ser utilizados para obter passaportes.

Segundo a Polícia Federal brasileira, o novo passaporte conta com as seguintes características:

- Mapas do Brasil na contracapa do documento que só aparecem quando expostos à luz ultravioleta.
- Chip RFID, que armazena uma foto, duas impressões digitais e assinatura.
- Certificado de autenticação digital que permite aos funcionários confirmarem se as informações do chip foram gravadas por um órgão oficial autorizado.
- Protocolo EAC (Extended Access Control), sistema que só permite o acesso a informações biométricas gravadas no chip RFID mediante conhecimento de uma certificação digital específica.

Além de tornar a falsificação mais difícil, o passaporte também acelera o processo de verificação de chegadas e partidas internacionais nos aeroportos.

STAMPING OUT PASSPORT FRAUD

DIÁLOGO STAFF

Fraudulent travel documents are as important as weapons to a terrorist, and Interpol has described their use as “the biggest threat facing the world.” But through international cooperation, countries in the Americas are improving detection of fraudulent passports and other identification documents (IDs). Nations are sharing information through Interpol’s lost and stolen passport database and through databases pinpointing terror suspects. Countries such as Brazil are upgrading their travel documents with biometric indicators, making forgeries a thing of the past. A few countries have even begun to tackle government corruption – an important step, considering that the officials inspecting documents at ports of entry are the first line of defense in denying terrorists the freedom to travel and preventing the smuggling of humans, drugs, illicit cash and weapons.

BRAZIL

As a country that has traditionally played an important role in collective security efforts in the hemisphere, Brazil began issuing passports with biometric data stored on a radio-frequency identification (RFID) chip in November 2010. The new passport meets the International Civil Aviation Organization (ICAO) standard for machine-readable travel documents, as well as the guidelines of the trading bloc Mercosur. The country also added layers of security to its civil identity cards and birth, marriage and death certificates, making it harder to forge documents that can be used to obtain a passport.

According to the Brazilian Federal Police, the new passport’s security features include:

- Maps of Brazil on the back cover of the document that only appear when exposed to ultraviolet light.
- The RFID chip, which stores a photo, two fingerprints and a signature.
- A digital authentication certificate that allows officials to confirm that the information on the chip was recorded by an authorized government authority.
- Extended Access Control, which protects biometric information by only allowing those with knowledge of a special digital certificate to access the data on the RFID chip.

In addition to making counterfeiting tougher, the passport also speeds up the process of verification for international arrivals and departures at airports.

Passaportes brasileiros contam com dados biométricos armazenados em um chip de identificação por radiofrequência.

Brazilian passports include biometric data stored on a radio-frequency identification chip.



WIKIMEDIA COMMONS

PARAGUAI

O Paraguai reforçou medidas para fortalecer os sistemas nacionais de identificação e superar os casos de corrupção. A Millennium Challenge Corporation, uma agência independente dos Estados Unidos para ajuda internacional, contribuiu para os esforços do país em 2009, financiando o Novo Sistema de Identificação (NIS, por sua sigla em inglês) que acrescentou informações biométricas nas carteiras de identidade do país. Garantir a segurança dos documentos de identidade nacional é importante, pois eles não são apenas usados para a emissão de passaportes, mas também válidos para viagem entre os países do Mercosul (Argentina, Brasil e Uruguai). O Paraguai também projetou identidades e passaportes de acordo com os requisitos da OACI, tendo sido os documentos descritos pelo governo como à prova de falsificação.

Antes de o sistema de carteiras de identidades ser atualizado com os padrões internacionais, a Polícia Nacional do Paraguai ficava impossibilitada de arquivar impressões digitais eletronicamente. A Millennium Challenge Corporation informou que a reforma exigiu uma reestruturação da infraestrutura de tecnologia da informação do país, bem como um treinamento abrangente dos funcionários para o recolhimento de dados biométricos. As entradas no banco de dados do NIS estão agora ligadas a identificadores biométricos – imagens de impressões digitais – capturadas através da tecnologia live-scan, com a qual fotografias e assinaturas captadas com câmeras digitais e pads eletrônicos – são automaticamente verificadas à medida que entram no banco de dados, de acordo com a agência independente.

O sistema reduz o risco de fraudes ao rastrear todas as entradas, de modo que cada transação pode ser traçada pelo membro da equipe que se conectou a um scanner de impressões digitais. O resultado é um sistema de identidades e passaportes confiável, que reduz a ameaça do roubo de documentos e aprimora a verificação deles.

MÉXICO

Em janeiro de 2011, o presidente Felipe Calderón assinou um mandato exigindo que todos os cidadãos mexicanos com até 17 anos de idade obtivessem um cartão de identidade nacional com informações biométricas incorporadas, incluindo o escaneamento da íris. “É uma obrigação constitucional oferecer este cartão de identificação”, disse o ministro do Interior José Francisco Blake Mora, durante o lançamento do programa, em Tijuana.

Uma vez que todas as crianças forem incluídas no banco de dados, na etapa seguinte, novas carteiras de identificação serão emitidas para os mexicanos adultos, disse o ministro. A terceira fase abrangerá os estrangeiros residentes no México.



As novas carteiras de identidade do México incluem uma foto, um número de identificação único, um holograma, os dados escaneados da íris embutidos em um código de barras, além de dados de impressões digitais.

Mexico's new ID cards include a photo, a unique ID number, a hologram, iris scan data embedded in a bar code and fingerprint data.

AGENCE FRANCE-PRESSE



PARAGUAY

Paraguay has increased its measures to strengthen the national identification systems and overcome instances of corruption. The Millennium Challenge Corporation, an independent U.S. foreign aid agency, contributed to the country's efforts in 2009 by funding the New Identification System (NIS), which added biometric information to national ID cards. Having secure national IDs is important because they are not only used in issuing passports; they are also valid documents for travel to other Mercosur countries (Argentina, Brazil and Uruguay). Paraguay also redesigned its IDs and passports according to International Civil Aviation Organization requirements, which the government described as tamper-proof documents.

Before the ID card system was brought up to international standards, the Paraguayan National Police was unable to file fingerprints electronically. The Millennium Challenge Corporation reported that the reform required an overhaul of the information technology infrastructure as well as comprehensive staff training in the collection of biometric data. Entries in the NIS database are now linked to biometric identifiers — fingerprint images — that are captured through live-scan technology; photographs and signatures are captured with digital cameras and electronic pads, and are automatically verified as they become part of the database, according to the foreign aid agency.

The system reduces the risk of fraud by tracking all entries, so each transaction can be traced back to the staff member who logged in using a fingerprint scanner. The result is a reliable ID and passport system that reduces the threat of identity theft and improves document verification.

MEXICO

In January 2011, President Felipe Calderón signed an order requiring all Mexican citizens age 17 and younger to get a national identity card with biometric information embedded, including an iris scan. “It is a constitutional obligation to offer this identification card,” Interior Minister José Francisco Blake Mora said during the launch of the program in Tijuana.

Once all children have been included in the database, a second phase will issue the new ID cards to Mexican adults, the minister of the interior said. A third phase will cover foreigners residing in Mexico.

The new ID cards include a photo, a unique ID number, a hologram, iris scan data embedded in a bar code and fingerprint data. The government described the biometric IDs as a big step forward in preventing identity fraud, and the data collected is expected to help in cases of missing children. The idea of the database and accompanied information sharing is to make it difficult for criminals to operate within the country.

In addition, Mexico has improved its Migratory Operation System, which keeps records on travelers who arrive at airports, with funding from the Merida Initiative security cooperation agreement with the U.S. Merida Initiative funding has also improved security along Mexico's southern border, where document verification software and biometric equipment have been delivered to Mexico's National Institute of Migration (INAMI), according to the U.S. State Department. INAMI and the Office for the National Registration of the Population have also worked alongside U.S. officials to integrate biometrics at border checkpoints. The Narcotics Affairs Section at the U.S. Embassy in Mexico has developed standard



Um homem escaneia seu passaporte biométrico em um posto de controle automático de fronteiras, no aeroporto de Zurique-Kloten, na Suíça.

A man scans his biometric passport at an automatic border control point at Switzerland's Zurich-Kloten airport.

Os novos cartões de identificação possuem uma foto, um número de identificação único, um holograma e os dados da íris digitalizados e embutidos em um código de barras, além de dados de impressões digitais. O governo descreveu as identidades biométricas como um grande passo para a prevenção de fraudes de identidade, e espera que os dados coletados ajudem em casos de crianças desaparecidas. A ideia do banco de dados e do compartilhamento de informações associado é uma medida para dificultar a operação dos criminosos dentro do país.

Além disso, o México melhorou o Sistema de Operações Migratórias, que mantém registros de passageiros que chegam

aos aeroportos, com o financiamento do acordo de cooperação de segurança da Iniciativa Mérida, do governo americano. O financiamento da Iniciativa Mérida também proporcionou melhorias na segurança ao longo da fronteira sul do México, onde o software de verificação de documentos e equipamentos biométricos foram entregues ao Instituto Nacional de Migração do México (INAMI, por sua sigla em espanhol), de acordo com o Departamento de Estado dos EUA. O INAMI e o Departamento para o Registro Nacional da População trabalharam também junto com autoridades norte-americanas para integrar a biometria aos postos de fronteira. A seção de assuntos de narcóticos da Embaixada dos Estados Unidos no México desenvolveu procedimentos operacionais padronizados a serem seguidos por oficiais de imigração encarregados da inclusão e verificação de dados biométricos. Esse trabalho representa a base para um Banco Central de Dados Biométricos, cujo objetivo é identificar e combinar dados biométricos de passageiros com banco de dados internacionais de terroristas conhecidos e suspeitos, além de fugitivos.

ESTADOS UNIDOS

Uma vez que a Comissão do 11 de Setembro revelou ser esta uma das ferramentas mais eficazes para combater o terrorismo em 2004, reduzir a circulação de terroristas tornou-se parte da estratégia de segurança nacional dos EUA. Para barrar a entrada deles, os Estados Unidos fornecem assistência de segurança para que outros países

PRINCIPAIS PASSOS NA ESTRUTURAÇÃO PARA PREVENÇÃO DA CIRCULAÇÃO DE TERRORISTAS

1. Compartilhar informações sobre terroristas conhecidos e suspeitos através de bancos de dados internacionais.
2. Aumentar penas e modernizar detecção para combater o uso de documentos de viagem falsos.
3. Aprimorar a segurança de passaportes, substituindo documentos facilmente falsificáveis por aqueles que cumprem as normas internacionais e incluem informação biométrica.
4. Combater a corrupção em órgãos que emitem passaportes e agências de imigração.

Fonte: Controladoria Geral dos Estados Unidos

KEY STEPS IN BUILDING CAPACITY TO PREVENT TERRORIST TRAVEL

1. Share information about known and suspected terrorists through international databases.
2. Address the use of fraudulent travel documents by increasing penalties and improving detection.
3. Upgrade passport security by replacing easily counterfeited documents with ones that meet international standards and include biometric information.
4. Combat corruption in passport issuance and immigration agencies.

Source: U.S. Government Accountability Office

TIPOS DE FRAUDE DE PASSAPORTES

- Passaporte falso criado por um fornecedor
- Passaporte com foto alterada (foto substituída)
- Passaporte em branco roubado e preenchido
- Passaporte verdadeiro com identidade falsa, emitido por um governo intencionalmente
- Passaporte verdadeiro emitido com base em documentos de identificação falsos (certidão de nascimento, carteira de motorista, etc.)

Fonte: Strategic Forecasting Inc. (STRATFOR)

TYPES OF PASSPORT FRAUD


- Counterfeit passport created by a vendor
- Passport with altered photo (photo-subbed passport)
- Blank passport stolen and filled in
- Genuine passport intentionally issued in a false identity by a government
- Genuine passport issued based on fraudulent identification documents (birth certificate, driver's license, etc.)

Source: Strategic Forecasting Inc. (STRATFOR)

modernizem os sistemas de passaporte e aprimorem a detecção de documentos falsos. O Programa de Assistência Anti-Terrorismo do Departamento de Estado, por exemplo, fornece aos países as ferramentas para desenvolver e utilizar informações de triagem de terroristas. Cerca de 150 portos de entrada estrangeiros utilizaram este programa em 2010, segundo estatísticas do governo.

No entanto, um relatório de julho de 2011 do Escritório da Controladoria Geral dos Estados Unidos aponta que estes programas não são suficientes. “Alguns países não têm sistemas de banco de dados próprios com informações de triagem de terroristas nem mesmo acesso a informações do tipo provenientes de outros países para assim poder rastrear as informações biográficas e biométricas sobre terroristas conhecidos ou suspeitos”, diz o relatório. “Até mesmo quando os países contam com informações de triagem de terroristas, pode ser que não mantenham relações recíprocas para compartilhar com outros países estas informações ou mesmo dados relacionados a viagens, tais como listas de passageiros de companhias aéreas, limitando assim sua capacidade de identificar e prevenir a viagem de terroristas conhecidos ou suspeitos.”

UM PROBLEMA SÉRIO

Os terroristas dependem de documentos de viagem falsos para circular com facilidade ao redor do mundo a fim de conduzir inspeções, treinar para missões ou ainda para executar ataques. É por isso que as medidas para evitar fraudes de passaporte são tão importantes, de acordo com Ron Noble, secretário-geral da Interpol. “A ameaça número um que companhias aéreas e países de todo o mundo enfrentam é o risco de que terroristas ou outras pessoas perigosas carreguem um documento de identidade falso e desloquem-se de um país para outro.” 

Fontes: L-1 Identity Solutions, U.S. Transportation Security Administration, infohurhoy.com, San Diego Union Tribune, El Universal do México


operating procedures for immigration officers enrolling and verifying biometric data. That has been the basis for a Central Biometric Database that aims to identify and match traveler biometric data to international databases of known and suspected terrorists and fugitives.

UNITED STATES

Since the 9/11 Commission identified it as one of the most effective tools for fighting terrorism in 2004, curbing terrorist travel has become part of the U.S. national security strategy. To keep terrorists from entering the United States, the country provides security assistance to nations to modernize passport systems and improve detection of document fraud. For example, the State Department's Terrorist Interdiction Program gives countries the tools to develop and use terrorist screening information. About 150 foreign ports of entry used this program in 2010, according to government statistics.

However, a July 2011 report from the U.S. Government Accountability Office said these programs don't go far enough. “Some countries do not have their own database systems with terrorist screening information or access to other countries' terrorist screening information to keep track of biographical and biometric information about individuals who are known or suspected terrorists,” the report reads. “Even when countries have terrorist screening information, they may not have reciprocal relationships to share such information or other travel-related information such as airline passenger lists with other countries, thereby limiting their ability to identify and prevent travel of known or suspected terrorists.”

A SERIOUS PROBLEM

Terrorists rely on forged travel documents to move around the world with ease to conduct surveillance, train for a mission or carry out an attack. That is why measures to prevent passport fraud are so critical, according to Ron Noble, the secretary-general of Interpol. “The No. 1 risk confronting airlines and countries around the world is the risk terrorists or other dangerous persons will carry a fraudulent identity document and move from one country to another.” 

Sources: L-1 Identity Solutions, U.S. Transportation Security Administration, infohurhoy.com, San Diego Union Tribune, Mexico's El Universal



PEAK

alça voo

Acima: Um helicóptero Chinook CH-47 transporta um sistema modular PEAK da Base Aérea hondurenha Coronel José Enrique Soto Cano. A unidade pode funcionar como um sistema integrado ou como componentes individuais, tornando-se uma solução crítica no rescaldo de uma situação de emergência.

Above: A CH-47 Chinook helicopter carries a PEAK modular system from Honduras' Col. José Enrique Soto Cano Air Base. The unit can function as an integrated system or as individual components, making it a critical solution in the immediate aftermath of an emergency situation.



O Exército de Honduras e o contingente militar dos EUA aprendem a operar o sistema Aspen 2000, que purifica água.

Honduran Army and U.S. military personnel learn to operate the Aspen 2000 system, which provides water purification.

SANDRA JOHNSON/DIÁLOGO

Uma nova tecnologia coloca a assistência humanitária e de desastre perto de onde é necessária, antes que uma emergência ocorra

DIÁLOGO

Se não fosse o movimento das pás do rotor, pareceria que o helicóptero CH-47 Chinook da Força Aérea dos EUA flutuava congelado em uma pose majestosa. Em terra, quatro militares fixam grossas correntes para suspender uma caixa de 3,26 toneladas a partir do corpo da aeronave. Os homens verificam os acoplamentos para se certificar que tudo está em ordem, e só depois o Chinook levanta voo com sua preciosa carga.

Desta vez, a viagem será breve. Em poucos minutos, a caixa irá retornar à Base Aérea Coronel José Enrique Soto Cano, sede da Força Aérea de Honduras, da Academia da Força Aérea do país e da Força Tarefa Conjunta Bravo (JTF-Bravo).

Essa é uma demonstração operacional dos Kits Pré-posicionados de Assistência Expedicionária (PEAK, por sua sigla em inglês), um sistema modular projetado para fornecer às equipes de resposta a desastres serviços essenciais e sustentáveis, como água potável, comunicações, energia elétrica, e que podem permitir um melhor entendimento da situação durante as 72 primeiras horas após um terremoto, um furacão, um deslizamento de terra ou qualquer outra emergência.

UMA IDEIA SE TORNA REALIDADE

O PEAK originou-se de uma iniciativa da Divisão de Ciência, Tecnologia e Experimentação do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM) para criar um sistema que pudesse fortalecer a capacidade das nações parceiras da América Latina em responder a desastres naturais. A ideia se tornou realidade com o financiamento do Gabinete do Secretário de Defesa dos EUA (OSD, por sua sigla em inglês) e a assistência técnica do Centro de Tecnologia e Política de Segurança Nacional da Universidade de Defesa Nacional, com sede em Washington, DC.

Elmer L. Roman, o executivo de supervisão para construção de parcerias na Unidade de Rápido Provisionamento de Campo da OSD, explicou que o departamento apoia as agências civis que oferecem ajuda a outros países quando ocorrem desastres naturais. O PEAK permite que o Departamento de Defesa dos EUA auxilie de forma mais eficaz organismos como a Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional e o Departamento de Estado quando recebem pedidos de colaboração de outros países.

O conceito, lançado em março de 2010, centrava-se nas lições aprendidas durante o terremoto que atingiu o Haiti em 2010. O terremoto no Haiti inspirou a ideia de criar um sistema que possa ser pré-posicionado em regiões propensas a desastres naturais, como a América Central, ou possa ser enviado com antecedência quando, por exemplo, se verifica que um furacão violento vai atingir uma área específica.

ASSISTÊNCIA IMEDIATA

O PEAK pode fornecer assistência às equipes de resposta a desastres durante os primeiros três dias após um desastre natural. Durante este período crítico, ocorre uma série de fatores, como interrupção do serviço elétrico, contaminação do abastecimento de água e problemas de comunicação, entre outros. O PEAK pode fornecer smartphones e permitir que os socorristas tirem fotos, gravem clips de áudio, e escrevam mensagens de texto marcadas com coordenadas de posicionamento global, e as envie para um servidor centralizado em uma Rede de Área Global de Banda Larga. “O sistema permite que os primeiros socorristas coletem informações que servirão como um guia para uma resposta mais ampla”, afirmou Phil Stockdale, gerente técnico responsável pelo projeto, em nome da Universidade Nacional de Defesa.

De qualquer local do mundo, os usuários autorizados podem realizar pesquisas através da interface do Relatório de Campo Tático (TiGR, por sua sigla em inglês) de fácil assimilação e operação, desenvolvido pela Agência de Projeto e Pesquisa Avançada de Defesa, a mesma agência responsável pelo início da Internet há 40 anos. O TiGR marca a localização em um mapa de satélite onde os socorristas capturam a informação.

Em menos de um ano, a equipe dirigida por Stockdale projetou, construiu e testou o sistema PEAK em Honduras. A primeira versão foi submetida a testes rigorosos em fevereiro de 2011, na JTF-Bravo, graças ao interesse demonstrado pelos comandantes de base e do governo da nação, que enviou equipes com experiência em situações de emergência.

No final de agosto e início de setembro de 2011, após a implementação das modificações sugeridas pelos operadores do sistema, o grupo técnico voltou à JTF-Bravo para o teste de campo final. “O sistema PEAK pretende construir capacidades de nações parceiras”, afirmou o Tenente-Coronel John Ferrell, gerente de operações do projeto do SOUTHCOM, que descreveu a cooperação entre a JTF-Bravo, as Forças Armadas de Honduras, e a agência de gestão de emergência federal de Honduras como “primordial”.

Durante a demonstração do PEAK, no início de setembro de 2011, Roman anunciou que os dois primeiros kits do sistema serão posicionados na Base Aérea de Soto Cano. O PEAK suporta ajuda humanitária, socorro, combate ao narcotráfico e desenvolvimento de capacitação das nações parceiras da América Central. Ele será usado pela Equipe de Pesquisa e Avaliação da América Central da JTF-Bravo, quando as circunstâncias o exigirem e, quando qualquer um dos sete países da América Central solicitar assistência de acordo com o Tenente-Coronel Keith Pritchard, Comandante do Batalhão das Forças Armadas dos EUA da JTF-Bravo.

PEAK

takes flight

A new technology places humanitarian and disaster relief assistance close to where it is needed, before an emergency happens

DIÁLOGO STAFF

If not for the motion of the rotor blades, it would seem that the U.S. Air Force CH-47 Chinook helicopter is floating through air, frozen in a majestic pose. On land, four military personnel attach the thick chains to suspend a 3.26-ton box from the belly of the aircraft. The men check the couplings to make sure everything is in order, and only then does the Chinook take flight with its precious cargo.

This time, the trip will be brief. In only minutes, the box will return to Honduras' Colonel José Enrique Soto Cano Air Base, headquarters of the Honduran Air Force, the country's Air Force Academy and U.S. Joint Task Force-Bravo (JTF-Bravo).

This is an operational demonstration for the Pre-positioned Expeditionary Assistance Kits (PEAK), a modular system designed to provide disaster response teams with sustainable, essential services, such as potable water, communications and electricity. It can enable situational awareness during the first 72 hours after an earthquake, a hurricane, a landslide or any other emergency situation.

AN IDEA BECOMES REALITY

PEAK originated in an initiative by U.S. Southern Command's (SOUTHCOM) Science, Technology and Experimentation Division to create a system that could strengthen the capacity of partner nations in Latin America to respond to natural disasters. The idea became a reality with funding from the Office of the U.S. Secretary of Defense (OSD) and the technical assistance of National Defense University's Center for Technology and National Security Policy, based in Washington, D.C.

Elmer L. Roman, the oversight executive for building partnerships in the Rapid Fielding Directorate at the OSD, explained that the department supports the civilian agencies that offer aid to other countries when natural disasters occur. PEAK enables the U.S. Department of Defense to more effectively assist agencies such as the U.S. Agency for International Development and the State Department when they receive requests for collaboration from other countries.

The concept, which was launched in March 2010, focused on the lessons learned during the earthquake that struck Haiti in 2010. Haiti's earthquake inspired the idea of designing a system that could be pre-positioned in regions prone to natural disasters, such as Central America, or could be sent in advance when, for example, it becomes known that a powerful hurricane is going to strike a particular area.

IMMEDIATE ASSISTANCE

PEAK can provide assistance to disaster response teams during the first three days following a natural disaster. During this critical time frame, a series of common factors come together, such as interrupted electrical service, contaminated water supplies and communications problems, among others. PEAK can provide smartphones and enable responders to take photos, record audio clips and write text messages marked with global positioning coordinates, all of which is sent to a centralized server over a Broadband Global Area Network. "The system enables first responders to collect information that will serve as a guide for the larger response," said Phil Stockdale, the technical manager in charge of the project on behalf of the National Defense University.

From anywhere in the world, authorized users can conduct event searches through the user-friendly Tactical Ground Reporting (TiGR) interface, developed by the Defense Advanced Research Projects Agency, the same agency responsible for the beginnings of the Internet 40 years ago. TiGR marks the location on a satellite map where the responders captured the information.

In less than a year, the team headed by Stockdale designed, built, and tested the PEAK system in the Central American country of Honduras. The first version underwent rigorous testing in February 2011 at JTF-Bravo, thanks to the interest showed by the base commanders and the nation's government, which sent personnel with experience in emergency situations.

In late August and early September 2011, after implementing the modifications suggested by the operators of the system, the technical group returned to JTF-Bravo for the final field test. "The PEAK system aims to build partner nations' capacities," said Lieutenant Colonel John Ferrell, operations manager for the project with SOUTHCOM, who described the cooperation between JTF-Bravo, the Honduran Armed Forces, and Honduras' federal emergency management agency to be "paramount."

During the PEAK demonstration in early September 2011, Roman announced that the system's first two kits will be positioned at Soto Cano Air Base. PEAK supports humanitarian aid, disaster relief, countering illicit trafficking and capacity building of partner nations in Central America. It will be used by JTF-Bravo's Central America Survey and Assessment Team when circumstances require it and when any of the seven Central American countries requests assistance, according to Lieutenant Colonel Keith Pritchard, U.S. Army Forces Battalion Commander at JTF-Bravo.



A equipe técnica do PEAK instalou 12 painéis solares com capacidade para gerar 2,2 quilowatts por dia.

PEAK's technical team installed 12 solar panels with a capacity to generate 2.2 kilowatts per day.

INICIANDO O TRABALHO

O sol bate sem misericórdia, mas mesmo assim, ninguém pensa em mergulhar nas águas verdes e turvas do lago da Base Aérea de Soto Cano, em Honduras. Mas o módulo de dessalinização e purificação do sistema de Kits Pré-posicionados de Assistência Expedicionária (PEAK) transforma a água em um líquido claro e potável.

As equipes militares das Unidades de Resposta e Resgate Humanitária das Forças Armadas de Honduras e representantes da Comissão Permanente de Contingências que participam da demonstração operacional do PEAK instalaram cada um dos componentes do sistema como parte de seu treinamento. De um lado da lagoa, os homens montaram 12 painéis solares com capacidade para gerar 2,2 quilowatts por dia. No outro lado, montaram uma unidade Aspen 2000 de purificação de água, que pode fornecer cerca de 6.800 litros de água potável por dia a partir de fontes locais. No centro, a equipe ergueu uma antena de comunicações. Sob uma tenda, eles montaram os computadores para o funcionamento do sistema de alerta situacional e para a comunicação telefônica na Rede de Área Global de Banda Larga, comumente referido como BGAN. Uma segunda antena foi instalada a alguns metros de distância para aumentar o alcance da antena principal e evitar zonas mortas. Quando os painéis solares não são capazes de gerar energia suficiente, em dias nublados, por exemplo, um gerador elétrico a diesel e três bancos de baterias de íon-lítio são usados.

Após dois dias de treinamento, o segundo-tenente da Força Aérea de Honduras, Percy Maradiaga, disse, “O PEAK é excelente para a primeira resposta, pois apoia a missão que realizamos e atende às necessidades básicas em situações de desastres naturais: Fornecendo água, energia, comunicações.” E concluiu: “Este é um sistema verdadeiramente completo”.



Membros da Unidade Humanitária e de Resgate das Forças Armadas de Honduras montam a antena de comunicação do sistema PEAK.

Members of the Humanitarian and Rescue Unit of the Honduran Armed Forces assemble the PEAK system's communications antenna.

GETTING TO WORK

The sun beats down mercilessly; still no one thinks to dive into the green and cloudy waters of the pond at Soto Cano Air Base in Honduras. But the Pre-positioned Expeditionary Assistance Kits (PEAK) system's purification and desalination module transforms the water into a clear, drinkable liquid.

Military personnel from the Humanitarian Response and Rescue Units of the Honduran Armed Forces and representatives from the Permanent Committee for Contingencies participating in the PEAK operational demonstration disassembled and installed each of the system's components as part of their training. On one side of the pond, the men set up 12 solar panels with the capacity to generate 2.2 kilowatts per day. On the other, they set up an Aspen 2000 water purification unit, which can provide approximately 6,800 liters of potable water a day from local sources. In the center, the team erected a communications antenna. Under a tent, they set up the computers for operating the situational awareness system and for telephone communication over the Broadband Global Area Network, commonly referred to as BGAN. A second antenna was installed at a distance to extend the principal antenna's range and prevent dead zones. When the solar panels are unable to generate sufficient energy, on cloudy days, for example, a diesel-powered electrical generator and three banks of lithium-ion batteries are used.

After two days of training, Honduran Air Force Second Lieutenant Percy Maradiaga said, “PEAK is excellent for first response because it supports the mission we carry out and meets basic needs in natural-disaster situations: providing energy, water, communications.” He concluded, “This is a truly complete system.”

Treinamento em direitos humanos



O Centro de Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos e o Centro de Treinamento Conjunto de Operações de Paz das Forças Armadas Peruanas estão desenvolvendo uma força de soldados com formação prática e abrangente em direitos humanos.

DIÁLOGO

Acima: Membros das Forças Armadas peruanas participam de operações de paz da ONU no Haiti.

Há mais de meio século, o Peru demonstra seu compromisso com a paz mundial por meio da participação em várias missões de paz, tendo contribuído com 14 operações em todo o mundo, de acordo com dados do Colégio Interamericano de Defesa. Na última década, o país reforçou ainda mais a sua dedicação ao criar duas instituições para treinar as Forças Armadas e cidadãos peruanos, além de forças militares de outros países latino-americanos, instruindo-os a lidar com situações extremas em áreas de conflito. Embora tenham o menor orçamento da América do Sul, as Forças Armadas do Peru conseguem manter missões no Congo, Costa do Marfim, Eritreia, Etiópia, Haiti, Libéria e no Sudão, um feito possível apenas através de um compromisso firme com a formação do contingente militar em direitos humanos.

A primeira vez que o Peru participou de operações de paz foi no Líbano, em 1958, mas o país não enviou tropas antes de 1970, quando um batalhão peruano membro da Força de Emergência das Nações Unidas foi enviado ao Oriente Médio durante o conflito árabe-israelense. Nos dias de hoje, um elemento fundamental na formação dos militares que participam destas missões é o respeito pelos direitos humanos.

O Centro de Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos das Forças Armadas do Peru foi criado em 2003 para instruir o contingente militar em matéria de direito internacional humanitário por meio de treinamento, pesquisa, reflexão e campanhas boca a boca dentro das forças armadas. Na atualidade, o centro – primeiro do tipo na América do Sul – faz parte do Ministério da Defesa do Peru, que estabelece o rumo para suas atividades de acordo com as políticas e os objetivos estratégicos do país, e em conformidade com o mandato constitucional, com a legislação em vigor, com tratados internacionais relacionados à proteção e promoção dos direitos humanos e com o direito humanitário internacional.

“As instruções são repassadas através da promoção de cursos de treinamento, tanto em Lima quanto no interior do país, para oficiais,



Training for Human Rights

The Center for International Humanitarian Law and Human Rights and the Joint Training Center for Peace Operations of the Peruvian Armed Forces are cultivating a force of Soldiers with a comprehensive and practical education in human rights.

DIÁLOGO STAFF

Above: Members of the Peruvian Armed Forces participate in U.N. peacekeeping operations in Haiti.

Peru has demonstrated its commitment to world peace by its participation in several peacekeeping missions for more than half a century. It has contributed to 14 peace missions around the world, according to Inter-American Defense College data. In the past decade, the nation has further reinforced its dedication by creating two institutions that train Peruvian Armed Forces and civilians, and military forces from other Latin American countries on how to handle extreme situations in conflict areas. Although it has the smallest arms budget in South America, Peruvian Armed Forces maintain missions in the Congo, Côte d'Ivoire, Eritrea, Ethiopia, Haiti, Liberia and Sudan, an achievement possible only through a steadfast commitment to training military personnel in human rights.

Peru first took part in peacekeeping operations in Lebanon in 1958. But the country did not send contingents of troops until the 1970s, when a Peruvian battalion in the U.N. Emergency Force was sent to the Middle East during the Arab-Israeli conflict. Today, a key element in the training of military personnel participating in these missions is respect for human rights.

The Center for International Humanitarian Law and Human Rights of the Peruvian Armed Forces was created in 2003 to educate the military personnel about international humanitarian law through training, reflection, research and word of mouth within the Armed Forces. At present, the center – the first of its kind in South America – is part of the Peruvian Defense Ministry, which sets the direction for its activities in accordance with the country's policies and strategic objectives, and in conformity with its constitutional mandate, applicable legislation and international treaties related to the protection and promotion of human rights and international humanitarian law.



THE ASSOCIATED PRESS

Tropas peruanas de manutenção de paz da ONU participam de uma cerimônia em uma base militar em Lima, em 8 de janeiro de 2010, antes de partirem para o Haiti.

Peru's U.N. peacekeepers take part in a ceremony at a military base in Lima on January 8, 2010, prior to departing for Haiti.

técnicos, suboficiais e sargentos das Forças Armadas peruanas”, explicou o Tenente-Coronel do Exército Peruano Esteban Abad Agurto, instrutor do centro. Ele acrescentou que, nos últimos anos, houve uma expansão para abranger civis, tais como juizes e procuradores. A duração do programa varia de 15 dias no curso básico para suboficiais e sargentos e 30 dias no curso básico para oficiais. De acordo com o Ten Cel Abad Agurto, “alguns [dos alunos] chegaram até mesmo a tornar-se instrutores em outras escolas de treinamento das Forças Armadas”.

Segundo o Ten Cel Abad Agurto, foram treinados mais de 3.500 participantes civis e militares, provenientes de países como Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador e Venezuela. Muitos graduados do centro tornam-se instrutores no Centro de Treinamento Conjunto de Operações de Paz (CECOPAZ), uma instituição paralela vinculada ao Comando Conjunto das Forças Armadas peruanas e especificamente dedicada à educação, instrução e treinamento de membros designados para participar de operações de paz da ONU.

O Comando Conjunto das Forças Armadas não só supervisiona o CECOPAZ, como também planeja, coordena e gerencia os equipamentos e o treinamento dos membros destacados para operações multinacionais de forças de paz. Foi criado em 2003, em resposta ao compromisso firmado pelo Peru de participar das operações de paz através das Nações Unidas e outros organismos internacionais.

Existem dois tipos de contingentes de manutenção da paz. As missões de observação asseguram o cumprimento

Uma olhada no material didático

Os cursos oferecidos pelo Centro de Direito Internacional Humanitário e Direitos Humanos das Forças Armadas Peruanas são destinados a todos os membros das forças armadas, desde suboficiais e sargentos a coronéis. Os diversos cursos incluem:

- CURSO OFICINA: são 40 horas-aula para oficiais, técnicos, suboficiais e sargentos das Forças Armadas peruanas e da Polícia Nacional, além de profissionais civis.
- CURSO BÁSICO PARA OFICIAIS: são 190 horas-aula para oficiais das Forças Armadas peruanas e da Polícia Nacional, além de profissionais civis.
- CURSO BÁSICO PARA TÉCNICOS, SUBOFICIAIS E SARGENTOS: são 90 horas-aula para técnicos, suboficiais e sargentos das Forças Armadas peruanas.
- CURSO AVANÇADO: são 80 horas-aula para oficiais das Forças Armadas peruanas e da Polícia Nacional, além de profissionais civis.

Os cursos oferecidos pelo Centro de Treinamento Conjunto para Operações de Paz (CECOPAZ) focam na formação e preparação de oficiais, técnicos, suboficiais, sargentos e membros alistados para que atuem de acordo com os procedimentos operacionais e administrativos das Nações Unidas. Além de cursos para instrutores e contingente, os programas incluem:

- **Curso de educação à distância:** São dez tópicos, incluindo o sistema das Nações Unidas, a estrutura das operações de paz, o quadro jurídico para as operações de manutenção da paz e o código de conduta pessoal dos Capacetes Azuis.
- **Curso de observadores militares e apoio administrativo:** Para os oficiais das Forças Armadas peruanas e de forças estrangeiras (previamente convidadas via acordos bilaterais ou outros acordos assinados pelo Comando Conjunto das Forças Armadas). Este curso concentra-se no fornecimento de conhecimentos gerais, divididos em 30 tópicos, sobre as operações de paz e conhecimentos específicos sobre aspectos técnicos profissionais aplicáveis a qualquer área de missão.
- **Curso de pré-destacamento para o Haiti:** Obrigatório para oficiais e membros alistados que foram designados para formar contingentes militares em diferentes missões da ONU. O curso dura 45 dias e abrange 31 temas em três áreas direcionadas e operacionais de aplicação no campo.
- **Seminários para correspondentes da paz:** para membros das Forças Armadas e equipes de imprensa designados a servir como correspondentes credenciados nas diferentes missões da ONU. Este curso tem duração de cinco dias.

Para obter mais informações, consulte: <http://www.cccfaa.mil.pe/cecopaz/cecopaz.htm>

“The instruction is given through the delivery of training courses, both in Lima and in the interior of the country, to officers, technicians and noncommissioned officers (NCOs), of the Peruvian Armed Forces,” said Peruvian Army Lieutenant Colonel Esteban Abad Agurto, an instructor at the center. He added that in recent years it has expanded to include civilians such as judges and prosecutors. The length of the courses varies between 15 days for the basic NCOs’ course to 30 days for the basic officers’ course. According to Lt. Col. Abad Agurto, “Some [of the students] have even become instructors in the different Armed Forces training schools.”

Lt. Col. Abad Agurto said that more than 3,500 civilian and military participants have taken part in the training, from countries including Argentina, Bolivia, Brazil, Colombia, Ecuador and Venezuela. Many center graduates become instructors at the Joint Training Center for Peace Operations (CECOPAZ), a parallel institution dependent on the Peruvian Armed Forces Joint Command, and specifically dedicated to the education, instruction and training of personnel designated to participate in U.N. peace operations.

The Armed Forces Joint Command not only supervises CECOPAZ, but also plans, coordinates and supervises the equipment and training of personnel who will participate in multinational peace operations forces. It was created in 2003 in response to the Peruvian commitment to participate in peace operations through the United Nations and other international bodies.

There are two types of peacekeeping contingents. Observer missions ensure compliance with international humanitarian law and respect for human rights by means of



REUTERS

Um peruano da força de paz da ONU carrega um bebê durante uma evacuação no Haiti antes da chegada de uma tempestade tropical em novembro de 2010.

A Peruvian U.N. peacekeeper carries a baby during an evacuation in Haiti before the arrival of a tropical storm in November 2010.

A Look at the Coursework

The courses offered by the International Humanitarian Law and Human Rights Center of the Peruvian Armed Forces are intended for all members of the Armed Forces, from noncommissioned officers to colonels. The different courses include:

- WORKSHOP COURSE: 40 classroom hours for officers, technicians, and noncommissioned officers of the Peruvian Armed Forces and National Police and civilian professionals.
- BASIC OFFICERS’ COURSE: 190 classroom hours for officers of the Peruvian Armed Forces and National Police and civilian professionals.
- BASIC TECHNICIANS’ AND NONCOMMISSIONED OFFICERS’ COURSE: 90 classroom hours for technicians and noncommissioned officers of the Armed Forces.
- ADVANCED COURSE: 80 classroom hours for officers of the Peruvian Armed Forces and National Police and civilian professionals.

The courses offered by the Joint Training Center for Peace Operations (CECOPAZ) focus on training and preparing officers, technicians, noncommissioned officers and enlisted personnel to operate according to United Nations operational and administrative procedures. In addition to courses for instructors and contingents, the courses include:

- **Distance-education course:** Ten topics including the United Nations system, the structure of peacekeeping operations, the legal framework for peacekeeping operations and the Code of Personal Conduct for Blue Helmets.
- **Military Observers and General Staff Course:** For officers of the Peruvian Armed Forces and foreign forces (previously invited through bilateral agreements or other agreements signed by the Armed Forces Joint Command). This course focuses on providing general knowledge – divided into 30 topics – about peace operations and specific knowledge about technical professional aspects applicable to any mission area.
- **Pre-Deployment Haiti Course:** Mandatory for officers and enlisted personnel designated to fill vacancies in military contingents at the different U.N. missions. The course lasts 45 days and covers 31 topics in three directed and operational areas of application in the field.
- **Peace Correspondents’ Seminars:** For Armed Forces personnel and members of the media designated to serve as correspondents accredited to the different U.N. missions. This course last five days.

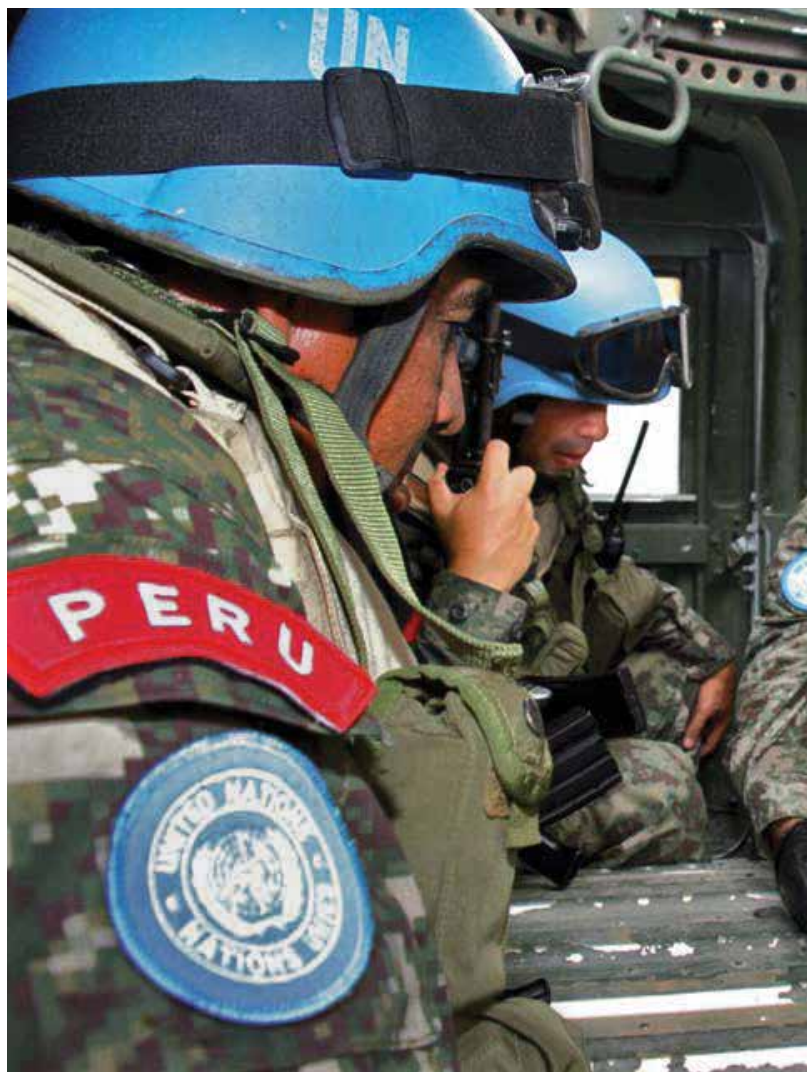
For more information, visit: <http://www.cccfaa.mil.pe/cecopaz/cecopaz.htm>

Um elemento fundamental na formação dos militares que participam nestas missões é o respeito pelos direitos humanos.

do direito internacional humanitário e o respeito aos direitos humanos por meio da observação, verificação e documentação. A segunda é a operação de manutenção da paz, caracterizada pelo patrulhamento de ruas por tropas encarregadas de manter a ordem. O contingente feminino de oficiais peruanas participa em missões de observação desde 1970, mas só recentemente começou a fazer parte das missões de paz. Em 2009, em resposta a novas necessidades de manutenção de paz, pela primeira vez o CECOPAZ convocou oficiais, suboficiais e sargentos do sexo feminino dos três ramos militares para unirem-se à primeira força de paz feminina. A primeira turma formou-se em 2011 e foi destacada para apoiar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), para um revezamento inicial de seis meses.

A Segundo Sargento do Exército Peruano Karla Sallo Guerra participou da turma inaugural e contou a sua experiência à *Diálogo*. “Estávamos divididas em dois grupos, um do Exército e outro da Marinha, estudando inglês e francês e recebendo treinamento físico, antes de qualquer coisa”, disse ela. Em seguida, começaram os cursos da ONU. “Eles nos instruíram sobre a missão que iríamos realizar no Haiti, por meio de cursos sobre como deveríamos tratar as pessoas quando estivéssemos lá, qual seria nossa missão em caso de desastres, motins e greves, o que deveríamos ou não fazer, além de instruções sobre manutenção de paz e cursos da Cruz Vermelha”, detalhou a 2º Sgt Sallo Guerra.

Ambas as instituições estão assumindo as rédeas na formação do contingente militar para lidar com situações de conflito, não apenas durante guerras, mas também diante das realidades do mundo de hoje. A 2º Sgt Sallo Guerra descreveu o impacto humano de sua missão e o papel singular que as mulheres formadas pelo CECOPAZ poderão desempenhar. “Eles nos disseram que iríamos realizar uma missão de ação cívica e que, como mulheres, poderíamos desempenhar um papel importante por termos mais acesso a mulheres e crianças.”



Peruvian Soldiers were deployed to Haiti as part of the United Nations peacekeeping efforts following a devastating earthquake January 12, 2010.



COMANDO EN ACCIÓN

Os militares peruanos doaram alimentos e água para cinco orfanatos em Porto Príncipe e Malpasse, Haiti.

The Peruvian Military donated food and water to five orphanages in Port-au-Prince and Malpasse, Haiti.




COMANDO EN ACCIÓN

Soldados peruanos foram destacados para o Haiti como parte dos esforços de paz das Nações Unidas após um terremoto devastador em 12 de janeiro de 2010.

A key element in the training of the military personnel who participate in these missions is respect for human rights.

observation, verification and reporting. The second is peacekeeping, characterized by troops who patrol the streets and maintain order. Peruvian female officers have participated in observer missions since the 1970s but only recently began participating in peacekeeping missions. In 2009, in response to new peacekeeping needs, CECOPAZ for the first time called on female officers and NCOs from the three Military branches to put together the first female peacekeeping force. The first class graduated in 2011 and was then deployed to support the U.N. Stabilization Mission in Haiti for an initial rotation of six months.

Peruvian Army Staff Sergeant Karla Sallo Guerra was part of the inaugural class and spoke with *Diálogo* about her experience. “We were two groups – one from the Army and the other from the Navy – studying English and French and receiving physical training, first of all,” she said. Next came instruction in U.N. courses. “They taught us the mission that we were going to carry out in Haiti with courses on how we should treat people once we were there, what our mission is in the event of disasters, riots and strikes – what we should and shouldn’t do, peacekeeping instruction, and Red Cross courses,” Staff Sgt. Sallo Guerra recounted.

Both institutions are taking the reins in training military personnel to handle conflict situations not only in war, but also in the realities of today’s world. Staff Sgt. Sallo Guerra described the human impact of her mission, and the unique role that female graduates of CECOPAZ will be able to play. “They told us that we would be going to carry out a civic action mission, and that as women, we can play an important role because we have more access to women and children.” 



COMANDO EN ACCIÓN

Missões de paz proporcionaram uma oportunidade para as Forças Armadas peruanas interagirem com a população haitiana.

Peacekeeping missions provided an opportunity for the Peruvian Military to interact with the Haitian population.

O Vale dos Rios Apurímac e Ene, conhecido por sua sigla em espanhol VRAE, é uma região remota no centro do Peru caracterizada por terreno montanhoso acidentado e selvas densamente florestadas. Área que abriga quase um terço das plantações de coca do país, a região do VRAE é também o ponto principal de uma guerra contrainsurgente que está sendo travada pelas Forças Armadas do Peru contra o Sendero Luminoso.

Antigo inimigo, NOVA

Forças Armadas do Peru priorizam a retomada da região do VRAE utilizando uma nova estratégia, mais forças militares em campo e tecnologia para apoiar seus esforços.

DIÁLOGO

Outrora uma organização terrorista com motivações políticas, o Sendero Luminoso ressurgiu como um grupo narcoterrorista dividido em duas facções relativamente independentes. Um grupo está localizado no Vale do Alto Huallaga, e o outro, maior, no VRAE.

Criado em 1970 pelo professor de filosofia Abimael Guzmán, o Sendero Luminoso era um grupo guerrilheiro maoísta que visava a derrubar o governo peruano. Por mais de duas décadas, o grupo terrorista travou uma sangrenta batalha contra o governo, realizando atentados e assassinatos, que mataram mais de 30.000 peruanos, segundo relatos oficiais. Seja na área rural do centro e sul do Peru, onde os rebeldes eram mais fortes, ou na própria capital Lima, o Sendero Luminoso assassinou cidadãos, incluindo funcionários do governo, empresários e até mesmo camponeses, sem impunidade.

EM DECLÍNIO

O grupo terrorista começou o seu declínio em 1992, quando Guzmán e outros líderes políticos foram capturados e presos pelas forças de segurança. Até 2002, analistas estimavam que o grupo não contava com mais de 200 membros, um número baixo em relação aos cerca de 5.000 existentes no auge de sua insurgência.

Sem liderança ideológica, o grupo tornou-se mais militante e se concentrou no tráfico de drogas, assemelhando-se à organização guerrilheira colombiana, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). De acordo com o relatório 2010 do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, o Peru superou a Colômbia como o maior produtor mundial de folhas de coca, matéria-prima para a produção de cocaína. O governo peruano acredita que o Sendero Luminoso receba cerca de US\$ 15 milhões anualmente de lucros provenientes da droga para financiar o armamento e manter sua rede clandestina.



ES



TRATÉGIA

Comandos peruanos desempenham um papel importante na guerra de contrainsurgência.

Peruvian Commandos play an important role in counterinsurgency warfare.

JAIME REYES LEÓN

Old enemy, NEW STRATEGY

Peruvian Armed Forces focus on taking back the VRAE with a new strategy, more forces on the ground and the technology to support their efforts.

DIÁLOGO STAFF

The Apurimac and Ene Rivers Valley, known by its Spanish acronym VRAE, is a remote region in the center of Peru characterized by rugged mountainous terrain and densely forested jungles. Home to nearly a third of the country's coca crops, the VRAE region is also the focal point for a counterinsurgency war being fought by the Peruvian Armed Forces against the Shining Path.

Once a politically motivated terrorist organization, the Shining Path has resurfaced as a narcoterrorist group splintered into two relatively independent factions. One group is in the Upper Huallaga Valley, and the other, larger group, is in the VRAE.

Formed in the 1970s by philosophy professor Abimael Guzmán, the Shining Path was a Maoist guerrilla group bent on overthrowing the Peruvian government. For more than two decades, the terrorist group waged a bloody war against the government, carrying out bombings and assassinations that killed more than 30,000 Peruvians, according to official accounts. Whether it was in the countryside of central and southern Peru where the rebels were strongest, or in the capital of Lima itself, the Shining Path assassinated citizens, including government officials, business owners and even peasants, without impunity.

IN DECLINE

The terrorist group began its decline in 1992, when Guzmán and other political leaders were captured and imprisoned by security forces. By 2002, analysts estimated that the group had no more than 200 members, down from an estimated 5,000 at the height of its insurgency.

With no ideological leadership, the group became more militant and turned to drug trafficking, resembling the Colombian guerrilla organization, the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC). According to the United Nations Office on Drugs and Crime 2010 report, Peru has surpassed neighboring Colombia in becoming the world's top producer of coca leaves, the raw material for cocaine production. The Peruvian government believes that the Shining Path receives about \$15 million annually from drug profits to stay armed and maintain its clandestine network.



Forças peruanas recuperaram áreas controladas pelo Sendero Luminoso e resgataram mulheres e crianças que estavam sendo usadas como soldados.

Peruvian forces have recovered Shining Path-controlled areas and rescued women and children who were being used as foot soldiers.

COMANDO EN ACCIÓN

“Perderam o rumo, e agora são simplesmente uma organização que sobrevive [do tráfico de drogas], lutando com a polícia e os militares, mas sem nenhuma possibilidade de ganhar ou obter qualquer tipo de controle político”, afirmou o General Carlos Morán, ex-chefe da Agência Antidrogas da Polícia Nacional do Peru.

ELIMINANDO O INIMIGO

Com a insurgência no Vale de Huallaga reduzida pelas forças de segurança a poucos remanescentes, os militares estão se concentrando na região do VRAE, destacando cerca de 5.000 militares. Em 2008, as Forças Armadas estabeleceram o Comando Especial do VRAE, composto por membros do Exército, do Corpo de Fuzileiros Navais e da Força Aérea do Peru. Este novo comando deu às Forças Armadas uma forte presença na região, além de aumentar os recursos e a logística.

Desde aquela época, as forças peruanas obtiveram sucesso na captura de um grande número de membros terroristas, recuperando áreas sem governo que estavam sob



As Forças Armadas peruanas estão se concentrando na região do VRAE mediante o destacamento de cerca de 5.000 militares.

The Peruvian Armed Forces are concentrating on the VRAE region by deploying close to 5,000 military personnel.

COMANDO EN ACCIÓN

influência do Sendero Luminoso, destruindo vários laboratórios de cocaína, e resgatando mulheres e crianças que estavam sendo usados como soldados. Estes resultados, no entanto, não foram obtidos sem perdas, com cerca de 60 policiais e militares mortos nos últimos três anos, incluindo cinco soldados que morreram em uma emboscada na véspera da eleição do presidente Ollanta Humala e mais dois que foram mortos poucos dias antes de sua posse, em julho de 2011.

UMA NOVA ESTRATÉGIA

Reconhecendo a necessidade de uma nova estratégia de contrainsurgência, as Forças Armadas do Peru introduziram dois novos batalhões para reforçar os dois já existentes, com um batalhão designado para se concentrar especificamente na contra-espionagem. “Estamos controlando muito mais o problema do narcotráfico. Estamos

“A segurança começa com os resultados. O país vai se sentir seguro se suas Forças Armadas conseguirem derrotar o inimigo. Mas o que vemos agora é que o inimigo está no mesmo lugar de sempre, atingindo seus objetivos a qualquer momento. Isso tem que acabar.”

— PRESIDENTE DO PERU, OLLANTA HUMALA, em um discurso aos comandantes peruanos das Forças Armadas — agosto de 2011



CENTRO HEMISFÉRICO DE ESTUDOS DE DEFESA

SOLUÇÕES DE SEGURANÇA

OSCAR PICÓN ALCALDE/ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DO CENTRO HEMISFÉRICO DE ESTUDOS DE DEFESA

As forças de segurança peruanas combatem o terrorismo, o crime e o tráfico de drogas nos ambientes mais desafiadores, tais como as regiões do Vale dos Rios Apurímac e Ene. Com o propósito de explorar estas intensas questões regionais de uma forma multinacional, a Associação de Ex-Alunos do Centro Hemisférico de Estudos de Defesa Peruano sediou a Segunda Conferência Hemisférica de Segurança e Defesa em Lima, nos dias 7 e 8 de novembro de 2011.

Especialistas americanos, britânicos, colombianos, israelenses, mexicanos e peruanos discutiram as tendências do narcotráfico, estratégias anti-terrorismo, questões relativas ao crime organizado e de tecnologia relacionada com a segurança, entre outros temas. Entre os participantes estavam membros das Forças Armadas e da Polícia Nacional peruana, ministérios governamentais, colégios militares e outros ligados ao setor de defesa.

A conferência ajudou a gerar soluções alternativas para problemas de segurança e defesa. Mais de 250 participantes civis e militares mostraram que um fórum aberto, onde temas são apresentados e debatidos entre todos, funcionou bem é um modelo a ser seguido em futuros eventos.

FOSTERING SECURITY SOLUTIONS

OSCAR PICÓN ALCALDE/CENTER FOR HEMISPHERIC DEFENSE STUDIES ALUMNI ASSOCIATION

Peruvian security forces battle crime, terrorism and drug trafficking in the most challenging of environments, such as the Apurímac and Ene Rivers Valley. To explore these intense regional issues in a multinational form, the Peruvian Center for Hemispheric Defense Studies Alumni Association hosted the Second Hemispheric Security and Defense Conference in Lima on November 7-8, 2011.

American, British, Colombian, Israeli, Mexican and Peruvian experts discussed narco-trafficking trends, anti-terrorism strategies, organized crime issues and security-related technology, among other topics. Participants included members of the Peruvian Armed Forces, Peruvian National Police, government ministries, military schools and others linked to the defense sector.

The conference helped generate alternative solutions to security and defense issues. More than 250 military and civilian participants showed that an open forum, where topics are presented and debated, worked well for the group, and the format will be proposed to become standard.



JAMIE REYES LEON

“Podemos vencer novamente. Já vencemos a guerra contra o Sendero Luminoso nos anos 80 e 90, e vamos vencê-la novamente.”


— GENERAL-DE-DIVISÃO LEONEL CABRERA PINO

O Gen Div Leonel Cabrera Pino, à esquerda, em um posto de comando do VRAE

Lt. Gen. Leonel Cabrera Pino, left, at a VRAE command post

realizando operações contra o narcotráfico em operações integradas com a polícia, o que normalmente não se fazia antes”, disse o General-de-Divisão Leonel Cabrera Pino, ex-comandante do VRAE e atual comandante da Região Central, incluindo Lima. “Podemos vencer

novamente. Já vencemos a guerra contra o Sendero Luminoso nos anos 80 e 90, e vamos vencê-la novamente.”

Após sua posse, o presidente Humala, um ex-tenente coronel do Exército destacado para o Vale do Alto Huallaga, instruiu o ministro da Defesa Daniel Mora Zevallos a fornecer ao Comando do VRAE todos os recursos necessários para derrotar o Sendero Luminoso de uma vez por todas. Alguns desses recursos já estão sendo implementados com o uso, pelo Exército, de veículos aéreos não-tripulados, que indicam as localizações dos membros do Sendero Luminoso em tempo real para a unidade de patrulha mais próxima. “Creio que deveríamos ser um pouco mais incisivos na luta, porque se lhes dermos tregua, eles recomearão sua expansão”, acrescentou o Gen Div Cabrera Pino. 

“They lost their way, and now they’re simply an organization which survives [on drug trafficking], fighting with the police and the military, but with no chance of winning or gaining any sort of political control,” said General Carlos Morán, the former head of the counter-drugs directorate of the Peruvian National Police.

ELIMINATING THE ENEMY

With the insurgency in the Huallaga Valley reduced by security forces to a few remnants, the military is concentrating on the VRAE region by deploying close to 5,000 military personnel.


In 2008, the Armed Forces established the VRAE Special Command, made up of members of the Peruvian Army, Marine Corps and Air Force. This new command gave the Armed Forces a heavy presence in the region in addition to increased resources and logistics.

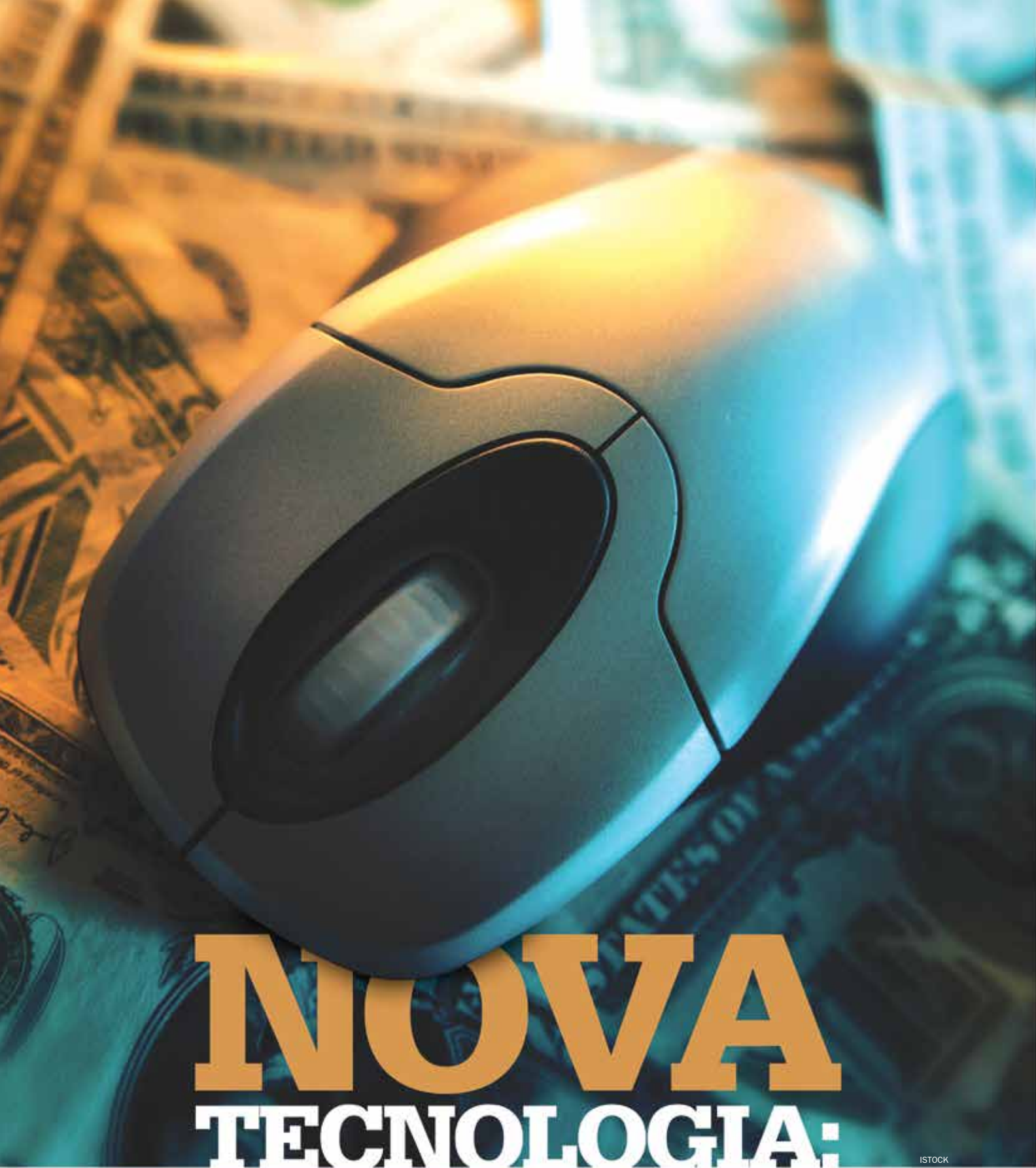
Since that time, Peruvian forces have had success in capturing numerous terrorist members, recovering ungoverned areas that were under Shining Path influence, destroying several cocaine labs, and rescuing women and children who were being used as foot soldiers. These results have not come without losses, however, with about 60 police and Military officers killed in the past three years, including five Soldiers who died in an ambush on the eve of President Ollanta Humala’s election and two more who were killed just days before his inauguration in July 2011.

A NEW STRATEGY

Recognizing the need for a new counterinsurgency strategy, the Peruvian Military has introduced two more battalions to reinforce the two already in place, with one battalion designed to focus specifically on counterintelligence. “We’re paying much more attention to the problem of drug trafficking. We’re conducting operations against drug trafficking in integrated operations with the police where this had not normally been done in the past,” said Lieutenant General Leonel Cabrera Pino, former VRAE commander and current commander of the Central Region, including Lima. “We can win again. We won the war against Shining Path in the 1980s and 1990s, and we’re going to win it again.”

Upon his inauguration, President Humala, a former Army lieutenant colonel who was deployed in the Upper Huallaga Valley, instructed Minister of Defense Daniel Mora Zevallos to provide the VRAE Command with all the necessary resources to defeat the Shining Path once and for all. Some of those resources are already being implemented with the Army’s use of unmanned aerial vehicles, which transmit the locations of Shining Path members in real time to the nearest patrol unit.

“I believe that we have to press a bit harder in the fight, because if we give them breathing room, they’ll start to expand again,” added Lt. Gen. Cabrera Pino. 



NOVA TECNOLOGIA:

ISTOCK

A L I A D O O U I N I M I G O ?

CRIMINOSOS E TERRORISTAS ESTÃO USANDO NOVAS FORMAS DE LAVAGEM DE DINHEIRO, QUE INCLUEM TELEFONES CELULARES, CARTÕES PRÉ-PAGOS E INTERNET

DIÁLOGO

Dois homens entraram numa loja de transferência de dinheiro nas Ilhas Virgens, em St. Thomas, EUA, transportando US\$ 20.000 em espécie. Por trás de uma janela de vidro, o especialista em lavagem de dinheiro, Juan Llanos, os observou discretamente e se lembra de um homem com um forte sotaque espanhol dizendo ao gerente da loja: “Preciso enviar dinheiro; esses valores para essas pessoas.” “Eu não falei. Olhei ao redor porque os homens poderiam estar armados”, disse Llanos, ressaltando que era importante permitir que a transação fosse concluída antes que pudesse ser denunciada às autoridades federais.

Quando os homens saíram, ele perguntou ao gerente porque não havia verificado as suas identidades. A resposta informal foi que ele conhecia ambos e que aquela não era a primeira vez. “Eu não podia acreditar que estava vendo aquilo”, disse Llanos a *Diálogo*, ao relatar o incidente ocorrido em 2004. “Ver” os “lavadores” de dinheiro atuais é muito mais difícil. Eles não circulam em lojas com malas de dinheiro, em vez disso, estão espalhados em todo o mundo, operando no ciberespaço com identidades falsas e utilizando tecnologias financeiras emergentes.

Llanos acredita que o uso de estabelecimentos de transferência de dinheiro para a lavagem é menos comum hoje em dia devido aos controles mais rigorosos e programas de treinamento bem sucedidos. Jogos online, cartões pré-pagos, telefones celulares, e moedas digitais estão se tornando amplamente utilizados em todo o mundo para movimentar dinheiro para fins ilegais. Esta tecnologia, que se originou com o desenvolvimento de novos métodos de pagamento, como cartões pré-pagos, pagamentos por telefone e serviços de pagamento pela internet, está criando novas oportunidades de uso indevido da tecnologia para a lavagem de dinheiro, de acordo com a Força-Tarefa de Ação Financeira, uma organização que desenvolve e promove políticas nacionais e internacionais para combater a lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo. Llanos afirmou que muitos “lavadores” estão explorando essas tecnologias para fins ilícitos, cada vez mais.

JOGOS ONLINE

Os jogos do “mundo virtual”, como *Second Life* e *World of Warcraft*, são um instrumento que está sendo utilizado por traficantes e outros criminosos para a lavagem de dinheiro. Os jogadores podem usar o dinheiro virtual ou créditos em troca de moeda real. Milhares de participantes de países diferentes se encontram on-line e pagam com dinheiro virtual a partir de lugares distantes. O dinheiro virtual é, então, convertido em moeda local para investimento em imóveis, arte e outros bens, de acordo com www.PoliceOne.com, um site de notícias acessado pela comunidade policial dos Estados Unidos.

As operações de apostas pela internet também são vulneráveis a atividades criminosas que vão desde o financiamento do terrorismo a evasão fiscal, segundo o Departamento de Estado dos EUA. Cassinos com base terrestre são obrigados a apresentar relatórios às autoridades federais e adotar programas de conformidade ao combate à lavagem de dinheiro. A Costa Rica oferece um

NEW TECHNOLOGY: ALLY OR ENEMY?

CRIMINALS AND TERRORISTS ARE USING NEW WAYS TO LAUNDER MONEY INCLUDING CELLPHONES, PREPAID CARDS AND THE INTERNET

DIÁLOGO STAFF

Two men entered a money transfer store in St. Thomas, U.S. Virgin Islands, carrying \$20,000 in cash. Behind a glass window, certified anti-money laundering specialist Juan Llanos observed them discretely. “I need to send money; these amounts to these people,” Llanos recalled a man telling the manager of the store. “I did not talk. I looked at my materials because the guy could have had a gun,” Llanos said, pointing out that it was important to allow the transaction to be completed before it could be reported to federal authorities.

Once the men left, he asked the manager why he had not verified their identity. The casual response was that he knew the men and that it was not the first time. “I could not believe I was seeing that,” Llanos told *Diálogo* as he recounted the 2004 incident. “Seeing” today’s money launderers is much more challenging. They do not walk into stores with suitcases of cash; instead, they are spread across the globe, operating in cyberspace with false identities and using emerging financial technologies.

Llanos thinks use of money transfer houses for laundering is less common nowadays due to stricter controls and successful training programs. Online games, prepaid cards, mobile phones, and digital currencies are becoming widely used around the globe to move cash for illegal purposes. This technology, which originated with the development of new payment methods such as prepaid cards, over-the-phone payments and Internet payment services, are creating new opportunities to misuse technology for money laundering, according to the Financial

1. Jogos de azar on-line facilitam a transferência, pelos criminosos, de dinheiro de atividades ilegais por todo o mundo.

Online gambling makes it easier for criminals to transfer money from illegal activities around the globe.

2. Em uma tentativa de evitar as exigências regulamentares impostas aos tradicionais fornecedores financeiros, o crime organizado tem encontrado formas de lavagem de lucros ilícitos por meio da tecnologia.

In an effort to avoid regulatory requirements for traditional financial providers, organized crime has found ways to launder illicit profits through technology.



AGENCE FRANCE-PRESSE



AGENCE FRANCE-PRESSE

excelente exemplo de um país com uma indústria considerável de jogos pela internet que, na prática, é quase não regulamentada. A indústria de jogos on-line movimentava aproximadamente US\$ 12 bilhões anualmente e emprega 10.000 pessoas no país. Uma perda intencional que efetivamente move fundos em todo o mundo pode facilmente passar despercebida.

CARTÕES PRÉ-PAGOS

Existem dois tipos de cartões pré-pagos utilizados pelos “lavadores” para fins ilícitos. Cartões, tais como os pré-pagos Visa e MasterCard, podem ser usados em várias lojas. Outros, como os utilizados para dar de presente, só podem ser utilizados na loja ou empresa que os emitiu. Ao lidar com cartões de presente, os caixas não pedem identificação nem perguntam de onde vem o dinheiro, afirmou Karen O’Brien, especialista certificada em combate à lavagem de dinheiro nas Ilhas Cayman. “Os criminosos e terroristas estão procurando maneiras de não ter que responder a muitas perguntas, ou locais onde não tenham que apresentar identificação, o que é simplesmente uma maneira bem mais fácil de agir”, disse O’Brien à *Diálogo*. “Quando uma porta se fecha, eles logo descobrirão uma outra porta aberta.”

O’Brien deu um exemplo de como um criminoso pode comprar um cartão de presente de US\$ 500 em uma loja e, em seguida, ir a outras lojas e obter outros 10, somando rapidamente US\$ 10.000 em dinheiro plástico. Os produtos podem ser comprados com cartões de presente, vendidos on-line ou em jornais de classificados, onde os criminosos podem facilmente obter dinheiro. Os cartões de presente também são de fácil transporte e transferência. Uma

vez que estes não se enquadram na definição de moedas, quantias de US\$ 10.000 ou superiores não têm que ser declaradas às autoridades aduaneiras.

TELEFONES CELULARES

Os celulares permitem transferências de pagamentos sem o uso de tradicionais fornecedores de serviços financeiros, que têm controles estabelecidos antilavagem de dinheiro. Pagamentos por celular são utilizados pelos trabalhadores migrantes para transferir dinheiro para suas famílias, mas também podem proporcionar aos traficantes ou terroristas uma forma segura de enviar dinheiro. O dinheiro pode ser acessado e transferido através de um celular ou tablet sem um cartão de banco ou identificação do cliente. Celulares pré-pagos comprados de forma anônima e pagos em dinheiro têm sido associados a atividades criminosas e ao terrorismo, de acordo com o site www.lavadodinero.com.


Gonzalo Vila, diretor de Operações Latino-Americanas para a Associação de Especialistas Certificados Anti-Lavagem de Dinheiro (ACAMS, por sua sigla em inglês), uma organização com sede em Miami de profissionais antilavagem de dinheiro, afirmou que o uso de telefones celulares para a lavagem de dinheiro está começando na América Latina. “Ainda é incipiente na América Latina, e vai levar tempo antes que se torne uma ameaça real”, disse ele, observando que em seu país, a Argentina, algumas empresas estão usando telefones celulares para o pagamento ou aquisição de bens e serviços de maneira legal.

MOEDAS DIGITAIS

Moedas digitais, também conhecidas como

carteiras eletrônicas, e-carteiras ou neteller, exigem depósito de uma determinada quantia em dinheiro em um banco designado, para uso em uma e-carteira de um indivíduo. Moedas digitais podem ser acessadas on-line e enviadas para qualquer um, em qualquer lugar do mundo. O dinheiro recebido pode ser carregado em um cartão pré-pago, ou pode ser solicitado um cheque para ser enviado ou transferido eletronicamente.

O’Brien declarou que os criminosos e terroristas estão investigando esses novos métodos, porque grande parte da legislação no Caribe e em outras jurisdições foi elaborada para fornecedores de serviços financeiros tradicionais, e não para os mais recentes veículos financeiros on-line. Como resultado, estão sendo intensificados os regulamentos de cartões pré-pagos como forma de combater a lavagem de dinheiro.

Vila considera que regulamentos como este são importantes, destacando que o México e outros países continuam a regular as transferências financeiras para evitar a lavagem de dinheiro. Além disso, há uma troca de informações entre os países da América Latina para alertar sobre as atividades de financiamento ao terrorismo. Ele acrescentou que ACAMS treina profissionais em todo o mundo para identificar as ameaças emergentes associadas à lavagem de dinheiro. Sobre as tecnologias emergentes, O’Brien afirmou: “Todos estes sistemas têm um propósito genuíno, não foram criados para serem ruins, mas, infelizmente, os criminosos estão vendo isso como uma área a ser explorada”. 

Fontes: <http://lavadodinero.com>, Força-Tarefa de Ação Financeira, Departamento de Estado dos EUA, www.PoliceOne.com



Action Task Force, an organization that develops and promotes national and international policies to combat money laundering and terrorist financing. Llanos said many launderers are exploiting these technologies for illicit ends with increasing speed.

ONLINE GAMES

“Virtual world” games, such as *Second Life* and *World of Warcraft*, are one tool being used by drug lords and other criminals for money laundering. The players can use virtual money or credits in exchange for real currency. Thousands of participants from different countries meet online and pay virtual money from distant places; the virtual money is then converted into local currencies for investment in real estate, art and other assets, according to www.PoliceOne.com, a news site frequented by the law enforcement community in the United States.

Internet gambling operations are also vulnerable to criminal activities ranging from terrorist financing to tax evasion, according to the U.S. Department of State. Land-based casinos are required to file reports with federal authorities and adopt money laundering compliance programs. Costa Rica provides a prime example of a country with a sizable Internet gaming industry that in practice is almost unregulated.

The Internet sports booking industry transacts approximately \$12 billion annually and employs 10,000 people in the country. An intentional loss that effectively moves funds across the globe can easily go unnoticed.

PREPAID CARDS

There are two types of prepaid cards that launderers utilize for illicit purposes. Open-ended cards, such as prepaid Visa and MasterCard varieties, can be used at various retailers. Closed-ended gift cards can only be spent at the store or business that issued them. When dealing with gift cards, cashiers do not ask for identification or where the money comes from, said Karen O’Brien, a certified anti-money laundering specialist in the Cayman Islands. “Criminals and terrorists are looking for ways where they are not asked too many questions, where they do not have to provide identification and it is just an easier door,” O’Brien told *Diálogo*. “When one door closes, they will just go and find another door.”

O’Brien gave an example of how a criminal can buy a \$500 gift card at a store and go to 10 others, and suddenly have \$10,000 in plastic. Products can be purchased with gift cards, sold online or in the newspaper classifieds, where criminals can easily obtain cash. Gift cards are also easy to transport and transfer. Since gift cards do not meet the definition of currencies, amounts of \$10,000 or more do not have to be declared to customs authorities.

MOBILE PHONES


Mobile phones allow payment transfers without the use of traditional financial service providers, which have anti-money laundering controls in place. Mobile payments are used by migrant workers to transfer money to their families, but can also provide drug traffickers or terrorists a safe way to send money. Money can be accessed and transferred through a cellphone or tablet without a bank card or customer identification. Prepaid cellphones bought anonymously and paid for in cash have been linked to criminal activity and terrorism, according to www.lavadodiner.com.

Gonzalo Vila, director of Latin American Operations for the Association of Certified Anti-Money Laundering Specialists (ACAMS), a Miami-based organization of anti-money laundering professionals, said that the use of mobile phones for money laundering is emerging in Latin America. “It is still early in Latin America, and it will take time before it becomes a real threat,” he said, noting that in his home of Argentina some companies are using mobile phones for the payment or purchase of goods and services in a legal way.

DIGITAL CURRENCIES

Digital currencies — also known as electronic wallets, e-wallets or neteller — require depositing a certain amount of money at a designated bank for use in an individual’s e-wallet. Digital currencies can be accessed online and sent to anybody, anywhere in the world. The money received can be loaded on a prepaid card, or a check can be requested to be sent or wired.

O’Brien said criminals and terrorists are looking into these new methods because most of the legislation in the Caribbean and in other jurisdictions has been written for traditional financial providers, not for the latest online financial vehicles. Prepaid card regulations as a means to combat money laundering are increasing as a result.

Vila considers that regulations like this are important, noting that Mexico and other countries continue to regulate financial transfers to prevent money laundering. In addition, there is an exchange of information among countries in Latin America to alert of terrorism financing activities. He added that ACAMS trains professionals around the globe to identify the emerging threats associated with money laundering. Of emerging technologies O’Brien said, “All these systems have a genuine purpose; they were not created to be bad, but unfortunately the criminals are seeing it as an avenue to exploit.” 

Sources: www.lavadodiner.com, The Financial Action Task Force, U.S. Department of State, www.PoliceOne.com

Relembrar

“Não se avalia um combate bem sucedido pelo número de baixas ou litros de sangue. Trata-se de recuperar os territórios ocupados e o povo que os habita.”

—*General-de-Exército Álvaro Valencia Tovar*

No dia 16 de junho de 1951, 1.060 voluntários colombianos do Batalhão Colômbia cruzaram o Oceano Pacífico a bordo do navio Aiken Victory, da Marinha dos EUA, em direção à Península da Coreia. As forças comunistas da Coreia do Norte haviam atacado seu vizinho ao sul, e as tropas estavam a caminho para libertar o território ocupado.

A FRENTE DE BATALHA

DIÁLOGO

**CONVERSA COM O VETERANO
COLOMBIANO DA GUERRA DA
COREIA, GENERAL-DE-EXÉRCITO
ÁLVARO VALENCIA TOVAR**

Um posto de observação na linha de frente sul-coreana situado ao longo do paralelo 38, em uma fotografia tirada em 8 de junho de 1950. O Batalhão Colômbia foi uma das primeiras tropas Aliadas das Nações Unidas a desembarcar muito próximo ao paralelo 38, que separava a Coreia do Norte da Coreia do Sul.

A lookout post on the South Korean front line sits along the 38th parallel in a photograph taken June 8, 1950. The Colombia Battalion was one of the first United Nations Allied Forces troops to disembark very close to the border between North and South Korea.

THE ASSOCIATED PRESS

Inicialmente, o Batalhão Colômbia havia sido designado ao 21º Regimento da 24ª Divisão de Infantaria do Exército dos EUA e, juntos, foram os primeiros representantes das Forças Aliadas das Nações Unidas a desembarcar bem próximos ao Paralelo 38, a linha divisória entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. A

Colômbia foio único país da América Latina a atender ao chamado do Conselho de Segurança da ONU após a adoção da Resolução 83, que recomendava aos seus membros que oferecessem assistência para enfrentar o ataque armado comunista e restaurar a paz internacional e a segurança da região.

“Era um batalhão de voluntários”, disse o General-de-Exército Álvaro Valencia Tovar, um dos poucos veteranos colombianos da Guerra da Coreia ainda vivo. “E embora eu estivesse em uma missão nos EUA quando a Colômbia decidiu apoiar os aliados, naturalmente me apresentei quando li meu nome entre os voluntários destacados para a missão.”

Diálogo conversou com o Gen Ex Valencia Tovar em sua residência em Bogotá sobre as experiências vividas em uma guerra no exterior, em um mundo completamente diferente daquele de onde veio e que conhecia. “Eu sinto que o feito do [Batalhão Colômbia] foi um esforço enorme, um grande sacrifício, não só na luta por um país que tinha sido invadido e

cuja liberdade havia sido ameaçada, mas na luta por um ideal, o da liberdade”, disse o Gen Ex Valencia Tovar, que havia sido escolhido para participar do Batalhão Colômbia devido a seus conhecimentos do idioma inglês e ao contato que tinha com os Estados Unidos e seu Exército através de um curso sobre blindagem que havia frequentado em Fort Knox, Kentucky.

“Foi uma experiência realmente extraordinária”, lembrou ele sobre os quase dois anos (1951-1952) em que serviu a seu país e às Forças Aliadas contra os comunistas norte-coreanos, que eram apoiados pela China e União Soviética. “Nunca me arrependi de ter ido, apesar das dificuldades sofridas durante a guerra, do inverno rigoroso que lá passamos ... resistindo a temperaturas abaixo de zero, mas isso tudo fez parte de um capítulo de minha vida que sempre encararei com grande compaixão e do qual guardo memórias agradáveis”, conta.

A primeira missão de combate do Batalhão Colômbia foi realizada no dia 7 de agosto de 1951, sob o comando do então Capitão Álvaro Valencia Tovar. Naquele dia, o Coronel Ginés Pérez, um americano de ascendência espanhola, conduziu o 21º Regimento de Infantaria até o vale de Pukhan, enviando o Batalhão Colômbia para seu batismo de fogo como ponta de lança de uma ofensiva junto com três patrulhas de reconhecimento, entre as quais a companhia do Cap Valencia Tovar.

Além de ser bilíngue, o Cap Valencia Tovar destacou-se durante a Guerra da Coreia por sua experiência em operações. Ambos os fatores permitiram-lhe ocupar posições importantes como diretor de inteligência e, posteriormente, de operações, e servir como o intérprete do batalhão, facilitando a comunicação entre os Aliados, dentre os quais a Austrália, Bélgica, Canadá, Etiópia, França, Grécia, Luxemburgo, Nova Zelândia, Holanda, Filipinas e Estados Unidos.

Suas realizações foram tão aclamadas que o Coronel Noel M. Cox, comandante norte-americano do 31º Regimento – os Ursos Polares – pediu ao Tenente-Coronel Jaime Polanía Puyo, comandante do Batalhão Colômbia, que transferisse o Cap Valencia Tovar da inteligência para as operações do 31º Regimento. Esta deferência é uma das duas lembranças que o Gen Ex Valencia Tovar guarda até hoje com imenso carinho.

“Evidentemente eu me senti obrigado a aceitar, era a primeira vez que um oficial estrangeiro (não norte-americano) participava de operações regimentais do 8º Exército, então o Ten Cel Polanía decidiu enviar-me”, disse o Gen Ex Valencia Tovar, enfatizando que “participar ou pertencer a operações regimentais requer ampla experiência e prática, porque três batalhões de infantaria, além do Batalhão Colômbia, faziam parte do 31º Regimento de Infantaria”.

Devido à sua atuação na equipe combinada do 21º Regimento de Infantaria e, subsequentemente, na equipe combinada do 31º Regimento de Infantaria, o Exército dos EUA condecorou o Cap Valencia Tovar com a Estrela de Bronze e Legião do Mérito. Após seu retorno à Colômbia, o Cap Valencia Tovar tornou-se professor e diretor da Escola de Infantaria do Exército, e também liderou o Comando do Exército Colombiano, onde transformou em doutrina tudo aquilo que aprendera durante os combates irregulares e regulares na Coreia, ajudando a recompor o Exército da Colômbia.

Hoje, aos 88 anos, o Gen Ex Valencia Tovar mantém-se muito ativo: ele escreve para o jornal colombiano *El País*, é decano dos generais reformados e dos veteranos de guerra do país; é historiador, autor de diversos livros publicados e membro ativo da Academia Colombiana de História e da Sociedade Geográfica Colombiana. Ele ainda mantém sólidos laços de amizade com seus companheiros de luta.



DIANA SÁNCHEZ/EL ESPECTADOR

A Guerra da Coreia proporcionou ao General Álvaro Valencia Tovar, da Colômbia, ampla experiência.

His participation in the Korean War provided Gen. Álvaro Valencia Tovar of Colombia with broad experience in his military career.

“Eu sinto que o feito do [Batalhão Colômbia] foi um esforço enorme, um grande sacrifício, não só na luta por um país que tinha sido invadido e cuja liberdade fora ameaçada, mas na luta por um ideal, o da liberdade.”

—General-de-Exército
Álvaro Valencia Tovar



**Soldados colombianos
recebem rações e
equipamentos depois
de se engajarem em
uma luta amarga em Old
Baldy, Coreia, em
março de 1953.**

Colombian Soldiers
receive rations and
equipment after engaging
in a bitter fight on Korea's
Old Baldy in March 1953.

THE ASSOCIATED PRESS

ALGUMAS HISTÓRIAS DO GENERAL-DE-EXÉRCITO:

Operação Nômade

A Operação Nômade teve início em outubro de 1951. Foi a última operação de mobilização da Guerra da Coreia. O Exército dos EUA havia dado nomes táticos a três colinas estratégicas: 23, 24 e 25, mas o Batalhão Colômbia as renomeou como *Cerro de la Teta* (Colina dos Seios) devido a seu formato “sugestivo”, *Don Polo*, numa referência ao comandante Polanía, e *Old Baldy* (Velho Careca), devido à área deserta e sem vegetação, semelhante a uma cabeça careca. “Nós ocupamos essas três colinas no início do ataque, em 13 de outubro de 1951”, disse o Gen Ex Álvaro Valencia Tovar. Em função disso, cinco colombianos receberam Estrelas de Prata e Estrelas de Bronze com um ‘V’ de valor; dois oficiais e três suboficiais receberam as primeiras medalhas da guerra durante o ataque àquelas colinas.

“Eles [os chineses] jamais imaginaram que o avanço das forças do exército da Operação Nômade pudesse ser tão rápido, e muito menos que o Batalhão Colômbia, que avançou como ponta de lança, fosse capaz de dominar todo o vale”, disse o Gen Ex Valencia Tovar.

“Aranar”

Durante os períodos de Repouso e Recuperação, ou R e R, os batalhões tinham uma semana de folga e muitos combatentes viajavam para Tóquio, no Japão. Como muitos colombianos não falavam inglês, referiam-se ao R e R pela fonética em espanhol, “*Aranar*”, transformando a palavra em um verbo, que para eles significava ir e voltar.

A cidade de Tóquio no pós-guerra (II Guerra Mundial, 1939-45) estava em meio à reconstrução, e ainda se podiam ver as comunidades de Gueixas, onde mulheres japonesas trajavam quimonos tradicionais, segundo o Gen Ex Valencia Tovar. “O sufixo *-ko* era acrescentado aos nomes das mulheres japonesas, significando algo como donzela ou dama”, diz ele, ao invocar antigas canções de amor japonesas e velhos amores de guerra.

Some of the General's Anecdotes:

Operation Nomad

Operation Nomad started in October 1951. It was the last mobilized operation of the Korean War. The U.S. Army had given tactical names to three strategic hills: 23, 24 and 25. But, the Colombian Battalion renamed them *Cerro de la Teta* (Breast Hill) because of its suggestive shape; *Don Polo*, after Commander Polanía; and *Old Baldy* because it was a barren area that resembled a bald head. “We took these three hills by assault on the initiation of the attack on October 13, 1951,” said General Álvaro Valencia Tovar. Because of it, five Colombians earned Silver Stars and Bronze Stars with the ‘V’ device for valor; two officers and three noncommissioned officers earned the first awards of the war during the attack on those hills.

“They [the Chinese] never imagined that the advance by the Army corps which executed Operation Nomad would be so quick, and less so that the Colombia Battalion, which advanced as the tip of the spear, would be able to dominate the entire valley,” said Gen. Valencia Tovar.

“Aranar”

During the rest and recuperation periods, or R&R, the battalions had a week off in which many traveled to the nearby city of Tokyo, Japan. Since many of the Colombian men did not speak English, they called it by its phonetic name *aranar* and talked of going to and returning from *aranar*.

Post-World War II Tokyo was in the midst of rebuilding, and Geisha communities could still be seen where Japanese women would dress in traditional kimonos, according to Gen. Valencia Tovar. “The suffix *-ko* was added to the names of Japanese women to signify something like a maiden or lady,” he said as he evoked old Japanese love songs and old war loves.

O Batalhão Colômbia, fotografado em 9 de dezembro de 1952, se reúne na Coreia.

The Colombian Battalion, photographed December 9, 1952, assembles in Korea.



Remembering

“Successful combat is not measured by the number of casualties or liters of blood. It is in recovering occupied territories and the populations that inhabit them.”

—Gen. Álvaro Valencia Tovar

On June 16, 1951, the Colombia Battalion, composed of 1,060 Colombian volunteers, crossed the Pacific Ocean aboard the U.S. Navy ship Aiken Victory, en route to the Korean peninsula. The North Korean communist forces had attacked their neighbor to the south, and the troops were on their way to liberate the occupied territory.

Initially, the Colombia Battalion was assigned to the 21st Regiment of the 24th Infantry Division of the U.S. Army, and together, they were the first representatives of the United Nations Allied Forces to disembark very close to the 38th parallel, the dividing line between North and South Korea. More notably, Colombia was the only Latin American country to heed the call of the U.N. Security Council after adopting Resolution 83, which called on members to offer assistance in repelling the communists' armed attack and restore international peace and security in the area.

“It was a battalion of volunteers,” said General Álvaro Valencia Tovar, one of the few Colombian veterans of the Korean War still alive. “And though I was deployed on a mission in the U.S. when Colombia agreed to support the allies, naturally I came forward when I read my name in the paper among the volunteers to deploy.”

Diálogo spoke with Gen. Valencia Tovar at his home in Bogotá about his experiences in a foreign war, in a completely different world than the one he knew. “I feel that our [Colombia Battalion's] feat was a huge effort, a great sacrifice, not only in fighting for a country that had been invaded and whose liberty was threatened, but in fighting for an ideal, that of liberty,” said Gen. Valencia Tovar, who had been selected to be part of the Colombia Battalion because of his knowledge of the English language and the contact he had with the United States and its Army through an armor course he had attended at Fort Knox, Kentucky.

“It was a really extraordinary experience,” he reminisced about the almost two years (1951-52) he served his country and the Allied Forces against the North Korean communists, who were supported by China and the Soviet Union. “I never regretted going, despite the hardships suffered during war, the bitter winter we lived through ... resisting subzero temperatures, but that was all part of a chapter in my life that I've always regarded with great sympathy and pleasant memories,” he said.

The Colombia Battalion's first combat mission took place on August 7, 1951, under the command of then Captain Álvaro Valencia Tovar. That day, Colonel Ginés Pérez, an American of Spanish descent, led the 21st Infantry Regiment into the valley of Pukhan, sending the Colombia Battalion to its baptism of fire as the tip of the spear in an advance with three offensive reconnaissance patrols, among which was Capt. Valencia Tovar's company.

In addition to being bilingual, Capt. Valencia Tovar distinguished

THE BATTLEFRONT A CONVERSATION WITH COLOMBIAN GENERAL ÁLVARO VALENCIA TOVAR, KOREAN WAR VETERAN

DIÁLOGO STAFF

himself during the Korean War for his experience in operations. Both factors allowed him to occupy critical positions as director of intelligence and subsequently of operations, and serve as the battalion's interpreter, facilitating communication between the Allies, among which were Australia, Belgium, Canada, Ethiopia, France, Greece, Luxembourg, New Zealand, the Netherlands, the Philippines and the United States.

His achievements were so acclaimed that Colonel Noel M. Cox, the American commander of the 31st Regiment – the Polar Bears – asked Lieutenant Colonel Jaime Polanía Puyo, commander of the Colombia Battalion, to transfer Capt. Valencia Tovar from intelligence to operations within the 31st Regiment. This honor is one of the two events that Gen. Valencia Tovar remembers most fondly today.

“Naturally, I felt obliged to do it; it was the first time that a foreign officer (non-American) participated in regimental operations of the 8th Army, so Lt. Col. Polanía agreed to send me,” said Gen. Valencia Tovar, highlighting that “being in or belonging to regimental operations requires ample experience and practice because three infantry battalions, in addition to the Colombia Battalion, formed part of the 31st Infantry Regiment.”

The U.S. Army honored Capt. Valencia Tovar with the Bronze Star and the Legion of Merit for his actions in the 21st Infantry Regiment combined staff and subsequently within the 31st Infantry Regiment combined staff. Upon his return to Colombia, Capt. Valencia Tovar became professor and director of the Army Infantry School and also headed the Colombian Army Command, where he was able to turn into doctrine everything he had learned during the irregular and regular warfare in Korea to help rebuild the Colombian Military.

Today, at 88 years old, Gen. Valencia Tovar remains very active: he writes for Colombian daily *El País*, serves as dean of the country's retired generals and dean of the veterans of war. He is also a historian, a published author of numerous books, and an acting member of the Colombian Academy of History and of the Colombian Geographical Society. He still maintains strong friendships with his brothers in arms.

“I feel that our [Colombia Battalion's] feat was a huge effort, a great sacrifice, not only in fighting for a country that had been invaded and whose liberty was threatened, but in fighting for an ideal, that of liberty.”

—Gen. Álvaro Valencia Tovar

Dever civil, **RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA**



ILUSTRAÇÃO DIÁLOGO



CIDADÃOS AMPLIAM O ALCANCE DAS FORÇAS DE SEGURANÇA, E AJUDAM A MANTER O CRIME LONGE DE SEUS LARES.

DIÁLOGO

No município de Peñalolén, Chile, a comunidade começou com três comitês de vigilância de bairro alinhados com as agências do governo local em 2005. Hoje, o número de comissões cresceu para 166 em uma comunidade de 216 mil habitantes. Norma Maray, gerente da Unidade de Segurança Cidadã do Município Peñalolén, disse à *Diálogo* que o crescimento de grupos comunitários tem ajudado a reduzir a taxa de vitimização em quase a metade em cinco anos. Isso significa menos invasões de residências, assaltos e outros atos criminosos na comunidade.

O município tem como objetivo ressaltar a ideia de que a segurança do cidadão é tanto um direito como um dever civil, de acordo com Maray. É a ideia de uma responsabilidade partilhada entre os cidadãos e o Estado, com o Estado fornecendo o apoio necessário para que os cidadãos se organizem. Os grupos cidadãos se reúnem com autoridades locais e policiais para criarem planos de ação, em seguida, o município conduz treinamentos e fornece equipamentos e tecnologia. Os planos contêm elementos de prevenção do crime que vão desde programas para a juventude e alarmes comunitários, até a verificação da adequada iluminação das áreas de um bairro e a instalação de câmeras de vigilância para coibir o crime.

A medida que as atividades criminosas ameaçam a segurança da região, os cidadãos na Guatemala, Chile e República Dominicana estão se mobilizando para enfrentar o desafio. Medidas mais severas aplicadas pelas forças de segurança têm auxiliado, mas a simples vigilância e comunicação conduzidas pela comunidade também está ajudando a reduzir a criminalidade. Estão se formando em toda a região milhares de grupos de vigilância formados por cidadãos dos bairros, que trabalham lado a lado com as instituições do governo local para trazer a segurança de volta às comunidades.

“Sobre o tema da segurança, todos, desde o presidente da nação à criança na comunidade devem ser incluídos. Não é apenas um tema para as forças policiais”, afirmou o ex-presidente colombiano, Álvaro Uribe, durante uma conferência em El Salvador sobre o papel dos prefeitos na segurança pública, em agosto de 2011. O ex-presidente e os prefeitos locais discutiram planos sustentáveis para a segurança, incluindo a criação de um imposto de segurança, medida que foi bem sucedida na Colômbia.

Os cidadãos latino-americanos se deparam com inúmeras fontes de violência dos cartéis de drogas, gangues, narcotraficantes, grupos insurgentes e criminosos oportunistas. Embora os dados do relatório de 2011 elaborado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime indiquem que as taxas de homicídio global estão estáveis ou diminuindo na maior parte do mundo, a taxa de homicídios

na América Central está em ascensão, enquanto que o número total de homicídios nas Américas é o segundo no mundo, perdendo apenas para a África. A estratégia de recorrer a grupos comunitários não é nova, mas ganhou maior atenção como uma alternativa de baixo custo utilizada para combater o crime.

Donaldo González, porta-voz da Polícia Nacional Civil da Guatemala, disse à *Diálogo* que a polícia tem trabalhado com grupos comunitários por vários anos. Cerca de 700 grupos de segurança comunitária cidadã foram formados neste período, graças à assistência da unidade de prevenção da Polícia Nacional Civil. Seu impacto tem sido o de propiciar aos cidadãos maior sensação de segurança e de apoio das instituições democráticas, em oposição à exigência de um retorno do controle militar.

VÍNCULOS COMUNITÁRIOS

A partir do momento em que os cidadãos retomam seus bairros, ficam mais inclinados a interagir uns com os outros em áreas comunitárias, em vez de buscar abrigo dentro de suas casas e se isolarem. O aumento na comunicação ajuda a promover a vigilância na forma de redes sociais. Maray disse que o resultado não significa que os membros da comunidade fazem justiça com as próprias mãos, mas sim que eles detêm os criminosos.

Grupos comunitários no Chile e na Guatemala trabalham principalmente com a polícia, fornecendo informações



MUNICÍPIO DE PEÑALOLÉN

A Civil Duty, A SHARED RESPONSIBILITY

CITIZENS EXPAND THE REACH OF SECURITY FORCES AND HELP KEEP CRIME AWAY FROM THEIR HOMES.

DIÁLOGO STAFF

In Peñalolén, Chile, the community began with three neighborhood watch committees aligned with local government agencies in 2005. Today, the number of committees has grown to 166 for a community of 216,000. Norma Maray, manager of the Citizen Security Unit for Peñalolén, told *Diálogo* the growth in community groups has helped cut the rate of victimization by nearly half in five years. That means fewer home invasions, muggings and other criminal acts in the community.

The municipality aims to underscore the idea that citizen security is both a right and a civil duty, according to Maray. It is the idea of a shared responsibility among the citizens and the state, with the state providing the needed support for citizens to organize. The citizen groups meet with local officials and police to create action plans; the municipality then conducts training and provides equipment and technology. The plans contain elements of crime prevention ranging from youth programs and community

alarms to ensuring areas in a neighborhood are well lit and surveillance cameras are set up as crime deterrents.

As criminal activities threaten the region's security, citizens in Guatemala, Chile and the Dominican Republic are rising to meet the challenge. Tougher action by security forces has helped some, but simple community-driven vigilance and communication is also helping to reduce crime. Thousands of neighborhood citizen watch groups are forming across the region, working hand in hand with their local governments to bring security back to communities.

"On the topic of security, everyone from the president of the nation to the child in the community must be included. It is not only a topic for the police forces," said former Colombian President Álvaro Uribe during an August 2011 conference in El Salvador about the role of mayors in public safety. The former president and local mayors discussed sustainable plans for security, including a security tax, a measure that proved successful in Colombia.

Latin American citizens are faced with myriad sources of violence from drug cartels, gangs, narcotraffickers, insurgent groups and opportunistic criminals. Although figures from the United Nations Office on Drugs and Crime 2011 report show global homicide rates are stable or decreasing for most of the world, Central America's homicide rate is on the rise: The total number of homicides in the Americas ranks No. 2 in the world, second only to Africa. The approach of turning to community groups is not a new



LUIS J JIMÉNEZ/INSTITUTO DAS AMÉRICAS

Esquerda: Grupos da comunidade do município de Peñalolén, Chile, trabalham lado a lado com as autoridades locais para manter suas vizinhanças seguras.

Left: Community groups in Peñalolén, Chile, work hand in hand with local authorities to keep their neighborhoods safe.

Direita: Norma Maray, gerente da segurança cidadã do Município de Peñalolén, Chile, fala sobre questões de segurança pública em seu país durante um seminário realizado em junho de 2011 no Instituto das Américas em La Jolla, Califórnia.

Right: Norma Maray, manager of citizen security for Peñalolén, Chile, talks about public safety issues in her country during a June 2011 seminar at the Institute of the Americas in La Jolla, California.

"O tema da segurança deve incluir do presidente da nação à criança na comunidade. Não é apenas um tema para as forças policiais."


—ÁLVARO URIBE, EX-PRESIDENTE COLOMBIANO

sobre seu entorno. "Os cidadãos não vão sair e capturar os criminosos, os [cidadãos] não estão patrulhando", explicou González. Os grupos alcançam três objetivos: criam uma sociedade interconectada, proporcionam uma ampliação dos recursos policiais, informando sobre questões de segurança, e servem como um sistema de verificações e balanços para as ações da polícia ou acompanhamento das informações fornecidas. "O cidadão se torna, de alguma forma, um apoio para as ações policiais. E, além disso, torna-se um tipo de controlador das ações adotadas [pela polícia]", disse González.

Ao reconhecer que as percepções dos cidadãos sobre o Estado são em grande parte baseadas em interações com a polícia, a Polícia Nacional da República Dominicana treina seus funcionários para se tornarem líderes comunitários. Um policial colombiano ministrou o treinamento inicial, financiado pela Embaixada dos EUA, de acordo com a Coronel Teresa Martínez, comandante da Polícia Nacional da República Dominicana. "O treinamento nos mostrou como capacitar as comunidades e nos ensinou a ver a nós mesmos como agentes de segurança", explicou a Cel Martínez a *Diálogo*.

O treinamento forneceu orientações para melhorar a

interação entre a polícia e os cidadãos, procurando, em última análise, eliminar a falta de confiança no Estado. "Nós não queremos que os cidadãos façam o trabalho da polícia, mas que, tendo em vista a falta de recursos humanos e outros, simplesmente se comprometam com o tema da segurança e apoiem as suas autoridades", disse a Cel Martínez.

Especialistas como González e Maray, que se reuniram em um seminário de segurança da comunidade, organizado pelo Instituto das Américas, em junho de 2011, concordam que o esforço para superar o crime está ganhando impulso e reforçando a confiança dos cidadãos no Estado. Especialistas presentes no seminário destacaram que, embora as ameaças à segurança do cidadão variam da Guatemala para o Chile, as comunidades são mais engajadas quando os cidadãos confiam no Estado. O envolvimento da comunidade é um poderoso fator que intensifica o trabalho das forças de segurança e apoia a democracia. "A confiança é adquirida com o sentido das interações existentes, a atenção [dada], e a proximidade que a polícia tem com a população", acrescentou a Cel Martínez. 

Fontes: www.elsalvador.com, Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

O município de Peñalolén, Chile, tem mais de 150 grupos comunitários de segurança que colaboram com as forças do governo local e da polícia buscando uma maior segurança.

The municipality of Peñalolén, Chile, has more than 150 community security groups that collaborate with local government and police forces striving for greater security.



MUNICIPIO DE PEÑALOLÉN

"On the topic of security, everyone from the president of the nation to the child in the community must be included. It is not only a topic for the police forces."

— Álvaro Uribe, former Colombian president

one, but it has gained increased attention as a low-cost alternative employed to address crime.

Donaldo González, spokesman for the Guatemalan National Civil Police, told *Diálogo* that the police have worked with community groups for several years. About 700 citizen community security groups have formed in that time thanks to assistance from the National Civil Police prevention unit. Their impact has been to leave citizens feeling more secure and supportive of democratic institutions, as opposed to calling for a return to military control.

COMMUNITY BONDS


As citizens take back their neighborhoods, they are more inclined to interact with one another in shared community areas, as opposed to seeking shelter within their homes and keeping to themselves. The increase in communication helps promote vigilance as social networks form. Maray said the result is not that the community members take justice into their own hands, but that they deter criminals.

Community groups in Chile and Guatemala primarily work with the police by providing information about their surroundings. "Citizens are not going

to go out and capture criminals, [citizens] are not patrolling," explained González. The groups achieve three goals: They create an interconnected society, provide an extension of police resources by reporting on matters of security, and serve as a system of checks and balances for police actions or follow up on the information provided. "The citizen becomes, in some way, supportive of police actions. And in addition, becomes a type of comptroller of the actions taken [by police]," said González.

Recognizing that citizens' perceptions of the state are largely based on interactions with the police, the Dominican Republic's National Police trains its officers to become community leaders. A Colombian police officer delivered the initial training, funded by the U.S. Embassy, according to Colonel Teresa Martínez, commander of the Dominican Republic's National Police. "The training showed us how to empower the communities and it taught us to see ourselves as agents of security," Col. Martínez explained to *Diálogo*.

The training provided guidance to enhance interactions between police and citizens, ultimately seeking to eliminate the lack of trust in the state. "We don't want citizens doing the work of the police, but rather, given the lack of human and other resources, that citizens simply commit themselves to the topic of security and to support their authorities," said Col. Martínez.

Experts like González and Maray, who gathered at a community security seminar organized by the Institute of the Americas in June 2011, agree that the effort to overcome crime is gaining momentum and bolstering citizens' confidence in the state. Experts in attendance at the seminar underscored that even though the threats to citizen security vary from Guatemala to Chile, communities are most engaged when citizens trust the state. Community engagement is a powerful factor that boosts the work of security forces and supports democracy. "Trust is gained in the sense of the interactions had, the attention [given], and the approach that the police has with the population," added Col. Martínez. 

Sources: www.elsalvador.com, United Nations Office on Drugs and Crime



LUIS J. JIMÉNEZ/INSTITUTO DAS AMÉRICAS

Cel Teresa Martínez, comandante da Polícia Nacional da República Dominicana, participa do Instituto das Américas, em La Jolla, Califórnia.

Col. Teresa Martínez, commander of the Dominican Republic's National Police, attends the Institute of the Americas in La Jolla, California.

Fuzileiros Navais EM SINCRONIA



Fuzileiros Navais peruanos em posição de combate durante simulação de operação de resgate conduzida por forças multinacionais, na costa de Ancón, no Peru, em julho de 2010.

Peruvian Marines stay in position during a simulated rescue operation by a multinational force on the shores of Ancón, Peru, in July 2010.

Corpos de Fuzileiros Navais de países da América Latina e Caribe se unem em treinamento contra catástrofes naturais e ameaças na região.

DIÁLOGO

Mais de 5,7 milhões de pessoas são afetadas por desastres naturais no hemisfério ocidental a cada ano. Dentro da região que engloba Caribe, América Central e América do Sul, estima-se que, aproximadamente, três quartos da população vivem em áreas sob risco de ameaça à saúde pública e um terço vive em áreas altamente expostas a perigos como terremotos e deslizamentos de terra. Acrescente-se a essas ameaças o impacto que cada país na região também enfrenta com o narcotráfico. Tais perigos requerem a assistência dos corpos de Fuzileiros Navais, o que, algumas vezes, envolve o trabalho conjunto das forças de vários países. A integração de múltiplas unidades de corpos de Fuzileiros Navais para enfrentar esses diversos desafios não pode ocorrer pela primeira vez após um desastre ou em meio de uma busca a alguma organização do narcotráfico. É por isso que corpos de Fuzileiros Navais da região, em todos os escalões, têm reuniões periódicas para colaborar em compartilhamento de informações e treinamento.

Líderes dos Fuzileiros Navais se encontram

Os Fuzileiros Navais têm uma longa história no trabalho e treinamento em grupo para mitigar efeitos de desastres naturais e da ameaça do narcotráfico na região. Desde 2001, líderes do alto escalão dos Fuzileiros Navais têm se reunido a cada dois anos na Conferência dos Líderes dos Fuzileiros Navais das Américas (MLAC, por sua sigla em inglês), um fórum para construir parcerias, onde os comandantes discutem questões regionais de comum interesse. Durante a última MLAC, realizada entre 29 de agosto e 2 setembro de 2011, em Lima, no Peru, Fuzileiros Navais discutiram técnicas e lições aprendidas durante operações de paz, ajuda humanitária e operações de ajuda para desastres.

Líderes dos Fuzileiros Navais da Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, República Dominicana, Equador, El Salvador, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Uruguai e Estados Unidos participaram da MLAC 2011. Os líderes concordam que esse tipo de colaboração é fundamental para a cooperação em matéria de segurança. O Almirante Héctor Julio Pachon Cañón, comandante do Corpo de Fuzileiros Navais da Colômbia, disse à *Diálogo*, durante as conferências da MLAC, que “estratégias combinadas e conjuntas são concebidas e integradas para combater o crime transnacional que afeta todo o hemisfério”. O Almirante-de-Esquadra James Amos, comandante do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, disse à *Diálogo* que “sozinho, nenhum de nós tem todas as respostas para estes complexos desafios, mas juntos, podemos combinar nossas experiências individuais para o benefício mútuo de todos.”

Regional Marines IN SYNC

The Marine Corps of Central American, South American and Caribbean countries unite to train for natural disasters and regional threats.

DIÁLOGO STAFF

More than 5.7 million people in the Western Hemisphere are affected by natural disasters each year. Within the region that encompasses the Caribbean, Central America and South America, approximately three-quarters of the population are estimated to live in at-risk areas for health disasters, and one-third lives in areas highly exposed to hazards such as earthquakes and landslides. Adding to these threats, each country within the region also faces the impact of narcotrafficking. These dangers call for Marine Corps assistance that, at times, involves several countries' forces working together. Integrating multiple Marine Corps units to confront these diverse challenges cannot take place for the first time after a disaster or in the midst of a hunt for a narcotrafficking group. That is why the region's Marine Corps have regular meetings at all levels to collaborate on sharing information and training.

Marine Leaders Meet

Marines have a long history of working and training together to mitigate natural disaster conditions and the threat of narcotrafficking in the region. Since 2001, top-ranking Marine leaders have gathered every two years for the Marine Leaders of America Conference (MLAC), a relationship-building forum in which commandants discuss issues of common regional concern. During the last MLAC, held August 29 to September 2, 2011, in Lima, Peru, Marines discussed techniques and lessons learned from peacekeeping operations, humanitarian aid and disaster relief operations.

Marine leaders from Bolivia, Brazil, Chile, Colombia, Dominican Republic, Ecuador, El Salvador, Honduras, Mexico, Panama, Paraguay, Uruguay and the United States participated in the 2011 MLAC. Leaders agree that this type of collaboration is key for security cooperation. Brigadier General Héctor Julio Pachon Cañón, commandant of the Colombian Marine Corps,

A MLAC 2011 também abordou temas como ameaças comuns à segurança, tal como o narcotráfico na região, o qual se estende além das fronteiras dos países produtores para toda a área, tomando a forma de violência e de economias paralelas que prejudicam o crescimento econômico. “Todos nós concordamos que o narcotráfico é simplesmente uma ameaça que não respeita fronteiras”, falou o Almirante Luis Ramos Vargas. “Isto [o narcotráfico] não se limita ao Peru, Colômbia e Bolívia; todos os países da região acabam se tornando países de trânsito, locais onde as drogas são escondidas para depois serem transportadas para Europa, Estados Unidos e Ásia.”

Embora os corpos de Fuzileiros Navais da região possuam diferentes missões, as qualidades inerentes às unidades dos Fuzileiros Navais são de grande auxílio para a garantia da segurança e o aumento da força das autoridades antidrogas na região. “Os corpos de Fuzileiros Navais são unidades bem flexíveis para que suas capacidades possam ser rapidamente empregadas, e isso pode ser uma ferramenta muito útil para os Estados”, disse o Capitão-Tenente Gerardo Priguetti, comandante dos Fuzileiros Navais do Uruguai.


No caso da Colômbia, ao trabalharem ao lado de outros componentes da Marinha Nacional, [unidades de Fuzileiros Navais] mostram resultados tangíveis, tais como a interdição de grandes quantidades de compostos líquidos e produtos químicos utilizados na produção da cocaína; como também o confisco de várias toneladas de cloridrato de cocaína prontas para serem importadas por outros países”, falou o Alte Pachon Cañón.

“Isso [a conferência] nos permite ver, abrir nossas mentes para a realidade de outros corpos de Fuzileiros Navais”, disse o CT Gerardo Priguetti. “Essas reuniões nos permitem ajudar e a ter diferentes pontos de vista sobre problemas em comum.”

De um posto para outro

Fuzileiros Navais de toda a América Latina e Caribe estão indo além, ao realizarem também reuniões entre líderes militares do alto escalão para consolidar esforços contra tais ameaças de segurança. Militares do alto escalão dos corpos de Fuzileiros Navais, representando Chile, Colômbia, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai reuniram-se pela primeira vez entre 4 e 7 de abril de 2011, durante a Conferência dos Líderes Oficiais do Alto Escalão dos Fuzileiros Navais das Américas (SEMLAC, por sua sigla em inglês) na base militar do Círculo dos Suboficiais, em Bogotá, na Colômbia.

A SEMLAC está para se tornar um evento bianual, a ser realizado em vários locais de toda a América Latina, para que sejam construídas fortes parcerias no trabalho direcionado à segurança regional. O evento foi co-organizado pelos corpos de Fuzileiros Navais da Colômbia e dos EUA para fornecer um fórum de discussão sobre cooperação na segurança regional e treinamento contra ameaças na região para líderes oficiais do alto escalão.

As reuniões entre líderes dos corpos de Fuzileiros Navais têm fornecido inúmeros benefícios às colaborações militares. O intercâmbio profissional entre forças de infantaria naval tem crescido na região, programas de treinamento dos Fuzileiros Navais têm melhorado como resultado das lições aprendidas em grupo e a Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH) tem recebido melhor suporte das infantarias navais. 

Fontes: www.marina.mil.pe, Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde, Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários

Fuzileiros Navais limpam escombros em escola, em Dichato, no Chile, após um terremoto de 8,8 graus de magnitude ter atingido o país, em fevereiro de 2010.

Marines clean earthquake debris at a school in Dichato, Chile, after an 8.8-magnitude earthquake struck the country in February 2010.

THE ASSOCIATED PRESS



told *Diálogo* that during the MLAC conferences “joint and combined strategies are designed and integrated to combat transnational crimes that affect the entire hemisphere.” General James Amos, commandant of the U.S. Marine Corps, told *Diálogo*, “Standing alone, none of us has all the answers to these complex challenges, but together we can combine our unique experiences for the mutual benefit of all.”

The 2011 MLAC also addressed common security threats, such as narcotrafficking in the region, which extends beyond producer countries to the entire region, taking the form of violence and shadow economies that undermine economic growth. “We all agree that narcotrafficking is simply a threat that does not respect borders,” Peruvian Admiral Luis Ramos Vargas said. “It [narcotrafficking] does not limit itself to Peru, Colombia and Bolivia; all of the countries in the region end up becoming transit countries, places where the drugs are stashed in order to then be transported to Europe, the United States and Asia.”


Although regional Marine Corps have varying missions, the qualities inherent in Marine units assist greatly in providing security and augmenting the forces of the counterdrug authorities in the region. “The Marine Corps are very flexible units for their capability to deploy quickly, and can be a very useful tool for states,” said Captain Gerardo Priguetti, commandant of the Uruguayan Marine Corps. In Colombia’s case, working alongside other components of the National Navy, “[Marine Corps units] shows tangible results such as the interdiction of great quantities of liquid and chemical compounds used for the production of cocaine, as well as the confiscation of several tons of cocaine hydrochloride ready to be imported to other countries,” said Brig. Gen. Pachon Cañón.

“This [conference] allows us to see, to open our minds to the realities of other Marine Corps,” said Capt. Priguetti. “These meetings allow us to help and to see different viewpoints to common problems.”

Across Ranks

Marines across Central America, South America and the Caribbean are going a step further, by also having a meeting among the senior enlisted leaders to consolidate their efforts against these security threats. Marine Corps senior enlisted leaders representing Chile, Colombia, Dominican Republic, Ecuador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panama, Paraguay, Peru, Uruguay and the United States met for the first time ever from April 4–7, 2011, at the Senior Enlisted Marine Leaders of the Americas Conference (SEMLAC) at the Círculo de Suboficiales military base in Bogotá, Colombia.

SEMLAC is set to become a regular event, conducted at various locations throughout Central and South America, to forge strong relationships working toward regional security. The event was co-hosted by the Marine Corps of Colombia and the U.S. to provide senior enlisted leaders a forum to discuss regional security cooperation and training against the region’s threats.

The meetings of Marine Corps leaders have provided multiple benefits in military collaboration: Professional exchanges among naval infantry forces in the region have increased, Marine Corps training programs have improved as a result of the collective lessons learned, and the United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH) has received enhanced naval infantry support. 

Sources: www.marina.mil.pe, U.S. Marine Corps, Pan American Health Organization/World Health Organization, United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs



Fuzileiros navais mexicanos nas instalações alfandegárias do Porto de Veracruz montam guarda em frente a contêineres de produtos químicos utilizados para processamento de drogas ilícitas.

Mexican Marines guard containers of chemicals used for illicit drug processing at the customs facilities of the Port of Veracruz.

REUTERS



FORMAÇÃO DE
LÍDERES
na região

FORGING LEADERS *in the Region*

“This academy houses the future of the Army and with this Army lies the greatness of Chile.”

— General Bernardo O’Higgins

“Esta academia abriga o futuro do Exército e neste Exército está a grandeza do Chile.”

— General Bernardo O’Higgins

DIÁLOGO

Desde criança, Hans Weisser teve sonhos maiores do que a uma vida comum. Ele se esforçou para fazer parte do Exército chileno e hoje está matriculado na escola mais prestigiada do país. “Venho de uma família de militares. Meu pai é militar, o meu tio é militar, meus primos estão no serviço militar, e meu irmão é militar”, disse o Major Cadete Hans Weisser. “Tem sido uma tradição na minha família há algum tempo, e quando surgiu a oportunidade de me matricular na escola, eu o fiz.”

O Major Cadete Weisser cursa o último ano na Escola Militar Bernardo O’Higgins do Chile, localizada no coração de Santiago. Desde a fundação da escola, ela mantém os ideais estabelecidos pelo seu homônimo, General Bernardo O’Higgins. Fundada em 1817, a Escola Militar vem formando futuros líderes militares por 195 anos. Em 1896, o Exército chileno passou por uma transformação em toda a sua estrutura. Instrutores militares alemães chegaram e instituíram uma nova doutrina que reformulou a educação, formas de disciplina e até mesmo os uniformes, acrescentando capacetes prussianos. Hoje, estas alterações permanecem padrão na escola e em todo o Exército chileno.

“O Colégio Militar é aberto a todos aqueles que

Da esquerda, Major Cadete Hans Weisser, Cadete Paola Eugenia Vargas e Cadete Eric Uribe, estudantes da Escola Militar Bernardo O’Higgins, do Chile.

From left, Cadet Major Hans Weisser, Cadet Paola Eugenia Vargas and Cadet Eric Uribe are students at Chile’s Bernardo O’Higgins Military School.



MARCOS OMINATI/DIÁLOGO



ESCOLA MILITAR DE CHILE



ESCOLA MILITAR DE CHILE

querem algo além da vida comum”, declarou o Coronel Rodrigo Carrasco, diretor da escola. Os pré-requisitos para inscrição são similares aos de outras instituições militares e incluem rigorosos testes físicos, psicológicos e de aptidão. Dos quase 2.000 candidatos por ano, apenas 13 por cento conseguem passar. O conhecimento básico do idioma inglês, com capacidade de ler, escrever e falar também é obrigatório. Em média, a escola admite 240 novos alunos a cada ano.

Além de quatro anos de matérias acadêmicas, os cadetes - conhecidos como Águias Negras - também são treinados em liderança, conduta comportamental, aptidão física e competência militar profissional. No final do seu último ano, os cadetes devem escolher uma especialidade, uma decisão que, normalmente, marca

o resto de suas carreiras. Alguns desses campos são: infantaria, artilharia, cavalaria blindada, engenharia e telecomunicações.

“Para mim, a escola tem sido um lugar onde eu pude desenvolver muitas das minhas habilidades, e estou muito feliz com o que eu tenho conseguido e com o que a escola me proporcionou”, disse o Major Cadete Weisser, atualmente primeiro lugar entre os veteranos da escola. “Após a formatura, espero ser um dos melhores oficiais do Exército chileno e posteriormente comandar um pelotão.”

A escola também oferece um programa de intercâmbio com os países da região, que incluem Argentina, Bolívia, Equador, Peru e Estados Unidos. O programa permite que os cadetes estudem em outras instituições militares, dando-lhes a oportunidade de aprender sobre culturas, costumes e tradições de outras

and instituted a new doctrine that reshaped the education, forms of discipline and even the uniforms, adding Prussian helmets. Today, these changes remain standard at the school and throughout the Chilean Army.

“The Military School is open to all those who want something beyond the ordinary life,” said Colonel Rodrigo Carrasco, director of the school. The prerequisites for applying are similar to other military institutions and include thorough physical, psychological and aptitude tests. Of the nearly 2,000 yearly applicants, only 13 percent pass. Also mandatory for acceptance is a basic understanding of the English language with the ability to read, write and speak. On average, the school admits 240 new students each year.

In addition to four years of academics, cadets – known as Black Eagles – are also trained in leadership, behavioral conduct, physical fitness and professional military expertise. At the end of their senior year, cadets must choose a military field, a decision that usually marks the rest of their career. Some of those fields include infantry, artillery, armored cavalry, engineering and telecommunications.

“For me, the school has been a place where I have been able to develop many of my abilities, and I am very happy with what I’ve achieved and with what the school has given me,” said Cadet Maj. Weisser, currently the top-ranked senior at the school. The Cadet Major was awarded his rank at the beginning of his senior year for being the top academic student in his class. “After I graduate, I hope to be one of the best junior officers in the Army and go on to command a platoon.”

“A escola está aberta a todos aqueles que querem algo além da vida comum”, disse o Cel Rodrigo Carrasco, diretor da Escola Militar Bernardo O’Higgins.

“The Military School is open to all those who want something beyond the ordinary life,” said Col. Rodrigo Carrasco, director of the Bernardo O’Higgins Military School.

A influência alemã no Exército chileno ainda hoje pode ser vista, como o uso do uniforme prussiano.

The German influence on the Chilean Army is still visible today with the use of the Prussian uniform.

“This is a school where leaders are formed and where students are challenged to achieve success.”

— Colonel Rodrigo Carrasco, director of the Bernardo O’Higgins Military School

The school also offers an exchange program with countries in the region, which have included Argentina, Bolivia, Ecuador, Peru and the United States. The program allows cadets to study at other military institutions, giving them the opportunity to learn about other countries’ cultures, customs and traditions. By the same token, the Bernardo O’Higgins Military School welcomes students from different parts of the world. Currently the school has two cadets from Ecuador enrolled in the full four-year program, after which they will return to their country with an undergraduate degree.

The exchange experience

For Paola Eugenia Vargas, an Ecuadorean cadet in her final year at the school, living in Chile for the past four years has been one of the best experiences of her life. Once she returns to her country and is commissioned an officer, Cadet Vargas hopes to use the lessons of her experiences to enhance the Ecuadorean Army. “The most important thing I’ve learned here at the school is their command and control doctrine,” she said. “My goal is to apply everything that I’ve learned here and help reshape Ecuador’s command and control strategy because I know it will be better.”

U.S. and Chilean students participating in the Military School’s exchange program benefit from six months of training at the U.S. Military Academy at West Point. This allows students from one institution to study at the other, increasing understanding. “It’s very important that we have strong connections with our allies and understand their side of things and their military so that way we can have joint operations and unity is easier to facilitate,” said West Point Cadet Eric Uribe, an exchange student enrolled in Bernardo O’Higgins Military School. “I hope to take back a lot of leadership experience that I’ve learned from a lot of my peers. Leadership is not just what you have, but a combination of the good things you see in other people.”

Col. Carrasco said the Bernardo O’Higgins Military School is a symbol and source of pride not only for the Army, but for Chile as a whole. He concluded, “This is a school where leaders are formed and where students are challenged to achieve success as well as accept defeat for the purpose of trying again.”

For more information, visit: www.esuelamilitar.cl

nações. Da mesma forma, a Escola Militar Bernardo O’Higgins recebe alunos de diferentes partes do mundo. Atualmente a escola tem dois cadetes do Equador inscritos no programa completo de quatro anos, após o qual retornarão ao seu país com uma licenciatura.

“Esta é uma escola onde líderes são formados e os alunos são desafiados a alcançar o sucesso.”

— Coronel Rodrigo Carrasco, diretor da Escola Militar Bernardo O’Higgins

A troca de experiências

Para Paola Eugenia Vargas, uma cadete do Equador em seu último ano na escola, viver no Chile nos últimos quatro anos tem sido uma das melhores experiências de sua vida. Quando retornar ao seu país, e for nomeada oficial, a cadete Vargas espera usar as lições das suas experiências para melhorar o Exército equatoriano. “O que aprendi de mais importante aqui na escola é a sua doutrina de comando e controle”, disse ela. “Meu objetivo é aplicar tudo o que eu aprendi aqui e ajudar a remodelar a estratégia de comando e controle do Equador, porque eu sei que, assim, vai ser melhor.”

Os estudantes dos EUA e Chile que participam do programa de intercâmbio da Escola Militar se beneficiam de seis meses de treinamento na Academia Militar dos EUA, em West Point. Isso permite que os alunos de uma instituição estudem na outra, aumentando o conhecimento. “É muito importante termos fortes ligações com os nossos aliados e entendermos o seu ponto de vista e os seus militares, dessa forma podemos realizar operações conjuntas e é mais fácil trabalharmos lado a lado”, disse o Cadete Eric Uribe de West Point, um estudante de intercâmbio matriculado na Escola Militar Bernardo O’Higgins. “Espero levar comigo uma vasta experiência de liderança que aprendi com muitos dos meus colegas. Liderança não é apenas o que você tem, mas uma combinação das boas coisas que você vê em outras pessoas.”

O Cel Carrasco disse que a Escola Militar Bernardo O’Higgins é um símbolo e fonte de orgulho não só para o Exército, mas para o Chile como um todo. Ele concluiu: “Esta é uma escola onde líderes são formados e onde os alunos são desafiados a alcançar o sucesso, bem como aceitar a derrota com o propósito de tentar novamente.”

Para mais informações, visite: www.esuelamilitar.cl



AGENCE FRANCE-PRESSE

China adota nova legislação antiterrorismo

A China aprovou uma lei antiterrorismo, em outubro de 2011, que irá alterar as atuais leis penais, dando uma definição para “atos de terror”.

A nova lei define como terroristas, aqueles que “organizam, planejam e conduzem atos terroristas, bem como aqueles que são membros de grupos terroristas”. Por outro lado, define como atos terroristas atividades “destinadas a provocar medo na população ou a coagir órgãos do Estado ou de organizações internacionais, por meio de violência, sabotagem, ameaças ou outras táticas”.

Espera-se que a nova legislação ajude oficiais da polícia a processar terroristas de uma forma distinta de outros criminosos e promova a cooperação internacional contra o terrorismo, disse Li Shouwei, especialista em legislação do direito penal. A lei também irá bloquear os bens de grupos e indivíduos terroristas.

“A China confronta-se com a real ameaça das atividades terroristas, e a luta contra o terrorismo é longa, complexa e intensa”, disse o vice-ministro chinês da segurança pública, Yang Huanning.

Fontes: www.todayonline.com, www.jurist.org

China Adopts New Anti-Terrorism Legislation

China passed new anti-terrorism legislation in October 2011 that will amend current criminal laws by providing a definition of “acts of terror.”

The new law defines terrorists as those who “organize, plot and conduct terrorist acts as well as those who are members of terrorist groups.” On the other hand, it defines terrorist acts as activities “intended to induce public fear or to coerce state organs or international organizations by means of violence, sabotage, threats or other tactics.”

The new legislation is expected to help law enforcement officials prosecute terrorists differently from other criminals and to promote international cooperation on terrorism, said Li Shouwei, a criminal law expert for the legislature. It will also freeze the assets of groups and individual terrorists.

“China is faced with the real threat of terrorist activities, and the struggle with terrorism is long-term, complicated and acute,” said Chinese vice minister of public security, Yang Huanning.

Sources: www.todayonline.com, www.jurist.org



AGENCE FRANCE PRESSE

GRÃ-BRETANHA

Em breve: tanques de exército invisíveis

A estreia da tecnologia que permite que tanques fiquem invisíveis está prevista por volta de 2015.

Pesquisadores militares no Reino Unido estão trabalhando em tanques invisíveis a radares, um projeto que incorpora características de camuflagem. Os tanques teriam sensores que captariam imagens do ambiente e as mostrariam no exterior dos tanques, sendo atualizadas em tempo real.

A tecnologia especial, chamada “e-camuflagem”, é parte do programa *Future Protected Vehicle* (Veículo Protegido do Futuro).

O programa compreende sete novos veículos blindados e projetos de robôs destinados a missões perigosas, remoção de minas terrestres e resgate de membros do serviço militar.

Fontes: www.armedforces-int.com, www.newstodaynews.com

GREAT BRITAIN

Coming Soon: Invisible Army Tanks

Technology that makes tanks invisible is expected to make its debut around 2015. Military researchers in the United Kingdom are working on stealth tanks, a design that incorporates camouflage features. The tanks would have sensors that grab images of the environment and display them on the tanks' exterior, updated in real time.

The special technology, called “e-camouflage,” is part of the Future Protected Vehicle program.

It consists of seven new armored vehicle and robot designs intended for dangerous missions, clearing minefields, and rescuing injured servicemembers.

Sources: www.armedforces-int.com, www.newstodaynews.com

MELHORES PRÁTICAS

NO SISTEMA DE INFORMAÇÃO CRIMINAL

A Polícia Federal do México conduziu um seminário regional, em outubro de 2011, para compartilhar seu conhecimento e experiência no combate ao crime organizado. Mais de 50 policiais de 25 países da América Latina e Caribe participaram do evento em San Luis Potosí, no México.

A polícia mexicana explicou como eles procedem na coleta, organização e análise de informações e tomada de decisões. A espinha dorsal na luta contra o crime organizado transnacional é a profissionalização da polícia, disse Adam Blackwell, secretário de segurança multidimensional da Organização dos Estados Americanos (OEA). Ele acrescentou que México e Colômbia estão liderando o caminho nesse sentido.

O Governo do México e a OEA organizaram o evento.

Fontes: *El Sol de México*, Organização dos Estados Americanos



AGENCE FRANCE PRESSE

México

BEST PRACTICES IN CRIMINAL INFORMATION SYSTEMS

Mexico's Federal Police led a regional seminar in October 2011 to share its knowledge and experience in fighting organized crime. More than 50 police officers from 25 countries in Central America, South America and the Caribbean participated in the event in San Luis Potosí,

Mexico.

The Mexican police explained their processes for collecting information, organizing and analyzing it, and making decisions. The backbone in the fight against transnational organized crime is police professionalism, said Adam Blackwell, secretary for multidimensional security for the Organization of American States (OAS). He added that Mexico and Colombia are leading the way on that front.

The Mexican Government and the OAS organized the event.

Sources: *El Sol de Mexico*, Organization of American States

África Ocidental



UNIDADE CRIMINAL PARA COMBATER O TRÁFICO DE DROGAS

Tráfico de drogas é uma grande ameaça ao desenvolvimento da Guiné-Bissau e tem provocado um aumento acentuado no uso de drogas ilícitas no país.

A fim de ajudar a conter o fluxo de substâncias ilegais na região, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, por sua sigla em inglês) auxiliou o país a criar uma unidade criminal transnacional. Fundado em dezembro de 2010, o grupo está prestes a se tornar totalmente operacional, enquanto continua trabalhando para desmantelar o crime organizado.

A África Ocidental é considerada uma porta de entrada para cocaína contrabandeada da América do Sul para a Europa. Em 2009, cerca de 13 toneladas de cocaína traficada via África Ocidental foram consumidas ou armazenadas na região, causando sérios problemas de saúde, informou a UNODC.

Fonte: Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

CRIMINAL UNIT TO CONFRONT DRUG TRAFFICKING

Drug trafficking is a major threat to the development of Guinea-Bissau and has led to a sharp increase in illicit drug use in that country.

In order to help stem the flow of illegal substances, the United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC) assisted the country in the creation of its Transnational Criminal Unit. Founded in December 2010, the group is in the process of becoming fully operational while it continues working to disband organized crime.

West Africa is considered a major gateway for cocaine smuggled from South America into Europe. In 2009, an estimated 13 tons of the cocaine trafficked via West Africa were consumed or stored in the region, causing serious health concerns, UNODC reported.

Source: United Nations Office on Drugs and Crime

Ásia

CORRUPÇÃO: Cartão vermelho no esporte

Esforços estão a caminho para prevenir apostas ilegais e resultados combinados no esporte, o que tem provocado casos de corrupção em todo o globo. Interpol, a maior organização mundial de polícia internacional, estima que, só na Ásia, as apostas ilegais movimentam milhões de dólares no futebol.

Durante a Copa do Mundo de 2010, uma operação da Interpol na China, Malásia, Singapura e Tailândia resultou em mais de 5.000 prisões por aposta ilegal, totalizando o valor de mais de US\$ 155 milhões (cerca de R\$ 287 milhões) em apostas.

Em maio de 2011, a FIFA, entidade que governa o futebol no mundo, anunciou uma doação de € 20 milhões (cerca de R\$ 48 milhões) à Interpol, ao longo de 10 anos, para que apostas ilegais e resultados combinados sejam erradicados. A iniciativa visa a proteger o esporte, os jogadores e os fãs contra a corrupção e a fraude, bem como fornecer formação e treinamento da Interpol contra corrupção.

Fontes: FIFA, MAARS Global News



AGENCE FRANCE-PRESSE

CORRUPTION: Red Card In Sports

Efforts are under way to prevent illegal betting and match-fixing in sports, which has led to cases of corruption across the globe.

Interpol, the world's largest international police organization, estimates that hundreds of millions of dollars are gambled illegally on soccer in Asia alone. During the 2010 FIFA World Cup, an Interpol operation in China, Malaysia, Singapore and Thailand resulted in more than 5,000 arrests for illegal gambling totaling more than \$155 million worth of bets.

In May 2011, FIFA, soccer's global governing body, announced a €20 million euro (\$29 million) donation to Interpol over 10 years to target illegal betting and match-fixing. The initiative seeks to protect the sport, the players and the fans from corruption and fraud, as well as provide Interpol training and education against corruption.

Sources: FIFA, MAARS Global News



MUSEU MILITAR DA COLÔMBIA

Entrada do Batalhão Colômbia, na Zona Interior, durante a Guerra da Coreia, travada entre os anos de 1950-1953 entre os Aliados, que apoiaram a Coreia do Sul, e a China, que apoiou a Coreia do Norte com a ajuda da antiga União Soviética. Sob a égide das Nações Unidas, a Colômbia foi o único país da América Latina a se unir às Forças Aliadas.

Soldiers stand at the entrance to the Colombia Battalion's reserve area during the Korean War. During the 1950-53 conflict, Colombia was the only South American country to join the Allies in supporting South Korea. China backed North Korea, with aid from the USSR.

GRÁTIS

ASSINE

A REVISTA DIÁLOGO

Se você deseja receber exemplares gratuitos da revista Diálogo, por favor visite: www.dialogo-americas.com/pt/subscribe, e preencha o formulário com seus dados.

